Escritor Peregrino Júnior

ANO XI — Nº 3

REVISTA
— DA —
ACADEMIA POTIGUAR
— DE —
LETRAS

Ad Sidera Semper

NATAL - RIO GRANDE DO NORTE - BRASIL

1967

José Ozil

ANO X — Nº 3

Revista da Academia Potiguar de Letras

Ad Sidera Semper

NATAL - RIO GRANDE DO NORTE - BRASIL

1967

Academia Potiguar de Letras

FUNDADA A 2 DE SETEMBRO DE 1956

DIRETORIA ELEITA PARA 1967

Presidente — Sandoval Wanderley
Secretário Geral — Antônio Soares Filho
Secretário de Atas — Antídio de Azevedo
Tesoureiro — Ulisses de Góis
Bibliotecário — Marcos Falcão
Diretor da Revista — Oliveira Júnior

COMISSÃO DE REVISTA E PUBLICAÇÃO

Monsenhor Alves Landim — Presidente
Boanerges Soares — Santa Guerra

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA

Luiz Soares de Araújo — Presidente
Jaime dos G. Wanderley — Luiz Patriota

UM ESTEIO DA NOSSA ACADEMIA

A Academia Potiguar de Letras apresenta hoje o terceiro número de sua Revista, documentário minucioso do que tem podido realizar nestes dez anos de vida, o sodalício de que é órgão na imprensa.

A sua direção está confiada ao acadêmico Sandoval Wanderley, detentor da cadeira nº 11 que tem por patrono Ezequiel Wanderley, homem de inteligência e cultura que muito contribuiu para o desenvolvimento das letras potiguares.

Há, porém, um nome que movimenta os destinos desta Revista. Que trabalha com entusiasmo e rara dedicação pelas suas edições. Que está sempre presente a tôdas as horas do dia ou da noite nas oficinas editoras, distribuindo matéria, revisando-a com o cuidado de evitar os erros tão comuns que se verificam em os nossos jornais. E' o acadêmico Antídio de Azevedo, Secretário de Atas da APL que exerce em a nossa cidade um trabalho intelectual dos mais intensos e notáveis.

Pertencendo à várias outras instituições — Instituto Histórico e Geográfico, Clube da

Poesia, Clube dos Trovadores, sócio honorário do Teatro de Amadores de Natal, Antídio de Azevedo tem sido um esteio de nossa Academia e um entusiasta desta Revista.

Desde a sua fundação, temo-lo ao nosso lado, solicitando artigos, discursos, num trabalho de organização admirável.

Por tudo quanto vem realizando pelo seu crescimento, pela sua repercussão entre as demais congêneres do país, a Academia Potiguar de Letras está a lhe dever as melhores fases de sua existência e a segurança da sua continuidade.

Não poderiamos guardar por mais tempo essa revelação, mesmo ferindo a modéstia do confrade. Aqui não vai um elogio encomendado. Um louvor injustificável. Mas a proclamação sincera de uma grande verdade.

Neste editorial, prestamos ao acadêmico Antídio de Azevedo a homenagem do nosso reconhecimento por tudo quanto dêle vem recebendo de maneira constante e eficiente, esta Revista que é a própria história da Academia Potiguar de Letras.

Academia Potiguar de Letras

MARCOS FALCÃO

Há dez anos passados, rápida como a águia de penas de ouro do sonho de Dante, que, descendo do céu, o conduzia sôbre as asas àquela esfera de fogo, surgia ao Mons. Alves Landim e aos Drs. Antônio Soares Filho e Boanerges Soares, a idéia feliz da fundação da Academia Potiguar de Letras.

Eram, no conceito de Oscar Brandão "uns eternos namorados da glória e ela vivia a fasciná-los para sentir a delícia de sua tortura de nunca poderem conquistá-la". Mas, felizmente, não se desiludiram nem se deixaram desanimar, pensando como alguém: "Para que correr atrás de belas miragens, quando elas fogem na proporção que delas se aproxima o ludibriado viajor?"... Não! O sonho dêsse grupo de intelectuais tomara vulto e forma, porque se realizara. Foi apenas uma cópia que teve por original o sonho de Sandegy.

Êsse velho pescador da Pérsia sonhara que achava enterrado no coração da terra, um pote de ferro, de cujo fundo retirava moedas e mais moedas de ouro. Confiando a decifração do mesmo a um sacerdote, êste o aconselhou que voltasse a pescar, e reduzisse a ouro o resultado de sua pescaria. Feito isso, tornou-se rico, em pouco tempo, o velho Sandegy.

Mons. Alves Landim e os seus companheiros de sonho, não encontraram um pote de ferro, mas

um cofre de jóias e esterlinas, que são os patronos e os imortais de sua Academia.

E começaram a recolher as jóias e as moedas de que precisavam para formar o seu patrimônio social... sem, porém, se aperceberem de que no meio daquelas moedas de ouro, havia uma de cobre, puro cobre, que o cinzel da graça divina e o esmeril de um esfôrço contínuo, conseguiram dar um polimento tal, que aparentava aos seus olhos indulgentes um brilho de ouro.

Esta moeda de cobre, sou eu. Eu, que a pedra filosofal de sua generosidade acolhedora, se dignara de considerar como ouro, pois queriam para mim, seu velho amigo, a sentença de Pitágoras: "Tu, entre imortais, és imortal também".

Pois que assim o seja, e façamos dessa piramide ideal, não um monumento de morte, mas uma "Acrópole Imortal", de onde irradiaremos a nossa cultura de potiguar, de modo que não venhamos envergonhar a posteridade, mas servir de estímulo aos que vierem, futuramente, ocupar as nossas poltronas nesse Panteão de Letras.

É de lamentar, porém, que nem todos os recrutados para tão nobre empreendimento, tenham sabido corresponder, na altura, a expectativa de nosso Presidente, pois, infelizmente, quase a metade dos acadêmicos permanece sem querer empossar-se.

Sou de opinião de que, quem não pretende operar, não deve interromper a atividade dos bancos, mas deixá-los livres para que se aproximem os que querem fazer transações.

Os estatutos das Academias de Letras deveriam ser menos condescendentes para com os seus sócios:

estabelecer um prazo até mesmo para os fundadores, embora um pouco mais longo do que aos demais aderentes, mas não ilimitado, isso para estimulá-los a tomar posse de suas poltronas.

Ora, quem, num período de dez anos, não dispôs de tempo ou não quis escrever o seu discurso de posse, não disporá nem quererá nunca... então o que se conclui disso? é que não lhe interessa a honra concedida.

E, nesta hipótese, por que não desistir, escrevendo à Academia apresentando a sua renúncia?... A prerrogativa da imortalidade só deveria ser conferida com a posse do imortal. Com o fim de estimulá-los.

Cada discurso de posse é para as Academias — o que representa cada bloco de pedra, sôbre o qual se elevam, cada vez mais soberbas, as majestosas pirâmides, onde, à semelhança das cordilheiras dos Andes, outros condores possam então satisfeitos — construir os seus ninhos.

Quando Platão fundou a primeira Academia do mundo, por entre o trescalar das flôres de um jardim, foi o seu propósito, assim penso, de não só conservar, mas cultivar, sobretudo, como se faz com as flôres, aquela outra floração intelectual que surgia na Grécia, porque só dêsse modo ela lograria se projetar pela "ronda dos séculos".

MOISÉS SOARES

LUIZ GONZAGA DE SOUZA

DISCURSO de Posse na Cadeira nº 14 da Academia Potiguar de Letras, pronunciado em sessão solene a 16 de maio de 1958.

Reverendíssimo Monsenhor José Alves Landim, DD.
Presidente da Academia Potiguar de Letras.
Digníssimas Autoridades.
Senhores Acadêmicos.
Digníssima Assistência.

Sinceramente, muito lastimo o não poder contribuir para o brilhantismo desta noite. Apresento-vos, portanto, minhas sinceras desculpas. Não sei mesmo a razão porque aqui me encontro; talvez devido à excessiva bondade dos nobres acadêmicos.

Jamais me julguei literato e, quando muito, um apaixonado da literatura. Que ninguém veja o contrário em razão dos nossos despretenciosos versos da juventude, pobres filhos, portanto, dessa quadra enganosa da vida. Sim, é verdade que versejei, mas versejei por versejar, sem caprichos de estética, despreocupadamente, alheio às mínimas exigências da crítica.

Repito, não sou literato, porém, como aqui me encontro, procurarei ser breve.

Como todos vós sabeis, a ilha de São Miguel é uma das que formam as três circunscrições de que está constituido o arquipélago do Açores, pertencente a Portugal. Até princípios do século passado, andava a metrópole como que esqucida dêsse domínio e, a referida ilha sofria as terríveis conseqüências do inexplicável abandono. Viviam os seus habitantes, a exemplo dos das outras ilhas, da agricultura e da pesca, porém em pequena escala. Se,

em nossos dias, os açorianos gozam dos enormes benefícios do progresso, todavia conservam muitos dos antigos costumes. Gente culta, trabalhadora e honesta, porém dominada por um singular espírito de aventura, responsável pelas emigrações dos séculos XVIII e XIX, principalmente, para o nosso país, talvez por identidade de crença e de idioma. Pedro de Araújo Soares foi um dos emigrantes. Ignora-se porém o motivo de sua preferência pelo Brasil e, em particular, pelo Nordeste, ao contrário da maioria dos seus conterrâneos, que preferiram as ricas paragens do Sul. Assim é que, lá por 1850, já se encontrava no Açu, entregue à agricultura e à pecuária. Não se tratava de um rústico, pois há sobejas provas de possuir boa instrução, que logrou transmitir aos filhos. Mas não teriam sido outros os motivos que o obrigaram a procurar o Brasil? Nada se sabe a respeito e tudo nos leva a crer no simples espírito de aventura, muito embora a existência, na época, em todo o império português, de inúmeras razões de ordem política e religiosa, responsáveis pela emigração de muitos. Pedro de Araújo Soares, consoante a tradição, era homem honesto e inteligente, cuja fé inquebrantável lhe animava o trabalho, abençoando-lhe todos os atos. Longe de atingi-lo, portanto, a intransigência lusitana. E abandonou São Miguel desejoso de contribuir para a grandeza do Brasil, onde preferiu o silêncio religioso dos campos ao bulicio das cidades grandes... Na sua bela e pequenina ilha varrida pelas tempestades oceânicas, ficou sua família. E outros Soares. Por exemplo, José Pedro Soares, possìvelmente da mesma estirpe de Frei Braz Soares; êste, historiador e latinista famoso, falecido em 1613; e, aquêle, brilhante orador e emérito tradutor de Ovidio, contemporâneo de Pedro de Araújo Soares. Simples coincidência ou frutos de uma só árvore que, em nossos dias, pode apresentar rebentos de real importância de um Luis Soares ou de seu irmão Antônio Soares de Araújo?

Mas, volto a falar-vos do emigrante lusitano Pedro de Araújo Soares. Fixou-se êle no Açu e, pouco depois, contraiu matrimônio com dona Clara Maria de Araújo Soares, prendada filha do abastado agricultor Antônio Soares de Macedo e de sua espôsa dona Ana Senhorinha Soares de Araújo. Houve vários filhos, destacando-se, entre êles,

pela inteligência e retidão de caráter, o Cel. Pedro Soares de Araújo. Admira-se, sobretudo, nessa **viris illustribus**, o profundo respeito que imprimia a todos os que o conheceram, e que, até os nossos dias, não puderam esquecer-lhe os invejáveis dotes. Tôda a sua existência vale como um exemplo de trabalho eficiente e honesto, que não pode ser traduzido nestas poucas e descoloridas palavras.

O Cel. Pedro Soares era casado com dona Ana Senhorinha Soares de Araújo, que, por conseguinte, tinha o mesmo nome de sua genitora. Moisés Soares foi o 6º filho do casal, tendo nascido na chácara São Pedro, na antiga Rua das Hortas, atualmente Rua Moisés Soares, numa casa que está ainda resistindo ao tempo. Moisés, o nome era estranho à família, porém o fato de o pequeno ter-se batizado num 24 de junho, data da libertação dos escravos do Açu, além de ser o dia de São João Batista, tem-se justificado, assim, o nome bíblico, que significa salvo das águas. A cerimônia batismal realizou-se na igrejinha de São Sebastião, demolida há alguns anos, porém que ainda cheguei a ver. Foi oficiante o Padre Soares de Freitas, vigário colado de freguesia de Caraúbas e serviram de padrinhos João Cândido Maciel de Brito e dona Maria Leocadia de Araújo Medeiros, espôsa de Antônio Correia de Medeiros.

Até aos 10 anos, o futuro tribuno mostrou-se alegre e travêsso, sem que apresentasse particular predileção; um garôto como tantos outros do seu tempo, sujeito, por vêzes, aos excessivos cuidados dos familiares. Divertia-se a fazer-se de comerciante, soltando papagaios, etc., usando e abusando dêsses inocentes brinquedos, que constituiam o doce enlêvo dos meninos de outrora.

O Açu, no entanto, começou a se mostrar pequeno aos olhos dos Soares, então desejosos de educar os filhos condignamente, de modo pudessem, um dia, melhor desfrutar um lugar ao sol. Além do mais, afazeres de ordem política e administrativa, exigiam a mudança do Coronel Pedro Soares para Natal. Foi o que ocorreu. Moisés contava 10 anos por essa época.

Esta velha cidade dos Santos Reis certo não possuia mais de 18.000 habitantes. Cidadezinha pobre, mas ape-

sar disso, alegre, graças aos festejos tradicionais, de modo algum comparável ao Açu, onde, além das festas de Ano Bom, São João e São Pedro, sòmente os cantadores de violas ousavam quebrar a quase impertubável monotonia. Parece, no entanto, que o garôto não gostou de Natal, pois tão logo conseguiu desarnar-se, regressou ao amado torrão.

A escola de dona Petronila Leiros era a mais preferida dos poucos estabelecimentos de ensino natalenses. Ficava na Rua da Conceição, próxima à Catedral, onde o Padre João Maria, em pleno vigor de seu santo ministério, espalhava luz e bondade. Casa feia de muitas janelas enfeitadas de flôres. Dona Petronila, professôra primária, com gritos e palmatória, dentro da pedagogia de então, ensinou as primeiras letras ao menino Moisés. Não se sabe por quanto tempo com ela estudou. Acredito que durante dois anos, pois que, aos doze, já se encontrava no Açu, ajudando no balcão da madrinha, dona Maria Leocadia de Araújo Medeiros.

A paixão pelas boas letras lhe deve ter surgido por êsse tempo, certamente por influência de Palmério Filho, seu dileto amigo, para quem o jornalismo não podia ser uma profissão, mas o próprio motivo de sua existência. Figura admirável êsse Palmério! Veio a se tornar conhecido e admirado, dentro e fora de nossas fronteiras, sem que jamais tenha saído do Açu, onde faleceu, há poucos anos, quase centenário!... Tal influência pode melhor ser comprovada ao saber-se da existência, ainda hoje, do exemplar de um minúsculo jornal editado por Moisés e, todo êle, manuscrito...

Mas perdoai-me, senhores que me ouvis! Sei que estou a alongar um trabalho, que devia ser breve. Bem compreendo a vossa inquietação, porém não posso deixar de reviver, mesmo "sem engenho e arte", o Açu dos velhos tempos!... Assim, podereis compreender Moisés Soares e as fontes inspiradoras de tantos açuenses ilustres. Falarei pois dessa terra de esguios e verdes carnaubais, quando ela se encontrava nas últimas décadas do último século e os primeiros quinze anos do atual. Vereis que em nada se parece com outros municípios; pelo menos, do Estado. Conserva características próprias. Grande e constru-

tivo era o gôsto literário. Uma terra de poetas, que improvisavam com assombrosa facilidade. Nem teatro nem dança. Vaqueiros e cantadores e, em tôrno dêstes, um rosário de lendas heróicas. Jamais esquecidas nas conversas diárias à sombra das árvores que se erguiam à frente das poucas lojas e bodegas.

O casario baixo e irregular, formava ruas estreitas e tortas em tôrno do mercado, como se pretendessem abraçá-lo. Êste, de biqueiras para os lados, constituia-se de pequenos quartos, onde quase tudo se vendia. Desde o fumo de corda trazido do brejo por João Soares, matuto alto e forte que, numa feira em Santana do Matos, teria ganho, no baralho, todo o dinheiro do famoso bandido Antônio Silvino, até a aguardente de cana procedente de Ceará Mirim. Havia ainda um tipo curioso — Dudu, que costumava ficar horas a fio à porta do mercado a brincar com os dedos. Diziam ser genro de Josefa Malcriada, mulher valente e atrevida.

O sábado destoava dos outros dias devido à feira. A cidade enchia-se de gente dos arredores, para comprar ou vender. Ou para ambas as coisas. Surgiam sempre os violeiros. Bebia-se cachaça pelas vendas e gergelim na quitanda de Seu Adolfo, irmão da baronesa de Serra Branca.

A festa de São João ganhava para as outras em importância. O mercado, nesse dia, não cerrava as portas, permanecendo abertas até o raiar do sol do dia seguinte. Durante tôda a noite, fogueiras enormes crepitavam diante das casas, para que o diabo não viesse dançar nas portas. Divertia-se o povo comendo alfinim e bebendo aluá. Também não se desprezava o milho verde assado na brasa das fogueiras e a aguardente de velhos alambiques de barro.

Porém, na mística simplicidade do Açu de outrora, a figura romanesca do violeiro assumiu lugar de invejável destaque. E êsses rústicos menestréis não eram em pequeno número; ao contrário, havia muitos a cantar, ferindo as cordas das violas afinadas. Certo, ainda os há em nossos dias, porém os verdadeiros cantadores dormem, de há muito, nas sombras do passado. E são alguns dêles que me proponho relembrar, numa breve e pálida homenagem. Primeiramente, o mais inspirado de todos—Manoel

do Riachão, que dizem ter cantado com o diabo, salvando-se graças à interferência de Nossa Senhora. Era baixo, preto e forte, quase gordo. Gostava de dançar cantando, ao mesmo tempo. Na época em que andou pelo Banguê, no Piató, contava mais de setenta anos. Vivia convicto do próprio talento:

"Manoel do Riachão
Tem quatro coisas completa:
Canta bem, toca viola,
É trovador e poeta."

Outro admirável violeiro foi Manoel Salvador, cujos versos, infelizmente, ninguém guardou na memória. Não menos importante, João Bilro do Japi, cantava com voz estridente:

"Vocês me chamam João Bilro
E eu não sou Bilro daqui;
Sou bilro das almofadas
Das meninas do Japi."

Luis da Chiquinha também foi ótimo violeiro; ainda hoje se comenta, no Piató, a peleja que êle manteve com Maria Turbana. Foram-se todos êles, mas seus felizes improvisos continuam na lembrança de muitos velhinhos que, nas noites de lua do Piató, nos alpendres de suas choupanas, à beira da grande lagoa, gostam de repeti-los para os netos e pessoas amigas.

O Açu de hoje é uma cidade moderna, com bonitos prédios e amplas avenidas. Caminha a passos largos para o progresso. Centenas de crianças freqüentam escolas-modêlo, enquanto a juventude acorre aos colégios. Mas tudo isso representa o produto do esfôrço e da inteligência dos seus filhos.

Os bardos brigões e vagabundos souberam despertar nas crianças de pais abastados o gôsto pelas boas letras, além de que lhes infundiram na alma juvenil verdadeiros requintes de sensibilidade poética. Sem êles, na ausência dos seus versos improvisados ao som da viola, jamais o Açu teria merecido o nome de Atenas Norte-riograndense! E, conseqüentemente, difícil dizer-se onde

hoje se encontrariam os mestres da poesia, que se chamam Palmério Filho, Abdon de Macedo, Antônio Soares de Araújo, Ezequiel Wanderley, João Celso Filho e Moisés Soares!

Moisés, sobretudo Moisés foi bem o reflexo do seu povo: simplicidade, amor às coisas puras e belas, pois são êsses os primorosos dons que lhe animaram o admirável talento de orador, de jornalista e de advogado.

Tendo-se formado em Fortaleza, muito embora tivesse iniciado os estudos no Recife, já por volta de 1910 se encontra em Natal, envolvido em lutas políticas. Parece que o jornal e a tribuna exerciam sôbre o môço bacharel um poder fascinante. Nascera dotado para as grandes e nobres causas e a todos encanta com o brilho da palavra fluente e polida e a real nobreza dos atos. Além do mais, as duas primeiras décadas dêste século foram ricas em demonstrações de talento que, por todos os recantos do mundo civilizado, pareciam vibrar aos últimos sons da lira de Victor Hugo. A liberdade estava nos lábios e no coração dos verdadeiros idealistas. Distanciava-se um mundo nobre, porém cheio de concepções superadas. A alma consciente do Brasil, sem que desprezasse os sagrados princípios nacionais, erguia-se altaneira em busca de justiça e fraternidade. Assim, o Rio Grande do Norte, a exemplo do que ocorria lá fora, palpitava no coração dos seus filhos ilustres. Então, os nossos heróis tinham êstes nomes: Henrique Castriciano, Eloy de Souza, Ferreira Chaves, Sebastião Fernandes, Hemetério Fernandes, Garibaldi Dantas...

Não obstante tratar-se de um período no qual a paixão literária, ainda impregnada de romantismo, lograva prender a mocidade ao fascínio das musas, Moisés, no entanto, foi um dos poucos que, então, ligaram-se às associações operárias e aos problemas esportivos, a todos emprestando o melhor do seu esfôrço e do seu talento. Nisto, contou com o seu não menos ilustre irmão Luís Soares de Araújo. Juntos, também vamos encontrá-los na fundação do escotismo em nossa terra. Aliás, as idéias de Baden Powell os dominaram desde o primeiro momento. Idealistas, um e outro, logo viram um meio eficiente de combate aos grandes males físicos e morais da juven-

tude de então. E tanto fizeram em proveito dessa nobre causa que, em pouco tempo, surgiram preciosos frutos. Após a morte prematura do irmão, Luís Soares continuou sòzinho; em nossos dias, parece ter a àrvore envelhecido um pouco; todavia ainda se verificam ótimas colheitas...

O que mais impressiona em Moisés Soares não são, porém, os pendores literários. Admira-se-lhe, sobretudo, a enorme capacidade de trabalho, que o obriga a um labor constante. Não pára, não descansa; está em tôda a parte, como se tivesse a certeza da morte próxima e sentisse a premente necessidade de concluir a sua nobre missão na terra. Trabalha muito e, enquanto trabalha, cresce-lhe o prestígio aos olhos da administração pública, com o que se lhe aumentam as responsabilidades. E assim é que, a 25 de março de 1912, noticiava um dos jornais da época: "Cumprimos o grato dever de felicitar nosso jovem e distinto consócio honorário Dr. Moisés Soares, recentemente nomeado lente do Ateneu Norte Riograndense. O zêlo e o critério com que S. Sª. desempenhou até bem pouco o difícil cargo de Delegado do Govêrno Federal junto àquele estabelecimento, dão-nos fundamento bastante para asseverarmos que em o nôvo pôsto a que acaba de elevá-lo a confiança do govêrno estadual, manterá o talentoso môço as mesmas tradições de inteligência e de amor à instrução".

Após um ano de atividade na cátedra, voltou à política, interessado na eleição de Ferreira Chaves. Agigantou-se na tribuna e na imprensa, num impressionante exemplo de coragem e de civismo. Todos os rincões do Estado ouviram-lhe a palavra fácil e colorida, em memoráveis comícios. Não resta dúvida quanto à sua decisiva influência para a vitória final. Mas se êle cresceu no conceito público, todos os seus esforços vieram a ficar no esquecimento dos vitoriosos. Esperava-se fôsse escolhido para a deputação federal, porém seu nome não constou da chapa. Felizmente as portas do velho Ateneu continuavam abertas e, como recompensa, coube-lhe tão só a cadeira que lhe fôra dada pelo Governador Alberto Maranhão. Em parte, o meu patrono foi culpado; êle não sabia cobrar o preço dos seus esforços. Depois da luta, quedava-se silencioso, num injustificável respeito à justiça humana.

Finalmente, o Dr. Joaquim Inácio de Carvalho Fi-

lho, que ocupava as altas funções de Secretário Geral do Estado, exonerou-se delas, a fim de assumir o cargo de Juiz de Direito na comarca de Caicó e a vaga foi preenchida por Moisés Soares.

Sr. Presidente,

Meus Senhores. Minhas Senhoras.

Ao estudioso da vida dêsse inesquecível norte-rio-grandense o que mais preocupa é a enorme quantidade de documentação. Não sei de outro conterrâneo que, numa existência tão curta, tenha merecido maiores considerações por parte de amigos e admiradores. Assim, êste trabalho tinha mesmo que fugir aos estreitos limites de duas ou três páginas datilografadas, transformando-se neste esbôço de uma obra de maiores proporções, que serei levado a concluir, em futuro próximo e, na qual, procurarei estudar, atentamente, não só Moisés Soares, mas os principais vultos das nossas letras, nesse longo e precioso período da nossa história literária. Dêste modo, dispenso-me de comentar fatos, dedutíveis com facilidade, para transcrever apenas artigos de revistas e jornais; pois julgo que, só assim, me será dado chegar ao têrmo desta jornada, sem que prive a todos de uma segura noção do ambiente literário, social, político e religioso, onde viveu e morreu meu ilustre patrono; bem como um fiel roteiro de suas múltiplas atividades. E eis então "O Remo", de 15 de novembro de 1920:

> "A Diretoria da Confederação Brasileira de Desportos, pelo órgão de seu ilustre presidente, Major Ariovisto de Almeida Rego, acaba de distinguir o nosso esforçado conterrâneo, Dr. Moisés Soares de Araújo com a honrosa nomeação de seu Delegado neste Estado, para o fim de confederar o maior número possível de sociedades federadas, representadas pela entidade superintendente dos esportes entre nós. O Dr. Moisés Soares está de tal modo ligado à mocidade esportiva natalense e esta lhe é devedora de tais e tão relevantes benefícios, que já se habituou a considerá-lo um dos seus elementos mais entusiastas. Inteligente, trabalhador e justo, o Delegado da Confederação Brasileira de Desportos en-

tre nós, conseguirá desempenhar a elevada missão que lhe acaba de ser confiada, muito embora estejamos convencidos de que terá de encontrar grande dificuldade em face da má compreensão, que os nossos clubes de **foot-ball** têm do que seja o apreciado esporte bretão, e os seus elementos componentes, na mor parte desconhecem os requisitos indispensáveis ao perfeito esporte. O Dr. Moisés Soares encontra entre nós verdadeiros amigos da causa, e eis as palavras com que nos apresentamos em nosso editorial do prímeiro número. "O Remo", que é porta-voz de uma associação desportiva, que abrange também os esportes terrestres, cumprimenta o Dr. Moisés Soares pela merecida distinção e congratula-se com a mocidade esportiva natalense por mais êsse passo dado em proveito do desenvolvimento da nobre causa."

Em 1922 vibravam Portugal e Brasil com o feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, ligando, com um vôo transatlântico, as duas nações irmãs. Vivamente entusiasmado, Moisés falou aos seus escoteiros do Alecrim. Eis a íntegra do discurso:

"Não sei que suave emoção me enche docemente a alma nesta hora memorável em que num longo abraço de fraternidade, vós, escoteiros de minha terra, jovens soldados da guarda de honra do porvir, vindes jubilosos formar em frente dêste monumento da justiça humana, na alvissareira celebração de um feito extraordinário que renova e fortalece sentimentos irmãos, ligando no passado e no presente, os sonhadores e os heróis do Brasil e de Portugal.

Bela e consoladora, a vossa, meus caros amigos, unidos na consagração, na tenacidade heróica de Sacadura e Coutinho, o sacrifício glorioso de Augusto Severo. Parece-me ver auroras pungentes de hoje, dias luminosos de amanhã entre o sonho e a realidade. Lembraste-vos, neste instante, de Severo, o nosso infortunado conterrâneo. Êle foi bem o sonho promissor que nos bradou, confiadamente: PERSERANÇA! PERSEVERANÇA! PERSEVERANÇA! que mais tarde guiou vitòriosamente o gênio de Santos Dumont, na volta nunca dantes conseguida em

tôrno da Tôrre Eiffel, sob o mais fremente entusiasmo da sábia França, enaltecendo e glorificando o nome do Brasil. PERSEVERANÇA! Companheiro inseparável dos nobres filhos da formosa Lusitânia. Ainda agora, com o braço rijo de luzida coragem, a conduzirem pela imensidade dos ares, vencendo a imensidade das distâncias através de mil escolhos, um pedaço rutilante de sua gloriosa pátria, que êles sabem recebida na pátria irmã, em nossa cara pátria, como se fôsse a própria alma brasileira vibrante e corajosa, sonhadora e abnegada. Quiseste abençoar a memória abençoada do intrépido sonhador do PAX, os nomes aureolados de Sacadura e Coutinho. Êles são a realidade imortal que nos anuncia glòriosamente — Vitória! Vitória! Vitória! sem mancha que oferece êste belíssimo espetáculo do consórcio de almas generosas ao serviço dos mesmos ideais, dando-nos o orgulho e o confôrto de admirar; tão fecundo e benéfico é o sacrifício dos que aspiram sem vacilações até à morte, a grandeza e felicidade dos povos.

Vitória do sonho, vitória da perseverança! Sonhai e perseverai, filhos diletos do Rio Grande do Norte. Sonhai com os grandes dias da pátria. Sonhai com seus filhos ilustres, os seus heróis imortais!

Dentro dêsse sonho sempre nôvo, em que resplandecerão aos vossos olhos, a luz imorredoira da história — sublime na sua glória e imagem serena da pátria — grande no seu heroismo, as figuras homéricas dos Miguelinhos e dos Severos, encontrareis o caminho seguro do vosso dever, radiante de estímulos, de lições e de exemplos que fortalecerão o vosso coração no amor e na fé pelo Brasil! Jovens escoteiros! Bendita seja vossa alegria, em cujos ruídos há sons de clarins em honra de alvorada, convocando os soldados da fé para os combates do futuro! Bendita seja essa alegria, que brilha como estrêla polar nas almas fortes, no céu luminoso de nossa pátria, alentando os vencidos e coroando os vencedores. Bendita seja a alegria, que nos transporta nas asas dos mais puros pensamentos aos dias que se foram entre a saudade de uns e a glorificação de

outros, nos dias que hão de vir, entre hinos de louvores e côres de esperança. Bendita, mil vêzes seja, a vossa santa alegria, meus jovens escoteiros. Os fatos se repetem, os exemplos frutificam, o homem luta e vence sob as bênçãos de Deus e da humanidade. Quem ao assistir hoje a chegada triunfal de Sacadura e Coutinho, num vôo feliz de Portugal ao Brasil, não se lembrará da figura épica de Cabral, vindo outrora "por mares nunca dantes navegados" a esta mesma terra materna, então desconhecida, atestar o valor de uma raça, engrandecendo o mundo deslumbrado, com um território imenso em que deveria nascer, crescer e triunfar esta invejável nacionalidade que é o nosso amado Brasil. Como é justo o vosso alvorôço patriótico, como nos sentimos orgulhosos ante o muito que temos feito, mostrando-vos dignos das nossas tradições. Em frente a monumento como êste, que realça a vida de um lutador e de um herói, bem podemos exclamar, com tôda a energia dos nossos corações de patriotas: Pedro Alvares Cabral não foi inglório o teu esfôrço, não foi infundado o teu júbilo, ó alma heróica de Portugal!

O Brasil vive, cresce e triunfa, digno do teu nome, ó pátria irmã, na paz e na guerra, não deslustrando jamais, o esplendor da tua história, eterna lição de brio e de coragem.

Vêde, senhores, ainda na festa de hoje, o coração brasileiro tem direito a um lugar de honra na brilhante cordilheira dos gloriosos conquistadores dos ares. Não vencem sòmente os que sobem, mas também os que caiem na ânsia de um ideal. Êsse diante de cuja estátua todos nós nos descobrimos nesta hora, bem merece o nome abençoado de vencedor! A sua vida tôda consagrada ao serviço da ciência, que eleva a humanidade, dá-lhe direito, incontestàvelmente, ao título de herói. Vinde, pois, almas juvenis, corações imaculados, entoar louvores aos insignes servidores dos grandes ideais humanos; vinde, escoteiros do Alecrim, honrar a memória apreciável do saudoso aeronauta brasileiro, em cuja vi-

da ressaltam em clarões de apoteoses a bondade, a coragem e a perseverança!"

Palavras candentes, cheias de fé nos luminosos destinos da ciência! E tôdas impregnadas de profundo lirismo; contudo, dentro do real e do humano. Grande brasileiro, verde e amarelo de coração e de alma, não fugiu às glórias contagiantes de Portugal, pois lhe ferviam no sangue varonil as mesmas tradições de crença, de religião e cultura da gente lusitana. Todavia, político que era, preferiu, desta vez, a mocidade, ao invés de buscar, na praça pública, os aplausos da multidão, nem sempre sinceros.

Se grande foi o orador, de igual estatura foi o advogado, o cultor do Direito, o defensor dos humildes. Rica e honrosa é, até hoje, a tradição dos seus brilhantes feitos jurídicos, aos quais não falta a luz do seu espírito humanitário. Eu bem poderia relatar alguns, não fôsse o desgôsto de, assim procedendo, ter que vos privar de ouvir, a respeito, as linhas que se seguem, saidas da pena dessa figura culta, brilhante e inesquecível, que foi Sebastião Fernandes de Oliveira. E o faço numa pálida, porém justa homenagem.

Jornal "A Notícia", de 19 de novembro de 1922:

"Quando, naquela desoladora tarde de 7 do corrente, voltavamos, ao cair silencioso da noite, do cemitério do Alecrim, onde haviam dado ao seio generoso da terra, os restos mortais de Moisés Soares, na sensação de isolamento e de vácuo imenso que se abria em tôrno da nossa tristeza, achamos que só na coleção do "Jornal da Manhã" encontrariamos consôlo para a grande saudade que o amigo inesquecível deixara em nossos corações. Ali o encontrariamos no esplendor de sua inteligência peregrina e da sua bondade avassaladora, cheio de fé, de entusiasasmo, de confiança no destino, que nunca lhe supusemos tão ingrato! A conversa conosco na estreita e carinhosa camaradagem de há nove anos passados. Em parte alguma, nem entre os seus, afogados agora na dor imensa em que a perda os lançara, nem nos pontos de sua predileção, na cidade, em parte alguma o encontraremos jamais, a não ser naquelas

páginas cheias de ardor, de convicção, de patriotismo e de arte, onde a sua alma se refletia tôda, inteiramente, e onde parece que ainda circula nos períodos que ali traçara o próprio sangue de suas veias. Êle no seu feticismo pela verdade, eu com a minha mania de fazer justiça com o sacrifício da própria tranqüilidade, pelejamos ali ao lado de companheiros valorosos, uma grande batalha democrática, a maior e a mais sincera até hoje ferida no cenário político do Estado, até que os rebates alvissareiros da vitória fizeram depor as armas incruentas mas inamolgáveis. Com as responsabilidades da tremenda campanha que ali se feria e de cujos redutos partiram as primeiras fuziladas contra o adversário arguto e temível, sôbre êles pesaram ódios e ameaças formais de amigos, que amigos comuns nos segredavam e se afirmaram logo depois, ostensívamente, em artigos e boletins incendiários. Nada o fizera, entretanto, arrefecer na pugna tremenda pela autonomia da terra que amara acima de tôdas as coisas, personificada naquele memorável instante de nossa vida partidária, em um nome ilustre que reunía em tôrno de si tôdas as simpatias reais e verdadeiras aspirações do Rio Grande do Norte. E da banca humilde da redação do «Jornal», que vivia só do nosso esfôrço e dos favores do público, onde a orientação segura do meu nobre amigo juntava-se ao admirável censo estético de Carlos Policarpo, subira Moisés Soares à tribuna dos comícios para levar diretamente, sugestionadoramente, a palavra incendiada de sua convenção às massas delirantes, aos estos de sua eloqüência cheia de mocidade e de fé patriótica. E, até aí, subiamos com êle, arrastados pelos mesmos ideais, sentíssemos, embora a inferioridade de nossa atitude, até a beleza dos seus arrogos que tantas vêzes eletriza, em aclamacões tumultuosas, as potentes multidões que nos ouviam. O seu nome ganhara então as simpatias e a admiração de todo o Estado e, na cidade, nas numerosas agremiações políticas que se instituiam para o mesmo fim, lá estavam o seu nome e a sua palavra e o seu exemplo de abnegação e sinceridade. Tudo quanto a juven-

tude de Natal tinha de inteligência e de valor se congregara em volta daquele espírito privilegiado, cheio das mais encantadoras seduções de bondade. E, quando depois da noite decisiva de 19 para 20 de julho de 1913, o adversário vencido em tôda a linha, deixando-se teimoso em guerrilhas inúteis e insensatas, nos supremos esforços de uma derrota formidável, davamos longos momentos de trégua tranqüila, gozavamos então, mais largamente, fraternalmente, da sua encantadora intimidade: a revelação das suas predileções pessoais, as suas ambições de progresso e renome pela terra querida, a explanação dos problemas que mais interessavam, os nossos erros e acêrtos na administração pública... Jamais lhe interessaram os resultados materiais do triunfo, a conquista de posição e prestígio político; e, se porventura, a intimidade índiscreta, os antevia ou almejava, o fazia sem acolhida e a confidência resvalava para o fim único e alvejado, sem recompensa, porque era um dever de honra a salvação das nossas instituições e da nossa autonomia, afinal, a causa da ordem e da legalidade, esperada a sucessão governamental com o júbilo que o ilustre patrício que empunhava as rédeas do Govêrno, despertava por todo o território riograndense. Finda a nossa missão, fôra-se o pranteado amigo a combater pugnas menos agitadas, entregando-se ao progresso educacional da nossa mocidade e ao desenvolvimento mental do Estado. Jamais uma idéia nobre, generosa ou humana o encontrara indiferente ou sequer esquivo no seu aplauso e concurso direto. A causa dos desvalidos jamais deixara de contar com o seu patrocínio. Por êsse tempo, dera-se na cidade um crime sensacional. Uma casa bancária de nossa praça amanhecera com uma das portas abertas, o cofre violado e subtraida dali a importância de 108:000$000. O nosso esforçado "detetive" capturara os indiciados, dois estrangeiros, levando-os à confissão do crime e a restituição daquela importância à casa assaltada. A população aterrorizada só com a idéia de tão terríveis visitantes e o comércio especialmente, encheram-se de justa indignação e de violenta sêde de vingança contra os fa-

migerados meliantes. O mais nôvo confessara o crime, assumindo tôda a responsabilidade do delito. E assim, sôbre êle pesava o maior desprêzo da população. Sòzinho, entre os desconhecidos, sentindo o pêso da hostilidade, que tão justamente o assediava, sem recursos e sem nada, lembra-se o "confesso", que fizera com as próprias mãos a entrega do dinheiro roubado de socorrer à generosidade de Moisés Soares. Aquêle excelente coração jamais se pudera recusar a socorrer os que em situação aflitiva o procurassem. Ouviu, ponderou, desde logo, a falta que o **pobre rapaz** havia cometido e se comprometeu: ir defendê-lo à barra do tribunal do juri. "Não devemos esquecer que todos os que caem são capazes de levantar-se". Ao menos é o que compete à sociedade verificar, dizia êle, convidando-me que eu o deveria acompanhar nesse **ato de caridade humana** com o auxílio das minhas "doutrinas". Referia-se o querido amigo à minha paixão pelas novas teorias em direito criminal. Convenceu-me; e eu que tinha um grande prazer em acompanhar de perto as suas vitórias, segui-o nessa jornada que o seu talento e o seu coração tornaram notável no nosso meio judiciário. O esperto meliante, ao aproximar-se o dia do julgamento, entre outras penúrias, lhe falara em uma filha de 17 anos que havia deixado num país distante, na Austria ou na Alemanha, consumindo-se numa tuberculose incipiente, sem recursos, que saira a procurar, para ela e para a espôsa aflita e às portas da miséria, a quem mandara dizer que lhe sucedera uma grande desgraça e a quem aconselhara, em lágrimas que lhe queimavam a alma, uma imensa resignação... E, por isso, cheio de comovedora compaixão por êsse desgraçado, nunca o vi tão brilhante, tão lúcido, tão eloqüente, quer na tribuna popular, quer judiciária, como naquele dia. Tôda a vasta sala do pretório, transbordante do que Natal tinha de mais seleto na sua inteligência, fremiu, estremeceu, perdoou, ante aquela palavra, que nunca mais teremos a fortuna de ouvir... O criminoso fôra absolvido com escândalo dos próprios juizes de fato, que o julgaram e da imprensa local. Era assim

aquêle coração. Político por temperamento, para não dizermos por herança, por mais que o procurasse e quisesse, não lhe era possível ser indiferente ao que se passava nesse domínio. E, quando o mal terrível o iludiu numa melhora, que a morte preparara, para que êle se fôsse numa surprêsa, que redobrasse o nosso pezar e a nossa saudade, inquiria o que se passava ali, comentando com a sua habitual discreção os fatos postos em foco. Conhecera desde muito cedo tôdas as seduções da grande "fascinadora"; e por ela expusera a própria vida, para que se não surpreendesse com as suas ingratidões!"

Belíssimo trabalho do Dr. Sebastião Fernandes, que, sem favor, encontra-se incluido entre os luminares da nossa cultura; mas, devido tão só ao já extenso volume dêste trabalho, que está indo muito além do meu desejo, deixo de transcrevê-lo na íntegra, o que, com a maior sinceridade, lastimo. E, assim, aventuro-me a estudar o poeta, servindo-me, para tanto, das poucas composições que nos legou. Lindas embora e cheias do refinado sentimento do artista, bem longe se encontram dos insondáveis recursos de sua inteligência. Deve-se isso à sua vida atribulada pelo excesso de ocupações, que não lhe permitia transformar a arte poética num capricho de joalheiro, tal qual pensava o grande Bilac. Versejou por versesejar. Não podia desistir da coqueluche da época e deixou-se ir na cadência da rima, motivo por que não seguiu determinada escola, porém tôdas ao mesmo tempo, numa curiosa mistura de condoreirismo, romantismo e parnasianismo. Os temas também são vários. Seu único e admirável poema é o da própria existência. Não obstante, quem poderá esquivar-se ao encanto dêste sonêto dedicado a Palmério Filho:

MAIO

Maio chegou, trazendo-nos querida,
Aquelas mesmas ilusões de outrora;
Minh'alma que era triste, compungida,
Mais do que nunca é prazenteira agora.

Sinto em meu peito, onde a saudade mora,
Brotar a crença que julguei perdida.
Mais risonha e feliz desponta a aurora,
De nossa doce e florescente vida.

Maio chegou... Éramos nós dois sòzinhos,
Ouvindo o canto festival dos ninhos,
Colhendo as rosas dêste nosso amor!

Maio chegou... Tôda a alegria aumenta,
Em cada peito uma ilusão rebenta,
Como rebenta nos vergéis a flor!

E ainda o sonêto CAIR DA TARDE, no qual se percebe um profundo desânimo, uma dolorosa amargura:

Desmaia a tarde... E Febo rei do dia,
Guarda no poente a loura cabeleira;
Agita o vento os ramos da palmeira,
Ressôa o bronze além — Ave Maria!

Vejo passar em terna melodia,
A passarada pelo azul ligeira;
Foge-me d'alma a crença derradeira,
Brota em meu peito amarga nostalgia.

Tudo é silêncio e paz... Tudo é tristeza...
Triste é minh'alma, é triste a natureza
Nesta hora em que a mesma dor sentimos.

Vi-te partir, chorei; também choraste.
E nunca mais e nunca mais voltaste
E nunca mais e nunca mais nos vimos.

Assim era o poeta.

Moisés Soares parecia destinado a uma longa existência. Engano terrível, pois tanto entusiasmo e tanta vida teriam, por capricho de um destino implacável, duração bem curta. Ainda dias antes de sua morte, um dos nossos jornais publicava:

"Passará no dia 2 de maio o aniversário nata-

lício do Dr. Moisés Soares, ilustre advogado de nosso fôro, lente do Ateneu norte-riograndense, Diretor da Escola de Comércio e, ùltimamente escolhido pelo Govêrno para exercer o honroso cargo de delegado escolar junto ao Colégio da Imaculada Conceição. Essa Delegação traduz a capacidade do dr. Moisés Soares na grande prova de confiança, que não é mais do que a honra ao mérito indiscutível. Orador ardoroso, jornalista combatente, a sua palavra domina e a sua pena triunfa..."

Porém em julho do mesmo ano, lia-se esta notícia:

"Enfermos - Há mais de um mês guarda o leito, bastante doente, o nosso amigo, dr. Moisés Soares, competente advogado..."

No entanto, A REPÚBLICA de 21 de julho informava:

"Sabemos achar-se sensìvelmente melhorado da moléstia de que foi ùltimamente acometido, o nosso ilustre amigo dr. Moisés Soares..."

Era o ano fatídico de 1922; contra a expectativa geral. Agôsto, rezam os fados: mês do desgôsto. A notícia caiu como uma bomba sôbre a cidade estarrecida. Eis a notícia, em destaque, do mesmo jornal, dois dias depois do doloroso ocorrido:

"Faleceu ante-ontem à noite, o dr. Moisés Soares, lente do Ateneu Norte-riograndense, advogado dos mais preclaros do nosso fôro, figura de maior destaque na sociedade natalense. Môço ainda, o dr. Moisés Soares, seguindo uma tradição do seu nobre progenitor e honrando esta raça forte com que o Açú tem contribuido para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte, entrou na vida política pela porta larga do trabalho, do estudo e do merecimento pessoal, tornando-se, de logo, conquistador: o conquistador dos grandes ideais, o conquistador da imprensa, o conquistador do ensino, o conquistador da administração, o conquistador dos desportos e, sobretudo, o conquistador dos corações que todos se

confessavam rendidos às emanações de afetos e bondade, de respeito e carinho por êsse môço que, a todos cativava pelo seu trato e que partiu para o além carregado de bênçãos, sem remorso de ter feito os outros derramarem lágrimas, porém com o consôlo de ter enxugado muitas lágrimas por outros derramadas. Espírito de combate, foi, logo cedo, levado para as lutas da imprensa, nesta fôlha, que, durante o Govêrno Alberto Maranhão, orientou com sua inteligência e operosa direção no "Jornal da Manhã", que fundou e dirigiu em 1913, tornando-se um forte baluarte da campanha política, a favor da candidatura Ferreira Chaves; dedicando-se ao ensino, dirigiu com muito zêlo e competência o Ateneu Norte-riograndense, onde regia a cadeira de filosofia. Orador fluente e ardoroso, o dr. Moisés Soares conquistou uma áurea de tribuno, sendo a sua palavra empregada sempre na defesa das melhores causas e dos mais altos ideais..."

Incontestàvelmente, a morte de Moisés Soares foi uma grande e irreparável perda para o nosso Estado. Muito êle havia feito, porém todos nutriam fundadas razões para esperar muito mais ainda. Hoje, que lhe reverenciamos a memória, unamos, em pensamento, as nossas saudades à dos que privaram com êle, nos dias de atribulações ou de glória. Com razão, podemos dizer dêsse vulto ilustre, o que se disse de um dos maiores defensores da nossa cultura e da nossa fé: "o que nêle se admirava não era a intuição divina, mas tôdas as grandes virtudes acumuladas na mesma pessoa".

MONSENHOR PEGADO

CULTO E JUSTO

ULISSES DE GÓIS

DISCURSO de Posse na Cadeira nº 15 da Academia Potiguar de Letras, pronunciado em sessão solene a 28 de agôsto de 1958.

Autoridades,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Senhores Acadêmicos:

Meu primeiro dever é testemunhar a Deus reconhecimento pelo encontro com esta augusta assembléia reverente à memória de Monsenhor Alfredo Pegado; é trazer à Academia o meu agradecimento pela cadeira que ocupo, máxime tendo como patrono tão conspícuo e virtuoso sacerdote; é tornar público o gesto dos beneméritos Irmãos Maristas acolhendo-nos em seu renomado Colégio; é dizer o quanto devo do meu discurso a muitos dos que benévolos me ouvem; é render meu preito de estima e aprêço à ilustre família do meu inolvidável patrono; é agradecer ao Acadêmico Marcos Falcão as palavras com que me vai saudar e que o seleto auditório, a quem também sou grato, saberá distinguir a justiça e a misericórdia.

"Juravit Dominus, Tu es Sacerdos in aeternum".

A melodia do canto gregoriano, obra prima da música, que Monsenhor Pegado ouviu no dia feliz da Ordenação, ressoou por tôda a sua vida. Êle foi sempre Sacerdote. Nessa frase poderia sintetizar-lhe o meu elogio: **"Sacerdos in aeternum".**

A análise, porém, embora ligeira, da vida edificante do meu inesquecível patrono é exigida neste ato. É uma vida diante da qual "as gerações fazem alto para deixar passar as bênçãos de Deus".

Genealogia — Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortês nasceu a 25 de agôsto de 1876 (hoje 82 anos) no dia de São Luís, Rei da França, na Casa Grande do Engenho Baldum, em Arez.

Foi o primogênito do segundo matrimônio do Alferes João Pegado de Siqueira Cortês com d. Maria Paulina, filha de José Paulino de Castro Barroca e de d. Maria Felisbela da Câmara. Neto paterno de Manoel Pegado de Siqueira Cortês e de d. Clara Gomes Gadelha. Bisneto do chefe de legião, o fidalgo português D. João Pegado de Siqueira Cortês e de d. Mariana de Albuquerque Melo.

Os outros filhos do casal foram: Elisa; Maria das Dores, espôsa de Alfredo Lago; Etelvina, casada com Montano Emerenciano; Judite, casada com o desembargador Adalberto Amorim; Antônio, casado com d. Maria de Jesus Carneiro; Ezequias, casado com d. Júlia Cortês; Isabel, consorte de Pedro Freire e professôra Beatriz Cortês.

Das primeiras núpcias do Alferes João Pegado com d. Josefa Pegado, nasceram João, José, Avelino, Maria, Ana e Rita.

Família numerosa e tradicional, muitos membros estão aqui presentes, entre êles irmãos, cunhado e sobrinhos, aos quais homenageamos, bem assim os ausentes, como Godofredo Freire, no Rio de Janeiro.

O venerando sacerdote Amâncio Pegado, ordenado em Roma e falecido em São Paulo, era tio de Monsenhor Pegado.

Arez, terra berço. — Arez é o menor município do Estado, elevado à Cidade em 20 de março de 1938, mas dêle se pode dizer, como o Profeta, em relação a Belém de Judá: "E tu Belém de nenhuma sorte és a mínima entre as principais de Judá, porque de ti há de sair o condutor, que regerá o meu povo de Israel".

Daquela quietude, que é Arez, floresceu um justo: Monsenhor Pegado.

Arez, terra encantadora, distante 50 quilômetros da Capital, entre São José de Mipibu, Nísia Floresta e Goianinha, comunicando-se com o mar.

Uma página literária do nosso Presidente Mons. Landim descreve Baldum, como um dos recantos mais antigos do Rio Grande do Norte. Tem a doce fisionomia das coisas passadas. Terra de fé. Partiram dali missões civilizadoras por tôda redondeza de onde se irradiou o bem numa expressão clara de luz solar.

Baldum pertence à Freguesia de Arez. O Orago é São João Batista.

Batismo. — No dia de Santo Eustáquio, a 20 de setembro de 1876 (ano do nascimento) foi Alfredo batizado em Oratório privado, no mesmo Engenho, pelo Vigário da Paróquia Padre Basílio Freire de Alustau Navarro.

Primeiras letras. — Aprendeu-as no Engenho. Brincava com os moradores de outros banguês, como Mangabeira, Campina Bela, Urucá e Penedo. Esquipava nos finos cavalos de sela, juntamente com seu pai. Viveu em contacto com a natureza. Permitiu o meio conservar os laços de família, o espírito comunitário, o amor ao trabalho, o respeito à autoridade, o espírito religioso. O exemplo dos pais refletiu-se nobremente no filho. No pequeno Alfredo predominou a bondade. Foi nesse ambiente que se lhe despertou cedo a vocação para o sacerdócio.

Estudante. — Cursou o Ateneu Norte Riograndense, hoje, Colégio Estadual, fazendo os 12 preparatórios, de acôrdo com a legislação do ensino daquela época.

Seminarista. — Ainda constituindo o Rio Grande do Norte território do bispado de Olinda, em 1895, o jovem Alfredo iniciou no Seminário dali os seus estudos eclesiásticos. Criada pelo imortal Leão XIII a diocese da Paraíba, a que ficamos incorporados e organizado o Seminário, Alfredo transferiu-se para êste. D. Adauto Henriques, o primeiro Bispo da Paraíba, lhe conferiu a tonsura, no Dia de Todos os Santos, de novembro de 1895. Do mesmo Antístite, que foi seu professor, recebeu tôdas as

ordens sacras. No estudo e na piedade correspondia às esperanças dos mestres.

Sacerdote. — Na Capela de Nossa Senhora das Neves, na Paraíba, a 5 de novembro de 1899, foi ordenado Presbítero.

Em nossa então Matriz, hoje Catedral de Nossa Senhora da Apresentação, a 21 de novembro do mesmo anno, cantou a sua primeira Missa, sendo Vigário o Padre João Maria, de quem seguiu o exemplo.

Realizara o sublime ideal de sua vocação religiosa. Que de alegrias para o neo-sacerdote, sua famíla e amigos!

Na Paraíba. — Dom Adauto, nosso Bispo, quis Monsenhor Pegado no Seminário da Paraíba.

De 1900 a 1904 foi Vice-Reitor, Professor e Diretor espiritual, o que revela o seu merecimento já aos 24 anos. Era Reitor o então Monsenhor Joaquim de Almeida, de quem Monsenhor Pegado fôra aluno.

As virtudes, o saber e a capacidade de trabalho do nosso ínclito conterrâneo Monsenhor Joaquim de Almeida o elevaram ao episcopado em 4 de fevereiro de 1906.

Em Piauí. — Dom Joaquim de Almeida, Bispo do Piauí, convidou Monsenhor Pegado para Secretário do Bispado. Foi o Santo Pio X que o agraciou, em 8 de novembro de 1909, com o título de Monsenhor Camareiro.

A sua permanência em Piauí foi até 1911, ao ser transferido o Preclaro Antístite para a Diocese de Natal, criada pelo Santo Padre Pio X, em 1909. Em Piauí auxiliaram Dom Joaquim no seu zeloso pastoreio os ilustres sacerdotes do nosso clero Monsenhor Amâncio Ramalho e Padre Bianor Aranha.

No Rio Grande do Norte. — Dom Joaquim se empossou a 15 de junho de 1911. Monsenhor Pegado o acompanhou. Foi o Secretário do Bispado.

Rejubilou-se a terra potiguar com a chegada de seus valorosos filhos!

Dom Joaquim o nomeiou Reitor do Seminário. Para formar a personalidade dos futuros sacerdotes ninguém melhor do que Monsenhor Pegado. Sempre apostólico, a várias atividades se dedicava na Capital e no Interior. Deixando a Reitoria do Seminário, estêve em Santa Cruz, em 1914, como Vigário, encarregado da Paróquia, tendo como coadjutor o Pe. José Mendes, de saudosa memória.

Governador do Bispado. — Colaborador precioso de Dom Joaquim de Almeida que, por motivo de doença renunciou o sólio de Natal, foi Monsenhor Pegado o Governador do Bispado durante a vacância, de 15 de junho de 1915 a 30 de maio de 1918, quando se empossou D. Antônio dos Santos Cabral, que o nomeou Vigário Geral.

Também preciosa colaboração prestou a Dom Antônio Cabral, nosso segundo Bispo, transferido para Belo Horizonte pelo Santo Padre Bento XV. Monsenhor Pegado governou novamente a Diocese de 23 de fevereiro de 1922 a 17 de junho de 1923, quando tomou posse D. José Pereira Alves, terceiro Bispo, nomeado pelo Santo Padre Pio XI. Dom José manteve Monsenhor Pegado como Vigário Geral, reconhecendo os seus relevantes serviços e indispensável cooperação, a que se veio juntar a de Monsenhor Alves Landim, na qualidade de Vigário da Catedral e Pro-Vigário Geral, e que hoje continua muito eficiente em outros setores.

Administrador Benemérito. — Sob essa epígrafe, escrevi na edição nº 20, de junho de 1923, do mensário A PALAVRA, órgão da Congregação Mariana da Catedral:

"Um fato, embora repetido, nos vem à mente: Certa dama visitando um dia a Cornélia, perguntou-lhe pelas suas jóias. A virtuosa mãe dos Grachos mostra-lhe seus filhos como as jóias que mais apreciava. Tal nos parece a apresentação que dos católicos fêz ao ilustre Antístite Dom José Pereira Alves, o Exmo. Mons. Alfredo Pegado. Nós, porém, interrogamos: não devem essas jóias o seu valor a S. Excia. que tem sido a fôrça e o sustentáculo da Diocese nos seus dias mais difíceis? Sim, ninguém o pode negar. Quando acurvado ao pêso dos apostólicos labores, prostrado com a cruz de um episcopado que quase lhe valeram as glórias do martírio, o piedoso D. Joa-

quim de Almeida teve que resigniar o sólio natalense, foi o incansável Monsenhor Pegado que por longo tempo dirigiu a barca de São Pedro em procelosa travessia. E a sua ação fê-lo flgura luminar entre o clero e anjo protetor das almas. Coroado dêsses títulos, o encontrou aquêle cujo nome declinamos com saudade, Dom Antônio Cabral, Bispo de Belo Horizonte. O Monsenhor, como todos o chamavam, não deu por terminada a sua missão; continuou o mesmo trabalhador infatigável; é o auxiliar devotado, o confidente, o substituto de Dom Antônio Cabral. Era que a Providência tinha no benemérito Sacerdote o Cirineu que novamente iria fazer a trajetória do Calvário. Ei-lo, então, governando mais uma vez a Diocese, que lhe deve um reconhecimento imorredouro. Foi de atividade benfazeja o período do govêrno de S. Excia., agora entregue a um Prelado insigne pela virtude e pelo talento, que não pode deixar de ver conosco o valor das jóias que lhe foram presentes no seu próprio expositor. A êle, portanto, o título de Administrador Benemérito.

Protonotário Apostólico. — A Santa Sé lhe conferiu a 1º de dezembro de 1923 o alto e honroso título de Protonotário Apostólico, **ad instar participantium,** solenizada a entrega com imponência litúrgica em nossa Catedral.

Bodas de Prata Sacerdotais. — Quanta recordação lhe trouxe o 21 de novembro de 1924. Vinte e cinco anos de sacerdócio, servindo a Deus e ao próximo. Sentindo com a Igreja foi fecundo o seu apostolado. Sempre o sacerdote do Altíssimo.

Vigário Capitular. — Em plena atividade no seu sagrado ministério, se encontrava Monsenhor Pegado quando se deu a transferência de D. José Pereira Alves para Niterói. Partindo D. José a 15 de abril de 1928, foi Monsenhor Pegado eleito Vigário Capitular pelos consultores Diocesanos.

De nôvo Monsenhor à frente dos destinos do Bispado, até 29 de junho de 1929, quando tomou posse o Exmo. Snr. Dom Marcolino Dantas, nomeado pelo Santo Padre Pio XI e sagrado na Basílica do Salvador, na Bahia, a 14 de maio de 1929.

Como seus predecessores Dom Marcolino considerou insubstituível Monsenhor Pegado na Vigararia Geral e quis a Divina Providência que o dia da morte do querido sacerdote coincidisse com o do natalício do nosso Metropolita, unindo-o assim mais ainda ao seu sincero amigo.

Dom Marcolino Dantas é membro egrégio da nossa Academia, honrando-a com a cadeira nº 1, da qual é Patrono Dom José Tomás Gomes da Silva, grande e saudoso Bispo de Aracaju.

Pacificador. — A exemplo do insigne Caxias, patrono do Exército e cujo nascimento foi também a 25 de agôsto, igualmente Dia do Soldado, Monsenhor foi também um soldado, custódia da Nossa Santa Igreja. Pelo seu espírito cordato quantas lutas fêz cessar; quantas divergências aplainou; quantas situações difíceis resolveu; quantos auxílios distribuiu; quantas lágrimas enxugou.

Agia fora do ambiente religioso tôda vez que problemas de ordem pública o chamavam. O espírito cristão é o da presença. Monsenhor o possuia em alto grau. Sempre presente a todos os movimentos de fé, caridade, civismo, de ajuda ao próximo e do bem comum.

Foi deputado à Assembléia Legislativa e Intendente da Câmara Municipal, apenas com intuitos pacificadores, para harmonizar os grupos em choque, sem que disso lhe resultassem vantagens econômicas.

Da sua orientação, a mais humana possível, os homens públicos recolhiam os mais úteis ensinamentos.

Anjo da família. — Todos assim o consideravam. E por isso não eram sòmente os seus que lhe pediam conselhos, mas outras famílias. Guiava as consciências, aproximando-as de Deus. Quantas vocações sacerdotais não despertou com seu exemplo e ajudou a manter no Seminário!

Educador. — Eram-lhe inatos os dotes de educador. Foi o primeiro diretor do Colégio Santo Antônio, antes de sua transferência pela Arquidiocese aos beneméritos Irmãos Maristas. Primeiro Reitor do nosso Seminário. Professor do Ateneu, da Escola Normal e de outros estabe-

lecimentos de ensino. Versado nas ciências sagradas, era cultor de línguas, matemática e história natural. Aprofundara sua cultura para a solução dos problemas do tempo e da eternidade. Na cátedra, como no púlpito, era um prazer ouví-lo, pois sabia falar à criança ou ao intelectual.

Vigário, Capelão e Diretor de sodalícios. — O amor que votava ao próximo fazia alargar o seu espírito de cooperação. Foi Vigário da Catedral de 22 de abril de 1917 a 8 de junho de 1918 e de 6 de abril de 1922 a 1º de julho de 1923; Capelão do Colégio da Imaculada Conceição e Diretor das Filhas de Maria. Que grandes movimentos sociais-religiosos realizou com essas duas poderosas fôrças espirituais! O Apostolado da Oração, a Doutrina Cristã, as Ligas Católicas, ás Irmandades e outros sodalícios e Congregações religiosas recebiam a sua orientação. Associações leigas de fins culturais, educacionais, assistenciais e beneficentes, também solicitavam o seu concurso como uma garantia à sua continuidade.

Alma eucarística e patriótica. — Em setembro de 1922, escreví no nº 13 de A PALAVRA, mensário dos Marianos:

"Monsenhor Alfredo Pegado, Governador do Bispado e Membro da Comissão Executiva das Festas do Dia da Pátria. É êsse digno sacerdote que elevando a Hóstia sacrossanta diante de todo um povo crente fará subir o Rio Grande do Norte até os pés de Deus!

E abençoando o rebanho natalense em nome de Jesus Hóstia rogará por essa porção escolhida, estuante de amor pela Eucaristia. Que momento solene para a Religião e para à Patria! Almas abrasadas de fé e civismo arrancando as misericórdias do Senhor! Deus ocupando o primeiro lugar nas comemorações do Centenário da Independência! Belíssima página para a nossa história! E quando recordarmos a passagem da gloriosa data surgirá a figura altiva e simpática do Exmo. Monsenhor Alfredo Pegado com o honroso título de chefe dos destinos espirituais desta Diocese!"

E sôbre a Procissão Eucarística do Centenário registra também A PALAVRA no número 15, em novem-

bro: "A Diocese de Natal, que tem à frente o incansável Monsenhor Pegado, deu sua adesão ao plesbicito de fé e de amor celebrado no Rio de Janeiro, realizando a Procissão Eucarística que foi a consagração da Pátria a Jesus Hóstia. A magnitude e os fulgores dessa solenidade ultrapassaram a quantas já têm empolgado a alma do nosso povo."

Apostólicos Labores. — Amou a terra e o povo potiguar. Escolheu Natal para seu apostolado. Dono de sua liberdade, poderia ter procurado outras plagas para o seu sagrado ministério, como São Paulo e Belo Horizonte, onde estêve algum tempo. Preferiu a nossa Capital, que lhe guarda as relíquias até o dia glorioso da ressurreição.

Enumeremos algumas de suas profícuas atividades:

Imprensa Católica. — Arma eficiente do apostolado, Mons. Pegado compreendia o valor da imprensa. Ainda clérigo ajudou Dom Adauto a fundar o órgão católico da Paraíba, em 1897. Em Natal, o "Oito de Setembro", o "Boletim de Natal", o "Fé e Luz", "A Palavra" receberam a sua cooperação. Em maio de 1922 estava Mons. Pegado no Govêrno do Bispado. Os marianos queriam melhorar o seu periódico A PALAVRA. Em sua edição dêsse mês, nº 10, lia-se: "Já nos sentimos confortados com o bom acolhimento que nos deu pessoalmente o Exmo. Monsenhor Pegado, nosso magnânimo e virtuoso Governador do Bispado, sacerdote de largo descortino e que bem compreende a missão da imprensa no apostolado católico social da hora presente. Mais do que ninguém conhece as nossas intenções e o nosso programa na liça da imprensa."

Os periódicos a que me refiro precederam ao "Diário de Natal" pelo qual Monsenhor não mediu sacrifícios. Após o "Diário" veio "A Ordem", matutino antecipadamente saudado por S. Excia., em 7 de abril de 1935, com esta expressiva mensagem: "Prevejo no aparecimento de "A Ordem" uma realidade consoladora. Dia de grande regozijo o 14 do julho. Conclamo os que sentem os fulgores espirituais de catolicidade a estarem a postos, tendo à sua frente os sacerdotes sentinelas da fé".

Conferências Vicentinas. — Foi um grande campo do

seu apostolado. Formou entre os vicentinos líderes para as Congregações Marianas e outros sodalícios masculinos, hoje florescentes, Diretor Espiritual da Sociedade de São Vicente de Paulo, a sua caridade é proclamada pelos que compõem as Conferências, o Conselho Particular e o Conselho Fiscal e os pobres socorridos.

Congregações Marianas. — Fundador com Dom Antônio Cabral em 1918, do marianismo em nossa terra, muito lhe mereceram as Congregações. Faleceu antes de serem as mesmas elevadas pelo Santo Pio XII às organizações da Ação Católica. Ordenado num dia de Nossa Senhora, rejubilar-se-ia com a milícia de Cristo Rei, marianizada pela Constituição Apostólica "Bis Sæculari".

Círculos Operários. — Organizou com Dom Antônio Cabral o primeiro Círculo Operário, em 1918, adaptado depois aos que existem atualmente. A Classe trabalhista muito o estimava pela caridade que tinha para com os humildes.

Quem o não conheceu ou ouviu falar em seu nome?

Cooperativismo. — Êsse excelente sistema econômico se implantou no Estado através das Caixas Rurais, em 1922. Monsenhor Pegado era um entusiasta do cooperativismo. Tôdas as instituições sob seus auspícios tinham os saldos de caixa em depósito nas Cooperativas. Fundou com Dom José Pereira Alves uma Comissão Central para supervisionar êsses órgãos de economia cristã e mais tarde ampliada com a assistência oficial do Estado, em Acôrdo com a União, estendendo-se hoje o benefício a cêrca de 100 cooperativas disseminadas por todos os municípios do Rio Grande do Norte.

Ação Católica. — Colaborou nos alvores da Ação Católica, através dos brilhantes alunos que preparara no Seminário de São Pedro, entre os quais o Cônego Luís Monte, de imperecível memória. Como se alegrava vendo na Ação Católica o corpo organizado e coeso, unido à hierarquia para a dilatação do reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Da floração magnífica do Seminário de São Pedro,

foram elevados ao episcopado Dom Adelino Dantas e Dom Eugênio Sales.

Olhar de Conjunto. — A atuação de Monsenhor Pegado no altar, no púlpito, em ministrar os sacramentos, na paróquia, na Vigararia Geral, no Govêrno do Bispado, na formação de sacerdotes, à frente de instituições, na Catédra, no jornalismo, na família, no meio social, na Assembléia Legislativa, na Câmara Municipal, nas comemorações cívicas, no progresso de nossa terra, em fazer o bem, afinal, é tarefa que os seus conterrâneos irão dando a conhecer às novas gerações para que a sua memória seja cada vez mais reverenciada e o seu exemplo sempre seguido.

O Zênite e o pôr do sol. — Eram 12 horas da quarta-feira, 22 de janeiro de 1941, dia em que se cultuam São José e os Santos Mártires Vicente e Anastácio. Na residência do seu saudoso irmão Dr. Ezequias Pegado, na Rua João Pessoa, 219, assistido por Dom Marcolino Dantas, doze sacerdotes, membros dedicados da família e outros amigos, deixou Monsenhor Pegado sua existência na terra para começar a do céu, semelhante ao sol que se põe para surgir mais brilhante.

A grandiosidade dos funerais já foi a aurora.

O Juravit Dominus, tu es sacerdos in eaternum ouvido na ordenação e noutras datas magnas do seu sacerdócio, continuou a ser entoado pelos anjos porque "êles tomaram a sua alma e a introduziram à presença do Altíssimo". Monsenhor tinha fé e "os que crêem que Cristo é a ressurreição e a vida ainda que tenham morrido, viverão". Passou da morte à vida e para êle brilha a eterna luz. Deus que sublimou o seu servo à dignidade do sacerdócio, fazendo-o ter parte no ministério dos Apóstolos, também lhe concederá a sua companhia na vida eterna. "A nossa Santa Igreja nos ensina essas consoladoras verdades e que a memória dos justos é eterna".

Monsenhor Pegado, patrono da cadeira que tenho a honra de ocupar na Academia Potiguar de Letras, foi um Justo!

ULISSES DE GÓIS

MARCOS FALCÃO

Discurso de saudação ao acadêmico Ulisses de Góis, pronunciado no dia 28 de agôsto de 1958, na Academia Potiguar de Letras.

Snr. Presidente da Academia Potiguar de Letras.
Dignissimas autoridades civis, militares e eclesiásticas
Meus senhores e minhas senhoras.
Snrs. Acadêmicos.
Acadêmico Ulisses de Góis.

Grande, muito grande foi a emoção de Monte Alverne, ao subir à tribuna sagrada, pela última vez, só para satisfazer a D. Pedro II, que desejava ouvi-lo. Cego, há 18 anos, tendo os olhos desertos de visão, mas o cérebro povoado ainda das mais lindas imagens, começou dizendo: "É tarde! muito tarde!". Palavras que conquistaram o acolhimento da História!

É tarde!... muito tarde, mesmo! digo também, para que possa, voltando ao passado, reconstruir o sonho que afaguei, de vos saudar condignamente!...

Acadêmico Ulisses de Góis, uma emoção idêntica em profundeza e extensão, experimento agora em vos saudar em nome desta Academia. E permiti que acrescente, fascinado por tão insígne honra, que tanto me empolga, assim como a Jazão — a ânsia de apossar-se do carneiro de velo de ouro, que permanecia sob a guarda do Dragão; e, sagaz como Dido, que só podendo ocupar o terreno que contivesse o tamanho de um couro de boi, teve a astúcia de reduzi-lo a delgadíssimas tiras, que alcançaram uma área bem grande. Dêste modo, quero começar

pela narrativa de um episódio, cujo conceito, servirá de pretêxto para uma justificativa antecipada, às deficiências de minha modesta oratória.

Mark Twaim, humorista americano, depois de ouvir um grande orador, felicitando-o disse de modo a ser ouvido pelos circunstantes:—"Eu tenho um livro em minha casa que contém o seu discurso — palavra por palavra".

O tribuno meio atrapalhado pelos olhares que se cruzavam entre si e o cômico, por fim, perguntou — "que livro é êste de que o snr. fala, não mo dirá, por favor"? Foi, então, que Mark Twaim, esboçando um sorrisozinho irônico, respondeu que era um dicionário...

Não tenhais ilusão, Snr. Ulisses de Góis, acêrca do que ides ouvir, porque tudo, afinal, encontrareis em qualquer dicionário, pois não é possível a criação de um vocabulário inédito para vos saudar... destarte, não posso fugir à regra, mas tenho de acomodar-me ao uso das palavras até agora criadas para exprimirem o pensamento humano.

Acadêmico Ulisses de Góis, sôbre esta solenidade de vossa posse em a nossa Academia, aquêle malicioso jornalista encenado por Carlos de Laet, acêrca da coincidência de, neste momento, um congregado mariano, que é o nosso Presidente, dar posse a outro congregado que sois vós, cuja saudação vos faço eu—congregado mariano que o sou também. Êsse tal jornalista que fêz ironia na posse de D. Silvério Gomes Pimenta, na Academia Brasileira de Letras, pelo simples fato de ser êste saudado por um conde, a quem o irônico chamou de companheiro do Papa!...

Mas, snr. Ulisses de Góis, esta tríade que ora formamos, numa aparência de mera casualidade, foi, estou certo, preestabelecida pela nossa Mãe Celeste que, desta maneira, quis ser honrada por nós. E o que diríamos então da honra que nos proporcionaria, se agora presidisse a êste Cenáculo de Letras, Aquela mesma que outrora presidira ao Cenáculo da Fé?...

Pois bem, Ela o está presidindo pela sua bênção que invocamos neste momento. E, por isto, esta Academia será como os pólipos que, nos grandes oceanos, formam a

base de futuras ilhas, que se transformam, às vêzes, em formosas cidades. Ela servirá de marco para uma nova era de cultura ao povo potiguar. Do mesmo modo que Vênus surgia dentre as espumas; segundo a lenda de Pafos. E assim emergindo por entre as brumas dêste descaso lítero-cultural que vivemos, projetar-se-á, luminosa, para novas conquistas no futuro.

Acadêmico Ulisses de Góis, Afonso Celso saudando a Lauro Müler, na Academia Brasileira, usou a expressão de Raymond Poincaré quando, por sua vez, saudara também o General Lyautey, numa justificação à sua posse na Academia Francesa e que eu, ousadamente, dela me sirvo para vos recepcionar agora que ides ocupar a cadeira nº 15, desta Academia Potiguar de Letras: – "Não sois escritor, mas um homem de ação, e há atos que são poemas. Tende a produtividade em atos; melhor, por ventura que a palavra falada ou escrita. A produtividade dos heróis e dos apóstolos. Sois mais afeito a fazer do que a dizer".

Destarte, mais que o jôrro do cêrebro, deve valer para nós—vossos confrades, a floração de vossa alma que se tem derramado em tantas ações benfazejas. Razão pela qual faço meu o julgamento de Afrânio Peixoto sôbre Osvaldo Cruz, na posse dêste, na Academia Brasileira — A Academia Potiguar de Letras quis fazer esta justiça, desde já. Por isso vos escolheu.

Epaminondas orgulhoso por haver conquistado a custa de sua espada aquelas duas cidades—Leuctras e Mantinéia, dissera que deixava duas filhas imortais. Vós, sr. Ulisses de Góis, deixareis muito mais. Aí estão a Escola Técnica de Comércio convertida em a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais de Natal, a ex-Caixa Rural, hoje transformada em a Cooperativa Central de Crédito Norte Riograndense Ltda. A Congregação Mariana da Catedral desdobrada sòmente aqui na Capital, em três Congregações, afora as outras muitas pelo interior do Estado, que surgiram inspiradas pela primeira de que fôstes o pioneiro. "A Ordem", órgão católico, que depois de muitos lustros de circulação, foi obrigada a sustar-se por pouco tempo, mas já voltou a circular e a in-

corporastes ao patrimônio da Arquidiocese, além de outras criações de pequeno vulto, que seria monótono mencionar.

A quantos não terão enganado as clarinadas de um ideal fracassado, assim como aos incautos marinheiros — os cantares de lúbrica sereia! E só se desiludiram depois que se apagara o facho de seu sonho que, por tantos anos, iluminara a tela dourada de sua fantasia!...

Conheço alguém que afagou, por longos anos, um sonho assim, mas êste não passara de um balão cheio de ar, que subindo demais para tão pouco elemento que conduzia em seu bojo, caiu, por fim, e se foi esparramar, sem mais nada de luz, no árido deserto de suas desilusões.

Mas, como a ídéia é fôrça que exclui a fraqueza, e o covarde não pode ter ideal, êsse alguém prosseguiu, conseguindo afinal concretizar apenas um de seus ideais, mas êsse único valeu-lhe por um fanal que se projetará pela posteridade, porque "nenhum esfôrço é perdido".

Porém, vós, sr. Ulisses de Góis, sois um homem feliz, que vistes realizados todos os vossos ideais. Tudo que pretendestes fazer o fizestes... Concedei-me, por isso, vênia para, em ligeiros traços biográficos, dizer a êste auditório ilustrado e culto, o que sois e o que tendes realizado com a graça de Deus.

Srs. Acadêmicos, meus senhores e minhas senhoras:

Ulisses de Góís, nôvo imortal de nossa Academia, assim como Poti — o guerreiro das selvas, que deu apelido ao nosso Estado, nasceu em Igapó. Filho de Francisco Celestino de Góis e Maria Heróncio de Góis, fêz seus estudos primários com o professor José Ildefonso Emerenciano, (Zuza) e os secundários no antigo Ateneu Norte Riograndense, porque para aqui se havia transferido o seu progenitor.

Mediante cursos especializados, obteve os títulos de Professor e Contador no Ministério de Educação e Cultura e o de Jornalista no Ministério do Trabalho. Abra-se aqui um parêntese: Medeiros e Albuquerque disse que se Lauro Müler tivesse querido fazer literatura, tê-la-ia feito com superioridade, porque foi com superioridade que fêz jornalismo, quando quiz entrar nêle.

Do mesmo modo digo: Se Ulisses de Góis o tivesse querido fazer, tê-lo-ia feito com brilhantismo, mas sua modéstia é tamanha, que ao fazê-lo, preferia esconder-se no anonimato, deixando correr por conta da redação, assim como a abelha esconde-se na colmeia para fabricar o seu mel e Réia escondia os filhos de Saturno para que êste não os devorasse.

Ingressando na vida pública como funcionário de nossa Alfândega, galgou o último nível da carreira de oficial administrativo, aposentando-se em 1954.

Era o condor que, fatigado pelos muitos vôos sôbre as cordilheiras dos Andes, procurava o cume da montanha mais alta para ali repousar.

Antes, porém, exercera encargos importantes, como o que dirigira, em comissão: a Contadoria Seccional da Delegacia Fiscal, de 1925 a 1932, advindo-lhe daí, da Contadoria Geral da República, o título de chefia de Contabilidade Pública. Muitas vêzes, na vida, se transforma em pesadêlo o bem que outrora parecera um sonho. Aqui, porém, deu-se o contrário: foi do pesadêlo de seus multíplos labores que êle despertou para a realidade de seu sonho, que o é para todo o funcionário, o gôzo de uma justa promoção.

Quanto ao setor religioso, silencío, por não interessar a esta Academia, mas, sòmente à Igreja, da qual se tem feito um apóstolo e que de seus Bispos há recebido todo o apoio, incentivo e ajuda a tôdas essas obras de que já acima falei.

Da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais de Natal, criada e organizada por êle e uma equipe brilhante de outros professôres, em 1961, continua sendo seu Vice-Diretor, tão economista o é, que não se esqueceu de uma instituição econômica, isso porque entende que se a economia é a base da prosperidade, o desperdício é sinal certo de futura miséria.

Da Cooperativa Central de Crédito, antiga Caixa Rural, que tanto bem tem feito ao povo, nunca deixou de ser o seu Presidente, por sucessivas reeleições, pois ninguém mais capacitado do que êle para tão importante de-

sempenho. Aquêle que, em tôda sua vida, nunca fizera a felicidade alheia, não poderá ser alvo de saudade depois de sua morte.

Façamos, portanto, o bem, mesmo sem esperarmos recompensa, pôsto que só desconheça a ingratidão o que nunca fizera um benefício.

O Centro de Imprensa que editou "A Ordem", organizado por êle com um grupo de católicos, tendo à frente os congregados marianos, transferiu-lhe o encargo da circulação de tal órgão. Era mais uma cota de sacrifício que exigiam de si, que, sem vacilar, enfrentou e venceu.

Casado com D. Alice Carrilho de Góis, vivem felizes como Heitor e Penélope, (filho e nora de Príamo) que o desejo de um era a vontade do outro. Não têm filhos, mas, nem por isso deixam de ser felizes, porque o amor que ambos mais cultivam é o amor de Deus, e êste não é matéria, é luz; não fecunda o corpo, mas a alma que se desdobra em frutos de virtude.

Mocidade e velhice são dois monumentos, o primeiro dedicado à esperança e o segundo à desilusão. Certo não lhes terá faltado oportunidade de se desiludirem de seus mais justos anseios, porém tudo enfrentam e vencem serenamente.

Por indicação de D. Marcolino Dantas foi distinguido com o título de Comendador da Ordem de S. Silvestre, por Pio XII, de saudosa memória. É Presidente do Conselho Estadual de Cooperativismo e Vice do Conselho Estadual de Educação e Cultura. Representante do Estado nos Conselhos Consultivos do Banco do Nordeste e da Companhia Hidroelétrica de S. Francisco e Vice-Presidente do Conselho Regional de Contabilidade. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Associação de Imprensa Norte Riograndense e, finalmente, desta Academia Potiguar de Letras, em que ora se empossa.

Eis, Snrs. Acadêmicos, meus senhores e minhas senhoras, o homem a quem esta Academia confere a prerrogativa de simbólica imortalidade, e que me coube a

honra de conduzir até aqui, para fazê-lo ingressar neste Cenáculo de Letras.

Snr. Ulisses de Góis, esta espécie de imortalidade é uma segunda vida gerada por nós mesmos para sobreviver à posteridade, não física, mas intelectualmente. Vós a conquistastes e a merecestes e, por isso, esta Academia vos premia agora, incluindo-vos entre os seus imortais.

Sôbre o vosso Patrono, o Monsenhor Alfredo Pegado, julgo-me recusado de falar pelo muito que o prezava. Pôsto que são suspeitos para julgar tanto o ódio como o amor. O primeiro porque sempre vê muito mais do que o mal em si mesmo, e o segundo porque só enxerga o mal pela metade. E, na hipótese de um perfeito e reto julgamento, deve haver absoluta imparcialidade.

Ademais já exercestes êste julgamento e dêle resultou o empolgante elogio que acabamos de ouvir. Cumpre-me apenas vos aplaudir pelo muito que dêle dissestes. Só pelos instintos se assemelham os homens, nunca porém, pela alma nem pelo coração, que têm sempre função diferente para cada ser.

Assim vós viveis mais em função do apostolado social, que para a difusão da fé. O vosso Patrono, ao contrário, viveu mais para a difusão da fé, que para o apostolado social, se bem que na prática de uma coisa atingisse à outra.

Acadêmico Ulisses de Góis. "Em comêço de nosso século, diz certo escritor, foi um cientista ao Egito desenterrar o sarcófago de uma múmia. E encontrou ao lado do cadáver mumificado, grãozinhos de trigo, que nesse ambiente recluso, haviam dormido milhares de anos. Plantou-os e êles brotaram e deram, em resultado, viridentes fôlhas e elegantes hastes de trigo egípcio, como mistério de vida latente."

Lembra-me esta descoberta cientifica, o que ocorre agora convosco. Dormia Mons. Pegado, sossêgadamente, no sarcófago do esquecimento, até bem pouco tempo, e vós o fôstes despertar para que revivesse para a posteridade. E, ao invés de grãos de trigo, recolhestes fatos de

sua existência de virtudes, de seus atos heróicos, de suas ações benfazejas, para nos servirem de exemplo e a todos que dêles tomarem conhecimento, e assim continuarem a produzir frutos perenais.

Snrs. Acadêmicos, o estrago de um cristal não deforma a imagem que nêle se reflete, nem por espelhar-se no lodaçal de um charco, uma estrêla não se macula. Assim como o lírio que trescala no pântano não desmerece em pureza e perfume, aos que desabrocham nos mais lindos jardins.

Destarte, não seja o demérito de minha obscura pessoa que venha empanar, no vosso conceito, o brilho dêsses dois astros que passam a figurar na constelação desta Academia Potiguar de Letras.

PEDRO LOPES JÚNIOR

JOSUÉ SILVA

Discurso de posse lido na Academia Potiguar de Letras, no dia 9 de setembro de 1958.

Snr. Presidente da Academia Potiguar de Letras.
Distintas autoridades,
Meus senhores,
Minhas senhoras,
Meus queridos confrades:

Dividi o meu trabalho de hoje, em três partes principais, assim discriminadas: Identificação e atividade. Movimento literário e Patrono.

Assim procedo, porque muitos desta casa de cultura e pensamento, não me conhecem pessoalmente e não estão a par das minhas atividades, dada a ausência forçada que me impuseram, como castigo, pelo grande amor que voto à terra bonita e feiticeira do meu berço e a qual nunca deixou, em revelações cinemascópicas, de se refletir na retina dos meus olhos, cheios de lágrimas e de saudade: — "Quem diz que a saudade é boa, mente mesmo de verdade, pois não há dor que mais dôa, do que a dor da saudade."

Nasci no dia primeiro de novembro de 1889. Dia de Todos os Santos, na casa nº 721, da antiga Rua Nova, rua cheia de areia e de gameleiras frondosas e mais um chafariz, para o abastecimento dágua, na redondeza.

Não conheci pai. Minha mãe é morta. Criei-me nos carinhos de meu avô, Joaquim Severino da Silva, Secretário permanente da antiga Intendência Municipal, que funcionava numa das dependências do Palácio do Govêrno.

Foram as minhas prímeiras professôras Lúcia Nazaré Barbosa e depois a sua irmã Jóca, a qual se revestia de muita gravidade na roda das sabatinas.

Muito cedo comecei a fazer por mim. Principiei como cobrador de "A Tribuna", importante revista mantida pelo Congresso Literário, a expressão maior dos valores de cultura e inteligência da terra de Miguelinho.

Tempos depois, em plena juventude, ingressei como aprendiz de tipógrafo, nas oficinas de "A República", nesse tempo dirigida pelo dinâmico jornalista dr. Manoel Dantas.

Foi o meu mestre o dr. Nestor Lima. Quando concluiu os preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. Deixou, portanto, as oficinas e eu preenchi o seu lugar.

Nesse tempo as tipografias eram como que uma escola de cultura, onde se apuravam as tendências intelectuais de seus gráficos. Ser tipógrafo, era ser jornalista, escrítor, poeta e orador.

José Alcino, Cícero Moura, Aristóteles Costa, João Estêvão, Augusto Leite, Nestor Lima, Antônio Glicério, Augusto Wanderley, Ponciano Barbosa, José Pinto, Carlos Policarpo, Francisco Pereira, Antônio Alves, Joaquim de Oliveira, Ivo Filho, Diógenes Pinheiro, Tasso Leite e muitos outros que a memória não me ajuda, foram produtos de real valor, forjados na cadência dos tipos e na justeza dos componedores.

Batizei-me com 18 anos, na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Oficiou o ato o vigário Moisés Ferreira do Nascimento. Foram meus padrinhos o então senador da República Eloy de Souza e a sua tia D. Silvina, modêlo de virtudes, de simplicidade e carícia.

Em 1910, portador de um concurso, ingressei na antiga Administração dos Correios, dirigida por Artur Moreira Dias. Ainda no noviciado do serviço postal, muito ardoroso e irrequieto, tomei parte ativa na Campanha da Salvação, dirigida pelo bravo e indômito Capitão José da Penha. Não conseguimos a derrubada da oligarquia Ma-

ranhão. Com a derrota dos nossos alevantados ideais, sofri, como os demais, horrores da polícia. Prisões, espaldeiramentos impiedosos, foram o nosso castigo.

Em todo o período da tenaz campanha, entre os adeptos da Salvação, o mais visado pela polícia, era eu, ùnicamente porque nessa boêmia que era o meu traço característico, levei-a em constante ridículo. Da minha casa na antíga Rua dos Tocos, para o Correio, na Ribeira, era corrido pelos soldados que ia topando no meu caminho. Nenhuma arma era encontrada. Lembrei-me. então, de conduzir no bôlso traseiro da calça uma pedra que mais ou menos tivesse a conformação de uma máuser. Foi um sucesso! Todos os dias dava eu êsse trabalho à polícia de retirar do meu bôlso êssa inofensiva arma.

A cousa andou nos comentários políticos, em Palácio, com certa indignação. Daí, então, a perseguição foi maior e os insultos cresceram pelo deboche que estava eu usando para com a polícia, doida pela oportunidade de uma vingança, que não tardou.

Na noite do tiroteio, fui prêso. Luís Júlio e capitão Dobico, riram-se de mim. No quartel da Polícia, hoje Escola Industrial, depois de forte tunda de comblain, fui jogado, como um animal, no aparelho sanitário do quartel, e muito depois transferido para o xadrez, por não aguentar, no chão, o corpo dorido. Tudo passou, felizmente.

Não sei se como aluno de catecismo, obrigado aos domingos, com o Padre João Maria, a conduzir entre sonoridades de benditos, pedras de Areia Preta para a Igreja Nova, sonho de um santo levita que não se realizou, tomei muita simpatia pelas pedras, mas não fui doido...

Pelo recurso das pedras postas nos trilhos, sempre tomei o bonde fora das paradas. Enquanto o motorneiro descia para retirar as pedras, eu subia muito fleugmàticamente o veículo, tomando o lugar desocupado, como se nada tivesse feito.

Na procissão do Encêrro, nunca perdi a luta entre xarias e canguleiros e na festa da Apresentação com Luís Antônio e Armando Seabra, o "espírito de vinho", cantava nas canelas dos que assistiam à festa, na praça.

Incorrigível no verdor dos anos, dei muito que fazer, dei muito que falar. Não havia movimento político, cívico, escolar, literário, operário, dramático e recreativo, que eu não estivesse no meio com muito entusiasmo e evidência.

Em 1920, ingresso, por meio de concurso, no Telegrafo Nacional. Matriculo-me na Escola Normal. Curso até o segundo ano. Para fazer preparatórios parcelados, no Ateneu, estudava com Ivo Filho, Clementino Câmara e Teódulo Câmara. Os últimos preparatórios foram latim, história universal e inglês. Em latim, na prova oral, sob a direção do Padre Monte, bondade personificada, êle exigiu muito para o pouco que eu sabia. Li, marcado por êle, não sei em que livro, quase mais do exigido que eram vinte linhas e não podendo mais prosseguir, disse: "basta, padre, dêsse jeito, termino dizendo missa aqui, acolitado pelo ilustre mestre". Êle riu-se e tive aprovação elevada. Em história universal, Luís da Câmara Cascudo era o examinador. No julgamento da prova escrita, êle, sem saber, deu-me 10, ùnicamente porque a minha prova, pelo comentário feito, e pela redação bem formada, fugi por completo da rotina das provas dos demais examinandos. Em inglês, o professor Celestino Pimentel foi uma verdadeira mãe!

Escrevo de parceria com João Estêvão e Emídio Fagundes, a História da Maçonaria do Rio Grande do Norte, em homenagem ao primeiro centenário da emancipação política do Brasil, onde a maçonaria brasileira teve grande importância entre os contingentes maçônicos.

Sempre tive uma vida de pobre, mas muito apaixonado pelos prazeres da vida. Seresteiro, cantava, não como as cigarras no estio, mas sob o clarão dos luares dêste céu que nos cobre, ao som de violões chorosos. Fazia versos, discursava em festas de aniversários e batizados de bonecas e em lapinhas, exaltando as virtudes do meu cordão, que sempre variava, de acôrdo com o palminho de cara que o integrava.

Nas festas juninas, com João Estêvão, organizavamos livros de sorte, para a delícia das noitadas alegres de nossa gente. No carnaval, nem é bom falar. Os Jan-

daias àndam por aí, dizendo ainda como se sabe render culto à divindade de Momo.

Como é bom a gente recordar...

Mesmo como funcionário público, nunca deixei a arte dos meus princípios de menino pobre. Em épocas diferentes, trabalhei no "Diário de Natal", de Augusto Leopoldo, na "A Capital", de Galdino Lima, Honório Carrilho e Juvenal Antunes, na "Fôlha do Sertão", de Nizário Gurgel. Fui revisor da "A Imprensa", do coronel Francisco Cascudo e do "O Estado", de Pedro Militão, quebrado pelos rebeldes da revolução de trinta.

O meu primeiro livro de versos, "Cantigas", foi todo feito por mim, material e intelectualmente falando, na tipografia Comercial, de José Pinto. JOIO, primeiro livro de Luís da Câmara Cascudo, foi trabalho material meu. Estava sempre no manuseio dos tipos, muito embora exercesse função pública.

Fui um dos congressistas no monumento inaugurado em Papari, homenageando Nísia Floresta.

A campanha contra o analfabetismo, levantada na Câmara, pelo deputado José Augusto Bezerra de Medeiros encontrou forte contingente na Escola Augusto Leite, do Centro Operário Natalense, dirigida por mim. No Centro Literário Frei Miguelínho, também prestei o meu concurso em prol da desanalfabetização dos nossos conterrâneos. A emancipação política da mulher potiguar mereceu o meu entusiasmo. Instruí adultos e o eleitorado apresentado pelo Centro Operário foi muito valioso. Feminista de princípio, não compreendia essa desigualdade. A mulher sempre fôra, em todos os tempos, uma revelação perfeita de amor, de inteligência e civismo. Não a devemos ter nem sob os nossos pés e nem sôbre as nossas cabeças; sim, bem junto ao coração, em sinal de igualdade humana.

Prócer, ouvido com acatamento nas camadas operárias, fui um dos incentivadores no aproveitamento dos valores no seio da Assembléia Legislativa e da Câmara Municipal. Ponciano Barbosa, Ivo Filho, João Estêvão, Emídio Fagundes e Eduardo dos Anjos foram os representantes da classe, com muita dignidade, sabedoria e inteligência, nessas duas casas legislativas.

Dei muito que fazer à polícia de Jóca do Pará, com 3 amigos. Muito depois das festas juninas, entendemos de soltar umas bombas que nos tinham sobrado das festas. No primeiro dia, às sete horas, quando o relógio da Matriz batia, soltavamos a primeira bomba, entre o quadro do cruzamento da Vigário Bartolomeu e Ulisses Caldas, nas imediações do Roial Cinema. Causou muito susto pelo estampido fora de época. No segundo dia, a mesma hora, espoucava a segunda bomba. Do terceiro dia em diante, já se esperava o estampido na hora certa. A polícia disfarçada, a Cavalaria rondando o trecho, davam caça aos desalmados inquietadores do sossêgo público. As ordens eram drásticas. E assim terminamos o estoque sem haver a menor suspeita. O próprio cherloque caboclo, com tôda a sua polícia, não pôde penetrar no profundo mistério das transvalianas.

Permaneci, por muito tempo, alheio à política, após os sofrimentos passados. Anos depois, quando bem me sentia nas hostes situacionistas, vem a Revolução de trinta. Sofri perseguições e, acima de tudo isso, prostava-me para morrer de impaludismo africano. No leito, sem fala e sem a locomoção dos membros, vem-me a remoção para Luís Gomes. Na convalescência, procuro, pelo meu estado precário de saúde, anular o ato forjado pela indignidade de um chefe sem compostura moral para o exercício do cargo. Queria, como ninguém, permanecer na minha terra, no seio dos amigos, no convívio dos meus, nos círculos da minha boêmia, ouvindo, numa atitude de pasmo, as sonorosas cantigas da minha gente, num consórcio admirável com o marulho esmeraldinoso e encrespado das águas do lendário Potengí, derramando-se nas águas verdes do mar. Não fui bem sucedido no meu intento. Havia imperioso desejo do inimigo de me afastar dêsse convívio, que era todo o meu enlêvo, todo o meu encanto.

Meses depois, chega-me a remoção para Alagoas.

Alicerçado nesse bem que sempre dispensei ao torrão natal, essa separação tornou-se uma das mais pungentes páginas da minha vida.

A 14 de julho de 1931, dia da emancipação política da gloriosa França, com a queda da Bastilha, eu era es-

cravizado no bôjo do "João Alfredo", em demanda à terra dos Cahetés. Sentia na alma a tortura do exilado sem recursos, nas ruas sinuosas de Maceió.

Viajei só, deixando o meu filho cursando o segundo ano de colégio, no Pedro II, de Severino Beserra. Com vencimentos ínfimos, sujeitos à divisão, passei necessidade na terra alheia, longe das carícias dos que me eram caros.

Com prazo curto na capital, sou removido para Piassabuçu, bem pertinho da fóz do S. Francisco. Daí, para São Luís do Quitunde, a zona mais paludosa das Alagoas.

Aí, já estava em melhores condições financeiras. Regresso para Maceió. Renovei as minhas atividades jornalísticas, escrevendo em jornais e revistas da terra, sôbre as coisas e os homens do Estado. Ingresso na Associação Alagoana de Imprensa e logo após no Centro Cultural Emílio de Maia, onde iniciei uma série de palestras em tôrno dos poetas do Rio Grande do Norte. Elevando-os, sentia cada um se refletir nìtidamente no espêlho da minha saudade imensa.

Concluiu o meu filho o curso secundário no Liceu Alagoano. Quis seguir para Recife, em busca da Renomada. Minhas condições financeiras não permitiam satisfazê-lo. Chorei, nesse dia, as lágrimas de um constrangido, sem remédio.

Em vista do que lhe expuz, êle, muito triste, conformou-se, impondo uma condição: o sr. estudará comigo na Faculdade de Alagoas. Desejoso de o satisfazer, não medi sacrifício. Ingressamos na Faculdade, confiados na colaboração de minha mulher. Funcionária da Estação Meteorológica, o que recebia de seus vencimentos, aplicava nos nossos estudos. Compreensiva e boa, tem sido até hoje, a companheira de nossa atribulada vida, estimulando-nos a encarar, com resignação, os tortuosos embates da existência.

A nossa vida acadêmica foi muito aproveitada. Mantinhamos o jornal "Fôlha Acadêmica"; realizavamos júris simulados, com debates calorosos e em tôdas as festas cívicas, literárias, estavamos presentes como distingui-

dos acadêmicos da Jaquira, como a chamavam os inimigos da cultura jurídica da Casa da Lei.

Concluimos o curso sem nenhuma reprovação. Colamos o grau, juntos. Fato inédito na vida estudantil.

Escolhido, não aceitei ser o representante da turma. Foi eleito o meu filho. Apresentou importante trabalho sôbre o Direito Industrial, merecendo louvores da Congregação. Foi um dia feliz. As amarguras se dissiparam diante dos elogios recebidos.

A primeira Turma integral, legalizada da Escola foi a nossa. Nas anteriores, muitos bacharéis perderam o diploma. Vencemos orgulhosos, tecendo louvores à vitória alcançada.

Abrimos as portas da Faculdade para os riograndenses do norte. Dezenas de potiguares, hoje em postos de destaque, receberam as sábias lições de Guedes de Miranda e Jaime de Altavila, principais elementos da Casa da Lei na capital alagoana.

Hoje, resido em Aracajú. Exerço, em comissão, o cargo de Inspetor Regional de Correios e Telégrafos. Por insistência do meu grande amigo General Maynard, já falecido, candidatei-me a Deputado Estadual pelo P S P, seu partido. Não fui eleito. Ganhei uma suplência e estou satisfeito, porque os meus correligionários incluiram-me, novamente, na chapa de deputados para o próximo pleito.

Em Aracajú já publiquei dois livros de poemas e trovas. Fui muito bem recebido pela crítica de vários Estados do Brasil e de Portugal.

Vivo pobre, mas muito satisfeito por ter vencido com galhardia todos os problemas que se antepuseram na estrada longa da minha existência.

MOVIMENTO LITERÁRIO

O Rio Grande do Norte, (falo da minha meninice até 1931), pelo encanto feiticeiro de suas lindas paisagens, pela beleza imensa de suas praias enfeitadas de dunas bran-

cas e brilhantes, como lençóis de prata antiga, fôra sempre o berço de rendas dos mais sentimentais poetas líricos.

Do Açu, que vive sonhando entre a viração das ventarolas de esguios carnaubais, vieram, ao que me parece, os mais emocionais cultores da poesia parnasiana. Já disse alhures que o Açu era para o Rio Grande do Norte, o que fôra Atenas para a Grecia antiga.

A propósito, o velho Cascudo, de saudosa memória, muito bem humorado, dizia que no Açu, quando se ia buscar água nas cacimbas do Arraial, se voltava com os potes cheios de versos...

Enumerar os poetas dessa região sertaneja e seus descendentes, é compor um rosário de estrêlas luminosas.

O certo é que, sem exagêro e sem bairrismo, afirmo que o meu e vosso Estado, tem tido em tôda a sua vida, destacados elementos nas letras, nas artes, nas ciências na bravura e no heroismo, que muito nos enchem de orgulho.

Nesta noite de arte, onde as palavras dos acadêmicos têm lampejos de sol, não devo sòmente me cingir aos conterrâneos. Convém ir mais além, para apresentar-vos aquêles que foram os pioneiros das letras nacionais, em suas várias modalidades.

Em 1593, Bento Teixeira Pinto, dando início à publicidade, como pernambucano ilustre, escreve e imprime um livro de poemas. O baïano Vicente Rodrigues Palha, —Frei Vicente do Salvador, na época do Brasil Colonial, escreve a primeira História do Brasil, concluindo-a em 1627.

A porta fôra aberta. Por ela entraram os intelectuais, os quais iam se distinguindo de acôrdo com as suas tendências intelectivas.

Bernardo Vieira Ravasco, irmão do admirável padre Vieira, do estalo milagroso, Domingos Barbosa e Gregório de Matos, foram aedos que muito se distinguiram na poética de seus tempos.

Gregório de Matos, conforme conceito do brilhante

Cícero Moura, Ana Lima, José Alcino, Uldarico Cavalcanti e Luís Ávila, na revista "Album", do Grêmio Polimático, se revelaram grandes poetas pela subtileza de seus versos.

Em "O Potiguar", revista da Oficina Literária "Lourival Açucena", firmaram os seus nomes em belíssimas páginas de versos bonitos: Gotardo Neto, Ferreira Itajubá, Ivo Filho, Estefânia Mangabeira, João Estêvão, Angione Costa, Antônio Emerenciano, Ponciano Barbosa, Deolindo Lima, Virgílio Trindade e Durval Torres.

Na "Via Láctea", revista feminina, confirmando os seus talentos, sobressairam-se, com muita eloqüência, Palmyra Wanderley, Noêmia de Viveiros, Adele de Oliveira e Carolina Wanderley.

Na época da "Cigarra", revista ilustrada de Aderbal França (Danilo), cronista social de grandes recursos, surgiram os melhores poetas da geração nova dêsse tempo, entre os quais, Otoniel Menezes, Bezerra Junior, Damasceno Bezerra, Jaime Wanderley, Abner de Brito, Murilo Aranha, Oliveira Júnior, Edinor Avelino, fora ainda enormíssima quantidade dos que fugiram da minha memória.

Em jornais periódicos literários ou humorísticos, os poetas surgiam a rôdo, numa torrente nunca desperdiçada.

Jorge Fernandes, o primeiro no Estado a traçar os seus inspirados versos nos moldes da ARTE NOVA, como erradamente se diz, foi um grande poeta. Seguem-se Renato Caldas, folclorista de renome, nos quadros singelo do sertão, onde tudo é poesia, no riso da cabocla amada, Nelamento Fernandes, Luís Patriota, Antídio de Azevedo Galhardo Gomes, Esmeraldo Siqueira, Cosme Lemos, Clóvis Jordão de Andrade, Genar Wanderley, Evaristo de Souza, Rômulo Wanderley, Wilson Dantas, Manuel de Moura Rabelo, Vitoriano de Medeiros, são distinguidos poetas na arte lírica dos provençais.

Na arte dramática, que fôra também uma grande sedução da mocidade de tôdas as épocas, revelaram-se verdadeiros artistas, dominadores de platéias, Aristóteles Costa, João Estêvão, Odorico Pelinca, Deolindo Lima, Teodo-

rico Guilherme, Artur Bezerra, César Pelinca, Ivo Filho e outros. Depois dessa plêiade de consagradores da ribalta, vieram, com ruidosos sucessos, festejados e aplaudidos pelo real desempenho de seus papéis, os conhecidos jovens Sandoval Wanderley, Abelardo Bezerra, Antônio Lucas da Costa e Clarice Palma, elementos principais dêsse núcleo amadorista da ribalta, sem ocasos.

Com a minha retirada, em 1931, do seio dos meus queridos conterrâneos, comecei, de longe, para matar as saudades, a acompanhar, com muito interêsse, tudo quanto de operosidade se registrava na terra amada.

Muitos jornais se fundaram, muitas revistas se criaram, aumentando assim o número dos poetas, dos jornalistas e dos publicistas, em vários moldes, Veríssimo de Melo se destacou na literatura folclórica. Com o advento do rádio difusor, no Estado, as revelações foram aparecendo nítidas e perfeitas, em tôdas as manifestações do pensamento.

Nas relações da cultura nova e velha da terra miguelina, não inclui a figura inconfundível de Luís da Câmara Cascudo, só porque êle é o expoente máximo da intelectualidade potiguar. A fama de seu talento privilegiado já atravessou fronteiras, levada pelo fulgor de seus livros instrutivos e pela eloqüência de sua palavra atraente. Folclorista credenciado como um dos maiores da América do Sul, ainda não descançou sob a sombra das glórias alcançadas. Continua a trabalhar, enchendo de luz a história dos povos, com acêrto e sabedoria. Amigo de longos anos, tenho pelo renomado escritor verdadeiro culto de admiração e afeto.

Pedro Lopes Júnior sempre fôra um poeta de inspiração fecunda e espontânea. Forjado num estilo puramente humorístico, sabia dar uma entonação de graça aos seus versos, dentro das exigências da forma.

Na poesia não há arte nova. Ela é eterna. Agora, o que sucede é que cada poeta procura o seu estilo, a sua escola.

Cruz e Souza, o poeta negro, no seu ceticismo exaltado, foi uma síntese perfeita do simbolismo, no Brasil.

Catulo da Paixão Cearense foi a maior expressão do folclore nacional. O "Luar do Sertão" está espalhado por todos os continentes e a sua música estilizada em vários ritmos. Não podia, nesse momento de grande regosijo para mim, deixar de apresentar-vos uma jóia de elevado quilate dêsse poeta, de quem Luís Carlos disse que o sol e a lua do Brasil foram os dois tinteiros poéticos em que Catulo mergulhou, com inspiração, a sua pena imortal. Ouçamos o poeta nessa redondilha perfeita:

Qual seria o anel do poeta,
se o poeta fôsse doutor?
Uma saudade brilhando,
na cravação de uma dor!

Muitos poetas, no estilo de Catulo, se firmaram na consideração do povo. Os mais festejados são Renato Caldas, Zé da Luz, Mardoqueu Nacre e Zé Praxedes, comoventes nas descrições do sertão crestado pelo sol ardente dos prolongados estios.

Mardoqueu, numa linguagem matuta, de grande sabor para gente, diz:

Vai se mudar a vizinha,
levando todo o terém,
no meio da catrevaje,
meu coração vai também...

Zé da Luz, com muita graça, troveja assim:

Cabôca dos óio grande,
vou fazê dos óio meu,
dois canequinho de frande,
pra bebê água dos teu!

Renato, numa sextilha impecável, se expressa, desta maneira:

Eu armei uma arapuca,
pra pegá a felicidade.
Ela veio e não entrou...
Mas a esperança e a sodade,
pisaram na taramela
e a arapuca desarmou...

Nessa enorme legião de poetas de vários estilos e de várias escolas, vamos encontrar Augusto dos Anjos.

Dizem alguns ser a poesia cientifica. Essa, para mim, não existe na poética universal.

Augusto dos Anjos fôra sobretudo um materialista profundo. Encontra-se nos seus versos a ausência completa dêsse lirismo, que tanto nos fala ao coração Seus versos são carregados de matéria e sangue. Trazia consigo sempre a negra visão do sofrimento e foi nesse ambiente tétrico que êle viu e sentiu a vida. Suas produções, construídas dentro dos rigores da arte, numa demonstração difícil de palavras combinadas, têm vida, côr e movimento.

Dono de uma vasta cultura cientifica e filosófica, sabia, com elegância, traçar todo o seu idealismo em versos, iluminados pelos efeitos deletérios da morte.

O seu estilo de sentido necrófilo, não teve adeptos. Leonel Coelho procurou se aproximar, mas, infelimente, esvaido em sangue, morre sem atingir à meta desejada.

Mas, voltemos a falar de Pedro Lopes Júnior. Êsse, além de poeta lírico, jornalista de fôlego, tem uma tendência especial para o humorismo. Nesse estilo, são vasados, com muita verve, quase todos os seus versos. Em "Baú qe Turco" é onde melhor se poderá apreciar o poeta nas cintilâncias do seu estro, na expansão de seu talento.

O poeta, diz bem o padre Teófanes de Barros, é como o filósofo. Enquanto o cientista vê no Cosmos o ritmo, a harmonia, o poeta escuta a melodia entoada pelos sêres e tenta interpretá-la. O filósofo investiga, entende, assimila e irradia. O poeta ouve, sente, eleva-se às alturas e cria. Se o filósofo é o profeta, o poeta é o menestrel de Deus.

PATRONO

Pedro Lopes Júnior, conhecido na intimidade como Pierre, foi um potiguar que muito honrou as letras norte-riograndenses aqui e além fronteiras do nosso Estado.

Nasceu nesta capital, na Rua dos Tocos, hoje Prin-

cesa Isabel, no dia 22 de março de 1897. Era filho de Pedro Lopes Cardoso e Francisca Lopes Cardoso. São seus irmãos, entre outros, Dr. Omar Lopes, oficial do Exército, Adriel Lopes, patrono de uma das cadeiras dêste augusto sodalício e Otacílio Lopes, môço muito conhecido nos círculos sociais da potiguarânia.

Dono de grande talento, o meu patrono, muito cedo começou a militar nas lides jornalísticas da terra.

Poeta de um sabor humorístico admirável, sentia-se bem conformado na pobreza que arrastava, tendo sempre no rosto descarnado, a expressão de uma alegria em festa.

Dirigindo periódicos, escrevendo em diários, Pierre tinha uma vida agitada e mal dormida, que a amenizava com o humor de que era favorecido.

Fizemos parte de "A Imprensa", dirigida pelo Coronel Francisco Cascudo e depois pelo seu filho, o brilhante escritor Luís da Câmara Cascudo, onde, juntos, cuidavamos da feitura intelectual dêsse vigoroso vespertino.

Em "Ata Diurna", Cascudinho disse uma vez que: "não havia criatura mais conhecida. A batalha no jornal era disputar espaço ao noticiário do Pierre, infatigável registrador do que jamais fôra registrado em letra-redonda. Ninguém possuia uma verve mais pronta, um remoque mais oportuno, uma resposta mais desconcertante. Invencível nos trocadilhos, na espontaneidade irresistível, paradoxal, de sua inspiração".

Modesto funcionário público, nunca mereceu dos podêres públicos uma função digna de seu valor, do seu mérito, da sua capacidade. Não foi profeta em sua terra. Cumpriu fielmente a sentença bíblica...

Emigrou para o Recife. Lá se desdobrou em atividades jornalísticas.

No "Jornal do Recife" mantinha diàriamente duas secções, uma em verso e outra em prosa, tituladas "Uma por dia" e "Sal-picos", sob o pseudônimo de Sa-poti.

Ainda manteve a secção "Pinguinhos", quando o mesmo jornal dava uma edição vespertina.

Na revista "A Pilhéria", manteve uma secção de contos, que causou sucesso nos centros intelectuais do Recife, pela verve de que eram revestidos.

Em 1932, publica o seu livro de versos, o primeiro, com o título de "Baú de Turco", onde a finura de seu humorismo ficou bem revelada, causando risos ao mais sisudo leitor.

Deixou inédito um livro em prosa e verso com o nome "Bugigangas", cujos originais foram extraviados por quem não sabia conservar os escritos do saudoso conterrâneo.

Para melhor se avaliar a elevação espirituosa dos seus versos, ouçamo-lo nesta graciosa sextilha intitulada "Lição do Pai", onde se revela bem a poética humorada do brilhante jornalista desaparecido materialmente no Recije, no dia 24 de julho de 1934, deixando mulher e filhos:

—Meu filho, diz o pai, repare bem
a mentira não serve pra ninguém
e o mentiroso a própria vida arrasa...
—Papai, estão batendo no portão!
—Se fôr o "seu" Moisés da prestação,
diga, meu filho, que eu não estou em casa...

"Baú de Turco" é um viveiro de trocadilhos e mordacidades inofensivas. Se tempo me sobrasse nesta noite tão grata para mim, eu leria muitos versos do meu patrono que, com inescedível brilhantismo, na Veneza Americana, pelas colunas dos diários, representou bem a terra embaladora de seu nascimento, mas não posso deixar de trazer, como enfeite exótico, "O Pessimismo" do pranteado morto, revelado neste admirável decassílabo:

Isso da gente andar mágoas carpindo,
Ser grave, circunspecto, carrancudo,
De nada vale... Eu acho graça em tudo
E só estou sério, quando estou dormindo.

A vida é um carnaval — eterno entrudo;
O riso é como a máscara, e, sorrindo,
Eu levo esta existência, alegre, rindo,
Quando o resto do mundo está sisudo.

Gastei, nessas etapas percorridas, não as fôrças da matéria, porque essas se depauperam e se anulam, voltando à poeira primitiva, mas uma parcela considerável do meu espírito, deslumbrado pelo ideal de atingir à culminância suprema do sonho, de situar-me no conceito dos verdadeiros idealistas, que são justamente aquêles que conseguiram a perfeição, pela cultura, síntese e continuidade de sabedoria.

E já no fim da estrada, confortado, ainda, com o quinhão de fortaleza espiritual que me sobrou, na luta ingrata em que me debati, pela conservação, deparo-me, agora, com outros horizontes, novas paisagens, plantados em latitudes que não foram aquelas que percorri, na minha insofrida nomadía, na minha angústia de dominador de distâncias.

Trazia, no meu espírito fatigado, mas cheio de ambições, a fé na possibilidade da perfeicão e a esperança de que os homens capazes de concebê-la e de plasmá-la, seriam também capazes de perpetuá-la, na continuidade do tempo, não se deixando vencer, passivamente, por uma minoria abstrata, cujo esfôrço se anula e se confunde, no pandemônio cultural e artístico em que, convulsionada, vive a geração atual, afastada da forma, distanciada do ritmo, negando a beleza e traindo a perfeição.

A legião formada pelos antigos, pelos artistas que vieram do passado, não se pode negar, abriu carreiros à mediocridade atual e, criminosamente, a tem permitido transitar, com desembaraço, quando deveria, antes, ter-lhe minado o terreno, para que as suas eiras não fôssem calcadas por pés profanos, que procuram alcançar metas, fustigando o talento alheio, acutilando-lhe as realizações e deixando, sôbre as areias fôfas, em vez de rastos luminosos, sulcos denunciadores de sua improbidade e do seu revoltante despeito.

Mesmo assim, ainda tenho confiança e espero que o castigo, a punição para essa equipe de filisteus, que en

do fracasso, com que se confundirão, diante do brilho cascateante dos que vivem mais aproximados das estrêlas...

*
* *

Mas, minhas senhoras e meus senhores, eu aqui não fui chamado para deblaterar contra os que se desviaram da rota normal da arte e vivem, pela imprensa, urdindo diatribes e aleives, contra tudo que realizamos, numa flagrante incontinência de linguagem, porque se assim procedesse sujeitar-me-ia a descer, também, à vala comum, rebolando-me em idênticos desvarios.

Fui escolhido, sim, para desta tribuna, saudar a um nôvo imortal que, aparelhado com exímias e sólidas virtudes de talento e cultura, ocupou, nesta oportunidade, a cadeira nº 16, desta assembléia de cultura, tendo como patrono o nosso saudoso humorista Pedro Lopes Júnior.

E aqui me encontro para enaltecer as virtudes de fidelidade e devotamento de um artista que permanece, religiosamente, obedecendo à disciplina, à forma, aos preceitos e às bases que a arte trouxe de origem.

Falo-vos para distinguir o valor de um esteta, cuja lira, sempre afinada, vive a motejar acordes em louvor da graça e da beleza.

Expresso uma homenagem muito afetiva e muito sincera a êsse grande e incomparável poeta, pela inarredável estima e admiração que consagro, não apenas ao aedo brilhante e imaginoso, sobretudo ao homem, ao potiguar cioso das tradições de sua terra e deslumbrado com as glórias do seu Brasil.

*
* *

Minhas senhoras e meus senhores.

De que me serveria, néste ensejo, exumar o passado, para reencontrar-me com a figura môça dêsse irrequieto artista, com êsse doneador do belo sexo, que revolucionou a cidade do seu tempo?

De que poderia valer-me para colorir o perfil dêste inconvertível sonhador, se o presente fala mais alto dos seus magnificos e profundos conseguimentos?

Assim, resolvi cinzelar, nestes conceitos, a personalidade do esteta que, agora, afastado de nossa convivência, por imperativos a que o obrigaram as contingências do destino, faz crescerem e tomarem vulto, o seu nome e o seu prestígio, fora da órbita sócio-intelectual natalense, para divulgar, lá fora, com seu talento e inteligência, os triunfos e a grandeza da cultura e das artes potiguares.

Sim, minhas senhoras e meus senhores, porque o imortal que hoje assume o seu pôsto nesta casa, não troca, não permuta, não negocía, não transaciona, pelo valor, pela opulência, pela beleza e pelo progresso de outras terras, o seio maternal da gleba augusta e gloriosa em que nasceu, porque conserva ainda, como sempre conservou, o mesmo espírito amoroso, a mesma ternura, o mesmo amavío, o mesmo deslumbramento pela terra, onde se plantou o teto dos seus ancestrais, onde se enfloraram as suas primeiras ilusões e esperanças e onde se armou, no aconchego do lar feliz, o cortinado azul do berço do seu filho...

*
* *

Decorria o mês de novembro de 1889, quando, nos arredores da cidade, nos campos ainda irrigados pelas últimas chuvas do ano, na florada promissora dos cajueiros, que perfumavam a orla dos morros na cordileira azul do Tirol, a cidade foi surpreendida com um grande evento. Nascia no dia 1º de novembro, celebração da Festa de Todos os Santos, pelo ritual católico, uma criança, que seria também um santo, se não houvesse nascido poeta.

Era Josué Tabira da Silva a quem o carinho da genitora Eduviges de Oliveira, através de uma vida sinapizada pela sorte, o criou, educando-o na vida, orientando-o na luta cruciante pela sobrevivência.

Josué, menino travêsso e peralta, acostumado às traquinadas pela cidade, campo de suas ilusões, em companhia de outros jovens de sua idade, cresceu, tornando-se homem, modificando a sua conduta, melhorando o seu modo de proceder e dedicando-se ao trabalho, no afã de ajudar a sua pobre mãe desamparada, livrando-a de maiores sacrifícios domésticos.

Desde então, começaram os horizontes do destino a clarear e a vida a correr-lhe mais folgada, mais fácil e menos amarga e infeliz...

* * *

Amigo íntimo e primo de João Estêvão Gomes da Silva, poeta de grande imaginação e teatrólogo de boa classe, com quem formara a dupla mais popular da cidade, conhecida pela interessante alcunha de "par de colchetes", mais tarde, Josué apareceu na imprensa, militando no jornalismo, onde se credenciou para vôos mais arrojados, conduzido pela mão dadivosa do amigo e parente, tão ligado ao seu destino pelos laços de idealismo, que ainda conservam, como um avatar.

Em contato com ilustres mestres das redações, esmerilhou a inteligência, dosou os pendores intelectuais, conseguindo, por merecimento próprio, galgar cargos de responsabilidade nos matutinos, a serviço dos quais pôs o seu talento de classe, a sua dedicação e os seus conhecimentos técnicos.

Em 1916, Tabira, já familiarizado nos meios culturais natalenses, como poeta de rara inspiração, publicou o seu primeiro livro, "Cantigas", com o qual sagrou-se o mais perfeito labirintador de quadras líricas, entre os cultores da arte da lira, tôdas elas moldadas em motivos visando a beleza da mulher e as sugestões que lhe produziam amôres.

Fôra, sempre, um deslumbrado pelos feitiços femininos, pela música e pelas flôres.

Jamais o seu coração deixou de palpitar pelo encanto de uma formosa dama; nunca as suas noites o deixaram sem um violão para a serenata e dificilmente se ausentava de sua botoeira uma rosa, de preferência, vermelha.

Destacamos, para refôrço de nossa afirmativa, uma bonita quadra que, parece, tê-la escrito à guisa de um auto retrato:

"Em três coisas se resume
minha vida de rapaz:

Tocar violão, ter ciume,
fazer trova, e nada mais..."

A propósito de sua preferência pelas flôres, conta-se um episódio muito curioso de sua vida.

Dos Correios e Telegrafos desta capital, Josué fôra transferido para repartição de igual categoria, em Maceió.

Chegando à terra berço dos "Marechais", não conseguiu, apesar de sua contagiante afabilidade, de pronto, fazer amigos, pois ainda era um ilustre desconhecido para a gente da terra do "Gogó da Ema".

Um dia, faltou-lhe a flor, a indefectível flor para a lapela. Josué, inquieto, foi ao mercado e lá não encontrou flôres, nos locais destinados a sua exposição. Foi à igreja pedir, como de costume, flôres a Santa Teresinha e encontrou o altar desnudo.

Voltando a casa, meio decepcionado, ao cruzar uma esquina, deparou-se com um palacete, em cujo jardim havia muitas rosas, na sua maioria, vermelhas.

O poeta sorriu vitorioso. Mas, para seu desgôsto, na calçada, um pouco adiante do portão da vivenda, estava postada uma senhora, como se estivesse aguardando a passagem de alguém.

Josué não deu atenção à senhora e dirigindo-se ao portão, invadiu o jardim, colheu a mais bonita e mais corada rosa, pô-la na lapela e displicentemente saiu.

Na calçada, tentando despistar a atenção da senhora, que a êsse tempo já estava junto ao portão, perguntou-lhe, cavalheirescamente:

—A senhora deseja falar com alguém, aqui?

Ao que lhe retorquiu, sêcamente, a dama:

—Não, senhor... Eu sou a dona desta casa!

Em 1922, em colaboração com o poeta João Estêvão, seu parceiro encardido de Lapinhas, Fandangos, Se-

renatas e Piqueniques, escreveu Josué Silva um trabalho de pensamento, meditação e paciência, no qual está perpetuado o seu gôsto pelas letras e o seu interêsse e devotamento à tradição do nosso Estado.

Revolvendo alfarrábios, confrontando registros, copiando notas, os dois queridos amigos editaram a História da Maçonaria no Rio Grande do Norte, trabalho que lhes deu renome, pelo precioso documentário que encerra, sôbre o destino e a obra social daquela benemérita instituição.

Na Maçonaria Potiguar, o ilustre imortal ocupou vários cargos de destaque, todos conquistados por seu zêlo e devotamento aos postulados daquêle núcleo de benemerência, filantropia e amor ao próximo.

Depois de vários anos à frente da Inspetoria Regional do DCT, em Maceió, Josué Silva foi transferido para Aracaju, ocupando o mesmo cargo que vinha exercendo no Estado das Alagoas.

Instalado em Aracaju e carpindo saudades que levara da sociedade e dos amigos de Maceió, o poeta não tardou em se aclimatar no metier do "hight life" sergipano, terra que segundo afirma é, hoje, a sua segunda Natal, pela afinidade da estima que o liga a seu grande povo, pela beleza das paisagens surpreendentes e pela parecença dos hábitos e dos costumes, ali em voga.

Esqueceu-se, desta feita, o brilhante trovador enamorado, de referir-se, no seu depoimento sôbre as mulheres e as flôres, mas isso é perdoável, porque deve correr por conta das reticências e dos etc.!...

Cercado da admiração e do respeito dos sergipanos, Josué tornou-se uma figura de prol do "grand monde", como também dos meios culturais e jurídicos, desfrutando merecido prestígio em todos os setores das atividades de seu meio de ação.

Bacharel pela Faculdade de Direito de Maceió e sócio efetivo da Associação Alagoana de Imprensa, são títulos que conquistou durante a sua permanência na ter-

ra alagoana, por seu valor pessoal e pela sua vontade de crescer no conceito dos amigos e na admiração dos patrícios.

Causídico, os seus conhecimentos jurídicos se têm marcado através de trabalhos, nas suas lides no Forum sergipano, no qual goza de privilégios, pela lisura com que procura exaltar a justtça.

Jornalista, a sua pena está sempre posta a serviço das boas e nobres causas, na defesa dos postulados democráticos e dos interêsses, dos direitos e das garantias coletivas.

*
* *

Em 1956 publicou o seu segundo livro de versos intitulado "Versos que fiz para você", que recebeu honroso prefácio do Comendador Câmara Cascudo.

—Fê-los para quem?

—Ninguém sabe!

É um segrêdo que êle conserva na pureza do seu sentimento, na esfinge interior em que guarda uma paixão que não quis ou não pôde revelar, para não causar desassossegos domésticos ou para evitar revanches dos responsáveis pelo destino da heroína de sua Musa.

Sabe-se, todavia, da grandeza dessa paixão, porque indiretamente, ou digamos indiscretamente, Josué se denuncia ou se trai, formulando conceitos sôbre ela, num retornelo que labirinta todo o seu livro:

"Profundo e grande é o amor.
E não se pode descrer.
Do tamanho que êle fôr,
dentro dalma há de caber".

*
* *

O imortal que estamos louvando neste ensejo, vem de uma peregrinação através do tempo, conservando fidelidade à arte que professa com muita honestidade e não menos amor. E tanto é assim que não se moldou aos preceitos que os "novos" estão trazendo ao panorama cultu-

ral, que atualmente se desenha no meio dessa babel, que a época está paraninfando, para a debacle da verdadeira, da pura e da inconfundível arte, pensada e sentida.

Em "Trinolejos", seu último livro, edição de 1957, Josué Silva registra a sua profissão de fé, através de eloqüente manifestação, na qual dá a certeza da imutabilidade das diretrizes que traçou, as quais vêm se mantendo na mesma direção e sempre para o mesmo ponto de convergência.

Assim, falou o poeta, abrindo o seu relicário de emoções:

—"Diante das evoluções demolidoras da Poesia Moderna, tenho o orgulho de ser o poeta emocional das sínteses.

Decanto, nos meus versos, onde a sensibilidade mora, sòmente o Amor e a Mulher.

Amor — síntese indispensável, na solidariedade humana.

Mulher — resumo exaltado de todos os prazeres da vida".

Falando da mulher amada, Josué maneja hàbilmente com as rimas, para traduzir o seu pensamento:

"Nem por tôda essa beleza
de uma noite constelada
eu trocaria a tristeza
dos olhos de minha amada."

E ainda:

"Rosas me dás. Do costume
velho, que nunca te esqueces,
já tens, nas mãos, o perfume
das rosas que me ofereces."

Referindo-se, ainda, à mulher de sua paixão, escreveu:

"—Entre perfumes e côres
a tertúlia se acabou.
Se foram tôdas as flôres,
Mas, a saudade ficou."

"Trinolejos", minhas senhoras e meus senhores, esse crisol, onde Josué purificou as suas emoções, tão simples, mas tão deliciosas, é uma reunião de poemas nos quais o poeta expande as fulgurações inatingíveis de sua fértil imaginação, levando-a a tôdas as latitudes, em desenhos originais, que êle criou, na pureza de sua arte, para gáudio de seu espírito boulevardier.

E antes de fechar o cíclo de sua verve fluente engastada nos versos que estrelam os seus poemas, o nôvo imortal suplica (talvez a mulher que sempre lhe oferece rosas para a lapela) numa prece que deve ser atendida, para que, amanhã, em tôrno do seu sonho, continui a florescer o roseiral...

"—E quando, um dia, eu me fôr
e a vida se me apagar,
levando o sol nos meus sonhos,
em rimas, que são centelhas,
vai, amor, com muito amor,
o meu sepulcro enfeitar,
com muitas rosas vermelhas".

Prezado e ilustre recipiendário:

Chegou o momento final desta palinódia, escrita "á vol d'oiseau", apenas para satisfazer a vossa confiança e amizade, distinguindo-me com a honra da escolha, para saudar-vos, em nome da Academia Potiguar de Letras, na solenidade desta noite de emoções inesquecíveis.

Sejam as minhas derradeiras sentenças dirigidas, não ao prezado colega, não ao imortal, pelo prazer que lhe engrinalda o espírito, pela envaidecente realização dêste sonho que acaba de se concretizar, mas, à alguém que, distante do esplendor desta reunião, carpindo saudades e vivendo emoções, em outras terras e entre outras gentes, de lábios trêmulos de alegria, de mãos nervosas e súplices e de alma carregada de regosijo e de orgulho, ben-

diz, num gesto eloqüente de confraternização e de estima, a atitude dêste cenáculo de cultura, recebendo, neste ensejo, com as honras e distinções que merece, em seu seio amigo, uma metade do seu coração amantíssimo de espôsa.

E, nesta oportunidade, demonstrando o meu respeito e o meu carinho, na homenagem que tributo à Musa inspiradora do "poeta da flor na lapela", formulo votos para que, o orgulho e o regosijo dessa criatura desvelada, que se completa, na vida, ao lado do companheiro, amigo leal de tôdas as horas, de todos os dias e de todos os anos, se perpetuem e se multipliquem, meu ilustre e talentoso imortal, no vosso interêsse e na vossa inconteste solidariedade aos preceitos e diretrizes que norteiam êste ninho de letras, que espera e confia, ser, sempre honrado, pelo esfôrço, pela dedicação e pelo devotamento dos seus consagrados imortais.

ANA LIMA — poetisa de três sonhos

SANTA GUERRA

DISCURSO de posse proferido em 5 de abril de 1959, em sessão solene da Academia Potiguar de Letras.

DD. Autoridades religiosas, civis e militares,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Exmº. e Revdmº. Presidente e Senhores Sócios da Academia Potiguar de Letras.

Que razão me induz a aceitar o convite honroso para formar ao lado de conterrâneos ilustres no convívio das musas?

Assim indagava eu a mim mesma, ao iniciar o trabalho modesto que ouso agora apresentar em público.

Em resposta, duas justificativas encontrei. A primeira está na reconhecida benevolência do competente e virtuoso Presidente da Academia Potiguar de Letras, o Revmo. Monsenhor José Alves Landim. Faltar-lhe seria desairoso.

Depois pensei: entre a Plêiade dos Patronos da nova Casa, vejo que surgem dois nomes de mulher. E por que não será outra mulher que apresente um dêles, pelo menos?

Eis-me, portanto, aqui, com satisfação, sim, mas também ressentindo-me da falta dos dons necessários para fazer refulgir em todo o seu brilho, realçar em todo o seu valor, o estro e a personalidade da minha Patrona, a poetisa Ana Lima.

Em homenagem — Antes de apresentá-la, em homenagem, como uma introdução, eu vos convido para algumas reflexões em tôrno da missão feminina sôbre a terra.

De início, quero mencionar, como exemplo acabado de tôdas as virtudes, a humilde Virgem Maria, que se tornou, pela complacência do Altíssimo, a Mãe de Deus, a co-redentora da Humanidade.

Minhas Senhoras e meus Senhores, eu vejo nas mãos da mulher, sobretudo, o destino da família e, conseqüentemente, da comunidade humana.

O progresso dos nossos tempos é, em grande parte, o progresso da imagem sensorial sôbre a idéia abstrata. Na vida moderna há rumores demais e muita pressa. Quase impossível a reflexão. Nesta época de utilitarismo, quando tudo se avalia em têrmos de dinheiro, são muitos os que menosprezam a tarefa primordial da mulher —a sua missão de dona de casa. Entretanto, é tão preciosa esta missão que o seu valor ultrapassa à maior quantia monetária. Melhor: são valores tão dessemelhantes que nem comparar se podem. É que na missão da dona de casa está o dom de si mesma. E dom implica o ato de dar e não de negociar, Que importância pagaria os desvelos maternos pelo filho? Demais, se objetivamente avaliarmos os afazeres da mulher no lar, desde a manhã até a noite, veremos que ela "não come o seu pão na ociosidade".(1) Portanto não é justo chamar-se "a mulher que trabalha" sòmente aquela que exerce uma profissão fora do lar.

Felizmente, porém, há por diversos países, os que olham com carinho a educação familiar como base indispensável para suster e elevar a grandeza de um povo. Quem igual as mães para solidificar os alicerces de um mundo melhor, cuidando zelosamente da formação física e moral da argamassa humana? A grande máquina social precisa encontrar, na engrenagem de cada lar, uma dona de casa devidamente preparada, capaz de evitar desajustamentos e dissabores sem conta.

Para tanto é mister dar-se à mulher preparo adequado, formação condizente com as suas tendências e aspi-

---

(1) Prov. 10 - 27.

rações. Uma cultura em função da vida. "Esta é uma das principais tarefas da nossa época—a de encontrar novas possibilidades de cultura a partir de uma compreensão nova do homem e da mulher", escreve Gertrud von le Fort, em seu livro "A mulher eterna".

Dada esta compreensão, julgo acertada a corrente pedagógica que mostra a não conveniência de seguirem, môças e rapazes, programas sempre inteiramente idênticos. Não se trata de impedir às jovens de seguirem qualquer profissão de sua escolha. Nem de encerrar a mulher no lar.

Conta um livro didático de psicologia que um psicólogo leu e releu um poema grego para crianças de 18 mêses de idade. Alguns anos mais tarde êle notou que aquelas crianças aprendiam muito mais fàcilmente que outras, os textos gregos repetidos diante delas. Relacionemos o caso com a marcante influência da família na formação da personalidade. Influência esta que o amor materno jamais deve esquecer, a fim de gravar na alma infantil, pela repetição dos atos, os hábitos bons ou virtudes morais que irão mais tarde transbordar na sociedade, em benefício da coletividade.

Na tarefa educativa, a colaboração dos pais faz-se necessária. As mães, entretanto, no convívio de cada instante, mais oportunidade encontram para modelar caractéres. Responsabilidade enorme, que modernamente pede o auxílio da caracterologia, da psicologia pedagógica apropriada, para o conhecimento de temperamentos, personalidades. São matérias já encontradas nos programas de educação familiar.

Naturalmente que com orientação sadia, não seguindo métodos ditados por uma psicanálise mal entendida e formando, pelo medo de "criar complexos", em vez de homens de vontade, capazes de enfrentar e vencer circunstâncias adversas, seres acorrentados às más tendências, sem a capacidade de escolher.

"Os humildes trabalhos domésticos têm a sua grandeza e a sua nobreza justamente na medida em que forem vivificados pelo amor, esclarecidos e transfigurados por uma verdadeira mística de caridade e de generosida-

de". É o que faz sentir um grande impulsionador da educação familiar no Canadá. (2) Realmente "não se ama o que não se conhece" — ouve-se repetir. Como poderão as jovens dedicar amor às tarefas domésticas se estas lhes são estranhas? Mas, se as conhecem e amam, poderão no lar, mais tarde, tecer com elas a felicidade relativa da vida. É que as mesmas tarefas vão ao encontro das tendências inatas da alma feminina. Quanta alegria a dona de casa proporcionará, através da sua missão especifica, cuidando do bem-estar dos seus? Por que hoje muitos não sabem mais encontrar a felicidade nas alegrias simples do lar? Os prazeres modernos, artificiais, embotam, desde cedo, as emoções.

Entretanto "encontram-se sôbre a terra muito mais felicidades do que julga a maior parte dos homens, êles, porém, não as descobrem". Estas palavras, o simbolismo de Maeterlinck as pronuncia no jardim de inefável felicidade, onde se encontram as felicidades singelas e puras do lar. Demos um cunho cristão ao pensamento do escritor agnóstico, isto é, assentemos sôbre bases sólidas e sigamos a sua imaginação em um trecho que li. A imaginação do escritor conduz dois meninos por um sonho de noíte de Natal, através regiões misteriosas, em busca do pássaro azul, símbolo da felicidade. E naquele delicioso jardim, os dois irmãos divisam as inúmeras felicidades domésticas. Diàriamente conviviam sob o mesmo teto, mas, só então, por virtude do diamante mágico, êles têm os olhos abertos para a vida invisível das coisas. São tantas as felicidades do lar que em tôrno dos dois meninos dança a farândula alegre que tece a alegria de viver!

É a felicidade de gozar do ar puro, quase transparente. A felicidade de amar os pais, de ar sempre triste, por ser, tantas vêzes desprezada. A felicidade de gozar do céu azul, outra, a das horas ensolaradas. côr de diamante. A de gozar do pôr do sol, belíssima. Conheceram ainda as duas crianças a felicidade de ver surgir as estrêlas, com a roupagem côr de ouro. E a mais clara de tôdas—a felicidade dos pensamentos ínocentes, em nossa

---

(2) Mgr. A. Tessier — Un grand pédagogue en éducation féminine, 1950, Québec, Canadá.

época tão perseguida pelo mau cinema, por certas canções e ditos do rádio, por más leituras. Junto a Tyltyl e Mytyl as duas crianças que buscam o pássaro azul pelas regiões misteriosas, passa muito ágil a felicidade de correr na selva, de pés descalços. Quem é êste mal educado? — Pergunta Tyltyl, ao ver um diabinho que surge, dando sopapos em um, piparotes em outro... E o guia, que é a própria luz, explica: — É a felicidade de ser insuportável. Também ela tem o seu papel no lar. E porque não? Quando o irmãozinho vai contar tudo à mãe, é oportunidade para a formação de cada instante, em que a intuição deve saber como haver-se para impulsionar o filho para o bem.

Afinal, as crianças despertam, muito mais compreensivas, pois que haviam entendido a alma invisível das coisas. Olhando a gaiola, a sua gaiola que havia levado pelas regiões fantásticas e nela vendo, de maneira diferente, a rolinha de que diàriamente cuidava, o menino exclama admirado: "Eis o pássaro azul que nós procuravamos. Mas está muito mais azul que dantes. Fomos tão longe e êle estava aqui, junto de nós". Desde então, tudo em sua modesta casa lhes pareceu mais claro, mais rico e mais belo.

É preciso que as mães saibam encontrar o pássaro azul junto a si, isto é, que saibam encontrar a felicidade nas coisas simples do lar e não julguem encontrá-la sòmente além, por escritórios e repartições ou nos prazeres do luxo, longe dos seus. Só assim poderão ensinar aos filhos a compreender a alma simples das coisas que fazem a felicidade de cada dia.

Para que se intensifique a vida de família não é preciso restringir-se ao lar a vida da mulher. A própria igreja, pela voz do seu eminente Pastor Pio XII, fêz sentir que tem ela, em nossos dias, não só o direito, mas o dever de participar da vida social e política, da forma e na maneira que lhe convenha, a fim de conter as correntes que ameaçam a família. Nem se julgue ser preciso, para tanto, restringir-se a cultura das jovens. As conquistas femininas não cairão por terra. As portas das universidades continuarão abertas para recebê-las, para qualquer carreira da sua escolha. Também à educação familiar, na época da técnica, não bastam a rotina e o empirismo. Ela exi-

ge conhecimentos cientificos variadíssimos, que na economia doméstica se revestem de roupagens, na aparência singelas, caseiras, até mesmo quando em gráu superior, universitário, como vemos por diversos países. O essencial é, repito, que se ausculte a alma feminina, se exercite a mulher na missão que lhe cabe desempenhar na vida. Que se procure revestir esta mesma alma de amor pela sua missão, compenetrando-a da importância da mesma. E, sobretudo, para bem orientá-la, que sejam lembradas as palavras de Carrel: "Impossível conduzir bem a nossa vida se não soubermos o que ela significa e o que se segue depois da morte". A não ser assim, como poderiam as mães orientar para Deus não só a sua própria vida, mas também as vidas que lhes foram confiadas?

Ei-la, enfim — Minhas Senhoras e meus Senhores, escutemos uma alma de mulher, mulher que é também poetisa, e, como tal, capaz de entender a alma invisível das coisas:

HORAS

Manhã. O sol formoso e alvissareiro
Surge do azul na tela esplendorosa...
Brilha no céu o astro derradeiro,
Abre na terra a derradeira rosa!

Porque não vens à hora dos fulgores,
Como a luz, como os sonhos, como as flôres?

Tarde. Canto de aves erradias
Pelos ramos das árvores frondosas...
Voam canções pungentes e sombrias
Lá no seio das ondas rumurosas!

Por que não vens à hora da tristeza,
Como os salmos gentís da natureza?

Noite. Perpassam trevas embaladas
Sôbre as asas das brisas peregrinas,
E as formosas estrêlas desmaiadas
Enchem o azul de luzes pequeninas!

Por que não vens à hora da poesia,
Como as estrêlas, como a noite fria?

Ana Lima, a minha Patrona, é a autora dêste belo poema. Encontrei-o na "Ata Diurna", da autoria do nosso conhecido e renomado conterrâneo Câmara Cascudo, e publicada na "A República", de 4 de setembro de 1958. Na mesma "Ata Diurna", a respeito de Ana Lima, diz Câmara Cascudo: "Tinha muitos versos escondidos nas gavetas. Versos líricos e também humorísticos. Onde estarão êles?"

Onde estarão êles? pergunto eu, com o ilustre escritor citado. Busquei-os, mas não os encontrei. Procurei "Verbenas", o seu livro de versos publicado, não o encontrei. Procurei "Oasis" e "A Tribuna", jornais da época da poetisa, nos quais colaborou. Também não os encontrei. Entretanto, os seus irmãos, de quem me valí, guardavam, com carinho, no relicário precioso do coração, embalsamadas pelo perfume da saudade, recordações valiosas.

Neste ponto, em pensamento, ergamos o crepe que enluta ainda o Rio Grande do Norte, com a perda do seu dedicado filho—o Dr. Nestor dos Santos Lima, falecido a 26 do mês p. passado. E, em pensamento, ainda, deposimos sôbre o túmulo do ilustre desaparecido, um ramo de sempre-vivas. Por que sempre vivas ficarão as lições que, como mestre abnegado, o Dr. Nestor soube, com devotamento, implantar no coração das turmas sucessivas de alunos que o tiveram como professor e amigo.

A minha pobre arte longe está de retratar fielmente aqui tôda a beleza e tôda a graça de Ana Lima. Nem me foi possível discernir o que mais inspirava a poetisa, aquilo que mais profundamente fazia vibrar a sua alma de artista. Mas o esclareceu o seu ilustrado irmão, o Dr. Nestor Lima, pouco tempo antes de falecer: "Era poetisa espontânea e inspirada, sentindo vivamente as impressões da natureza". A espontaneidade é realmente uma nota interessante na musa de Ana Lima. Se de uma conterrânea amiga recebia, como no exemplo real que passarei a citar, um ramalhete de saudades, pelo mesmo portador voltava o agradecimento em versos:

Saudade é a flor que mandaste agora,
Saudade é a flor da minha desventura,
A tua é alegre como a luz da lua,
E a minha é triste como a noite escura!

(Segue-se outra quadra).

Não se conclua, pelos citados versos, que Ana Lima fôsse triste. Pelo contrário, era alegre, cheia de vida, falando com desembaraço e precisão, dizem os que a conheceram. É o que atesta a sua particular amiga Auta de Souza, a qual lhe dedicou "Luz e Sombra", poema que embeleza o "Horto". Diz Auta de Souza, na segunda estrofe:

Ris e eu soluço... (Loucas peregrinas!)
E em tôda parte, enfim, onde passamos,
Deixo chorando os olhos das meninas,
Deixas cantando os pássaros nos ramos.

E assim a retrata mais adiante, no poema referido:

Gostam de ver-te o rosto de criança
Limpo de névoa de um martírio vago,
O lábio em riso, desmanchada a trança,
No olhar sereno a candidez do lago!

Outra prova que colhí da espontaneidade de Ana Lima. Desta vez vem-lhe a inspiração pelo sorriso do seu primeiro filho, no dia em que êste completava cinco mêses de idade. Na intimidade do lar. A irmã fala à criança que lhe sorri. A mãe, segurando o filhinho, escreve, com o papel sôbre a própria perna:

Para ti, mimosa Idila,
Veio uma idéia feliz,
De roubar, com mil cuidados,
Um dos risos engraçados
Dos lábios do meu Luiz.

Idéia de mãe poetisa: oferecer carinhosamente à irmã o sorriso do filhinho.

Ainda um exemplo, e êste, além de comprovar a espontaneidade, diz do bom humor da poetisa. Lembra-nos também o que disse Câmara Cascudo, que conversou com

ela: "Não perdia a nota leve e fina da ironia, graciosa malícia feliz, desenhando a figura evocada". É a resposta a alguém que se admirava por vê-la saborear sòzinha todo um melão. "Lá em casa um melão é para oito pessoas"—dizia o visitante. A poetisa toma do lápis e escreve esta quadra, onde a ironia reforça a idéia:

Quem aperta a barriga,
Na miséria se consome;
Pois na derrota da vida,
Só se lucra o que se come.

Vida de Ana Lima em três sonhos — Alguns dados biográficos da minha ilustre Patrona, colhidos entre os seus dedicados irmãos. A sua irmã Idila bondosamente me repetiu os versos que juntas cantavam e que, na memória, se guardam de cór. Intitulam-se "Os três sonhos". Procurarei, dentro de "Os três sonhos", situar-lhe a vida.

Primeiro sonho — MENINICE

Da minha meninice
O doce alvorecer,
A aurora do viver,
Tão linda e tão feliz;
A vida dos meus pais,
O encanto do meu lar:
Foi tôda a luz sem par
Do meu primeiro sonho.

Foi êste o primeiro sonho da poetisa. Foi a sua infância, passada no Açu, onde nasceu, a 16 de maio de 1882.

Foram os seus pais o Coronel Galdino dos Santos Lima e D. Ana Souto Lima, falecidos respectivamente em 1899 e 1923, em Areia Branca e Natal.

Como é precária a nossa vida! Ainda bem próximo desta noite está o dia em que procurei o Dr. Nestor Lima, a fim de pedir-lhe os nomes todos dos irmãos de Ana Lima. O nome do Dr. Nestor Lima veio-me, naturalmente, na lista entre os vivos. Dois mêses, apenas, são de-

corridos e eis que a mão inexorável da morte já o inscreveu no rol dos desaparecidos.

Outros irmãos falecidos: Dr. Galdino dos Santos Lima e o Tenente Deolindo Lima.

Nomes de casadas das irmãs falecidas: Luzia Lima da Silva, Olindina Lima Barbalho e Maria Lima Serrano. Isabel Souto dos Santos Lima faleceu aos cinco anos de idade, em Açu.

São vivos dois irmãos: o Dr. Luiz Antônio dos Santos Lima, ilustre clínico e Professor nesta cidade e M.D. Diretor da Faculdade de Medicina. E Idila dos Santos Lima que, muito atenciosamente, de memória, me disse quase todos os versos nestas páginas transcritos.

Primeiro sonho de Ana Lima. A meninice feliz e despreocupada, decorrida no Açu. Sempre a despertar para a vida, quer pela manhã cantem os passarinhos na oiticica frondosa, lá onde se abriga, na hora da canícula, o comboeiro fatigado das longas estradas poeirentas; quer à tarde, quando sopra o "nordeste", agitando os leques das cornaúbeiras, num cício nostálgico; ao anoitecer, à hora das Ave-Marias, quando o bando de marrecas que passa vai pousar na lagoa além, onde a aguapé trescala o seu perfume enebriante... A qualquer momento, sempre o despertar da vida para a meninice feliz de Ana Lima. Meninice que canta, brincando de roda, com outras meninas, nas noites claras de luar.

É a quadra feliz que a poetisa lembrará mais tarde, com ternura, como fêz em "Lira da Saudade", versos líricos em dez estrofes, escritos ainda no Açu, aos 15 anos de idade, e que assim começam:

Ó minha infância, ó quadra venturosa
De meus primeiros e risonhos dias,
Estrêla radiante e fulgorosa
Das santas alegrias.

Quantas saudades a minha alma sente,
Meu juvenil e claro sol de amor,
Quando me quêdo a recordar sòmente
Teu céu de maio em flor.

Ó vida já passada e deliciosa
De minha doce e casta lira, agora
Mereces a canção mais perfumosa
Vibrando à luz da aurora.

....

A sua genitora, que a iniciou nos trabalhos domésticos, foi também a sua dedicada professôra primária. Nos estudos secundários teve por professor o Juiz de Direito local — Dr. Ângelo Cousseiro.

Assim passou Ana Lima a aurora, o despertar da vida.

Vem depois o

Segundo sonho — A MOCIDADE

Depois, da mocidade
O grato reflorir,
Passei sempre a sorrir,
Feliz e descuidosa.
E vi, cheia de fé,
Enfim realizado,
Do meu feliz noivado
O sonho côr de rosa.

Com a mudança da família para Natal, em 1899, ano do falecimento do seu progenitor, em Areia Branca, chegava Ana Lima a Natal, pelo vapor "Una". Tinha, então, 17 anos. Já neste tempo, conforme li na "Ata Diurna" já referida, o "Oasis" noticiava a sua vinda, proclamando-a "distinta e laureada poetisa".

Em Natal, começou Ana Lima a freqüentar os meios intelectuais. Tornou-se amiga de Auta de Souza. As suas produções poéticas eram muito bem recebidas no "Oasis" e na "A Tribuna". Resolveu reunir seus versos em um livro que denominou **Verbenas** e que foi publicado em Natal, em 1902, com prefácio de Pedro Avelino, o qual, no momento, exercia real influência nos centros intelectuais da Capital. **Verbenas** foi muito bem aceito nos meios poéticos e a poetisa veio a preparar segundo livro de versos, o **Natalinas**, que não chegou a editar. Creio que ês-

te livro inédito, os seus irmãos o guardam com desvêlo.

Veio, então, como cantava a autora, a realização do seu sonho côr de rosa — o seu feliz noivado.

A 22 de dezembro de 1906 realizava-se o seu casamento com o Professor Celestino Pimentel.

E passou a realizar o seu

Terceiro sonho

Agora, em plena luta,
Serena, a mourejar,
Vivo sempre a cantar,
Só em Deus confiando.
E ao ver-me rodeada
De sêres prediletos,
Uma enchente de afetos,
Me faz viver sonhando.

É o humilde e grande cotidiano. O dever da mãe de família, que não é triste, não é dramático, é, porém, muitas vêzes, tecido de heroismo.

Vieram-lhe então "as angústias e as alegrias domésticas". Vieram-lhe os filhos. Seis filhos:

Luiz Gonzaga Pimentel, hoje Capitão-de-Mar-e-Guerra, adido naval em Londres; Maria Celeste Pimentel, falecida a 6 de dezembro de 1950. Foi casada com Iderval Duarte de Medeiros; Alberto Pimentel, Capitão de Fragata, comandante do navio "Guanabara"; Lia Celeste Pimentel, casada com Francisco Bezerra Souto, residente em Nova Cruz, neste Estado; Carmen Celeste Pimentel, solteira, funcionária do Impôsto de Renda, nesta cidade e Maria de Lourdes Pimentel Rocha, casada com o Dr. Leonel Rocha, alto funcionário do Impôsto de Renda, no Rio de Janeiro.

Se existisse ainda hoje, possuiria 15 netos.

A poetisa, cujos versos foram elogiados, transcritos em Recife, Fortaleza, Belém do Pará, passou então a viver para os filhos, que idolatrava.

Vítima de um acidente, quando esperava a chegada do sétimo filho—uma filhinha que prematuramente nasceu e viveu apenas um mês, Ana Lima, que sobreviveu uma semana à criança, veio a falecer a 18 de janeiro de 1918, em Natal.

E assim, em um sonho, ou melhor — em três sonhos, passou Ana Lima sôbre a terra.

Morreu cristãmente, com os sacramentos da Igreja, administrados por Mons. Alfredo Pegado, então Vigário da Catedral.

***

VERBENAS, em memória eterna. — E **Verbenas**, o livro de versos de Ana Lima, onde se encontra êle?

"Possuia um exemplar, com grande estima", disse-me Idila. Mas o pediu Luiz, seu sobrinho, filho da poetisa. E ela não soube recusar.

Os antigos bardos, conta a história, a fim de manter acessa a chama da inspiração, coroavam-se de verbenas.

Verbenas, o livro de versos de Ana Lima, imortalizou-lhe a inspiração.

Com **Verbenas** teceu-se-lhe a coroa da imortalidade, que a constitui Patrona de uma cadeira, na Academia Potiguar de Letras.

Saudação a Santa Guerra

MANOEL VARELA

DISCURSO de recepção proferido em 5 de abril de 1959, em sessão solene da Academia Potiguar de Letras.

Senhor Presidente,
Autoridades,
Senhores Acadêmicos,
Acadêmica Santa Guerra:

A ausência daqueles dotes, vindos do berço e que conferem ao indivíduo qualidades peculiares para os assuntos pròpriamente literários e as múltiplas atividades que me consomem o tempo, influindo para que me distancie dos que fazem do cultivo das letras a sua preocupação principal, desaconselhavam a minha presença nesta Casa. Modesto advogado, funcionário público absorvido pela multiplicidade de tarefas, obscuro professor, sou levado a encarar os fatos da vida, dentro do quadro sisudo do realismo que mata o estímulo pelos assuntos do mundo intelectual. Daí dever encontrar-se, aqui, neste momento, para saudar a primeira mulher que se empossa nesta Academia, outro de seus componentes, cuja palavra autorizada pudesse traçar o perfil intelectual e a fôrça moral de quem recebe a saudação. Mas, se assim não está acontecendo, a culpa não me cabe totalmente e sim ao ilustre Presidente dêste sodalício, meu velho amigo, cujas virtudes de sacerdote e superiores qualidades de espírito tanto admiramos e cuja determinação não me era lícito recusar. O castigo de ouvirdes, agora, a minha palavra descolorida, não parte, portanto, de mim, mas do Monsenhor Presidente da Academia.

Miguel Couto, insigne professor, homem simples, de uma cultura invulgar, inclusive humanística, verdadeiro apóstolo da Medicina no Brasil, ao proferir, na Associação Brasileira de Educação, em 2 de julho de 1927, uma notável conferência sob o sugestivo título — **"No Brasil só há um problema nacional: a educação do povo"** — rememora, para glorificar o trabalho daquela benemérita entidade cultural, a lenda que Chateaubriand conta, no **Gênio do Cristianismo,** de que, no mosteiro da Trappa, os monges, obrigados ao mais rigoroso mutismo, só o interrompiam para dízer, ao se encontrarem: "pensai na morte, irmãos", e então sugere que o futuro historiador deverá assinalar que existiu também, no Brasil, uma instituição de homens sonhadores, de boa vontade e de má sorte, que se reuniam através do tumulto indiferente, para exclamar: "pensai na educação, brasileiros".

Pois bem: A senhorita Santa de Brito Guerra ou simplesmente Santa Guerra, que hoje se empossa na cadeira, sob o patrocínio de Ana Lima, norte-rio-grandense de Açu e cujas virtudes intelectuais acaba de exaltar, pode ser apontada entre as figuras vinculadas, pelo idealismo, pela dedicação e pelo trabalho inteligente, à obra redentora da nossa terra humilde e pobre, pela solução dos problemas educacionais, encarados através de tôdas as suas faces, ou seja, esclarecendo, a redenção nacional pela educação integral, completa, inclusive religiosa. Por isso, Santa Guerra, desde muito, se consagrou de corpo e alma, à obra educativa no Rio Grande do Norte.

Assim é que, mal concluia o curso da Escola Doméstica de Natal, onde sempre se distinguiu pelo amor aos estudos, pela dedicação aos trabalhos escolares, foi comissionada, conjuntamente com a sua não menos ilustre colega Alix Ramalho Pessoa, pelo então Presidente do Estado, o saudoso Dr. Juvenal Lamartine de Faria, para uma viagem de aperfeiçoamento em escolas congêneres da Europa, particularmente da Bélgica, Suiça e França, em que o ensino doméstico caminhava na vanguarda. Ali estêve Santa Guerra durante um ano e, regressando, foi logo investida nas destacadas funções de Diretora da Escola Doméstica de Natal, de julho de 1930 até 1934.

"Sua atuação foi deveras notável, não só pela capacidade intelectual que revelou, como pelo tino administrativo manifestado durante a fase aguda do período revolucionário, quando muitas foram as dificuldades de ordem econômica a enfrentar e a vencer". (A Escola Doméstica de Natal, página 13).

De volta da Europa, escreveu e publicou, à guisa de relatório, interessante trabalho, que denominou: **O Ensino Doméstico na Bélgica,** no qual apresenta um quadro vivo do que pôde observar nos países e escolas visitadas, notadamente da Escola Doméstica Superior de Laeken, na Bélgica.

Convencida do poder transformador da educação, assim se expressa no aludido trabalho:

> "O Brasil tem possibilidades de opulência, de fortaleza. Urge que solidifiquemos os fundamentos das gerações futuras. Não basta ao povo ensino deficiente. Êsse, bem o sabemos, é mais nocivo que a ausência absoluta de instrução. Sem impulsos disciplinados, sentimentos aperfeiçoados, sem a fôrça vigorante do trabalho, a riqueza torna-se fator de decadência moral, de desorganização social, que conduz à ruína". (O Ensino Doméstico na Bélgica, pág. 40).

Sua atuação não se limita apenas ao ensino. Afastada da direção da Escola Doméstica, continuou a desenvolver outras atividades. Regeu, por algum tempo, a cadeira de Francês, passando, em seguida, à de Educação Familiar. Sempre interessada pelos problemas educativos, dentro e fora do país, mantém correspondência com o Escritório Internacional de Ensino Doméstico, com sede em Paris, e com o Instituto de Educação Familiar do Canadá. Participou ativamente do movimento denominado — **Semanas Ruralistas,** como também do I Congresso Nacional de Economia Doméstica, realizado no Rio de Janeiro.

Também exerce atividade jornalística. Colaborou assìduamente no jornal católico — A ORDEM, mantendo a coluna feminina. Escreve, igualmente, no jornal — O LAR,

do Grêmio Lítero-musical "Auta de Souza", da Escola Doméstica de Natal.

No trabalho que apresentou, ao ser recebida na Academia Feminina de Letras da Casa "Berta Guilherme", manifestou-se entusiasta do ensino religioso, como elemento indispensável à formação espiritual. salientando:

> "Infelizmente, hoje, muitos julgam que formar para a vida é sòmente cultivar a inteligência. Mas formar para a vida implica muito no cultivo do espírito. E espírito não é apenas inteligência e razão; mas é também sentimento e coração", e então cita as seguintes palavras de Carrel: — "São as atividades não intelectuais do espírito, isto é, a afetividade, o senso moral, o sentido da beleza e do divino que nos trazem a fôrça e a alegria. São elas que dão ao indivíduo o poder de si mesmo, de tomar contato com os outros, de os amar, de por êles se sacrificar".

Deu nesse sentido efetiva contribuição, quer dirigindo o Centro Social "Leão XIII", quer difundindo a doutrina cristã.

Eis, em traços rápidos, possìvelmente, com algumas omissões, o perfil intelectual e espiritual da que ora se empossa nesta Casa.

Senhorita Santa Guerra:

Descendeis de tradicional família de intelectuais dos mais eminentes do Rio Grande do Norte. Vosso inesquecível pai, vosso avô, vossos irmãos dedicaram-se sempre às atividades intelectuais, ao cultivo do espírito. Percorrestes os caminhos que os vossos ascendentes vos indicaram. Chegastes até o pórtico desta Casa de Letras. Recebei, portanto, as mais efusivas saudações de quantos compõem a Academia Potiguar de Letras, que se sente honrada e orgulhosa com a vossa presença.

Entrai e ficai conosco.

ANGELINA DE MACEDO

OLIVEIRA JÚNIOR

Discurso de posse proferido em sessão solene de 3 de setembro de 1959.

Senhor Presidente,
Exmas. Autoridades,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Senhores Acadêmicos:

Quando, em meados do ano de 1956, o Mons. Alves Landim, incontestàvelmente um dos grandes luminares do Clero Brasileiro, comunicou-me sua intenção de fundar a Academia Potiguar de Letras, convidando-me em seguida para integrar o quadro de sócios fundadores da mesma, sentí, desde logo, em meu espírito, um misto de alegria e de apreensão, ou melhor definindo, de alegria por se pretender erigir em nossa terra mais um monumento às suas tradições de cultura, e de apreensão pela responsabilidade que iria cair sôbre os meus ombros, aceitando o honroso convite, certo como estava e ainda agora estou das minhas fracas aptidões e nenhuma bagagem literária que me credenciasse a uma cadeira num cenáculo de letras, ao lado de figuras da mais alta projeção cultural e intelectual da terra de Poti, como as que ora vejo empossadas nesta Academia.

Vencendo, no entanto, essa timidez e estimulado pelas palavras cheias de confiança e fé do Mons. Alves Landim, que inegàvelmente já se constituiu a viga mestra dêste templo de cultura e arte, aceitei o convite desvanecedor do venerando Sacerdote, em razão do que aquí me encontro, nesta noite de magnífica festa aniversária desta instituição, para tomar posse da Cadeira que eu mesmo

escolhi e que tem por Patrono uma ilustre conterrânea, cuja existência foi pontilhada de sonhos e desilusões, de alegrias e tristezas, de resignação e fé, quando mais fortes e pungentes eram as suas angústias e o seu desencantamento — **ANGELINA DE MACEDO.**

A atuação literária da saudosa beletrista constitue apenas um pequeno patrimônio às nossas letras, vez que a desenvolveu sòmente em sua cidade — Açu, numa época em que naquela velha e tradicional comuna norte-riograndense, bastante acentuados eram o gôsto e o entusiasmo no cultivo da literatura, das boas letras e da evolução intelectual e cultural dos seus filhos.

ANGELINA DE MACEDO, que teve um período de existência crucialmente limitado pelos ponteiros do relógio da Vida, se assim me permitem expressar e sua curta passagem pela terra, pois falecera aos 31 anos de idade, apezar do ambiente provinciano, ou mesmo interiorano, em que desenvolveu seu talento de escol e sua primorosa vocação poética, ainda assim deixou patenteada, de modo exuberante, a pujança de sua inteligência e a angelitude do seu espírito de eleita da Arte, da Beleza e da Virtude, nas páginas que poderíamos classificar de magistrais. escritas em prosa e verso e das quais poucas existem, pelo fato de terem divulgação apenas em periódicos, locais, quase todos de vida efêmera, não sendo possível a posteridade guardar essas relíquias de uma inteligência privilegiada e de uma alma enamorada do Bem, do Belo e da Fraternidade Humana.

Minhas senhoras, meus senhores:

Nasceu Angelina de Macedo na cidade do Açu, aos 22 de janeíro do ano de 1875. Eram seus pais Luiz Gomes de Amorim, o coronel Lucas Amorim, a quem conheci e cujo perfil tenho ainda na memória, parecendo-me vê-lo com seu passo miúdo e apressado, o olhar irrequieto e ouvir a sua voz gritante de varão austéro e enfezado, e de D. Ana Maria Soares de Araújo Amorim, irmã do Coronel Pedro Soares de Araújo, Patrono da Cadeira ocupada por seu ilustre neto, Dr. Boanerges Soares, neste sodalício.

Como se vê, Angelina de Macedo descende de uma

nobre estirpe de intelectuais, como sejam: poetas, jornalistas, politicos e, como não podia deixar de ser, jamais fugiria à influência hereditária e à tradição de seus ilustres ancestrais.

Aos 21 anos de idade contraiu matrimônio com seu primo João Francisco Soares de Macedo—Sinhô Macedo, como todos o chamavam—a quem também conheci, homem de espírito irrequieto, volúvel e inconseqüente, que não entendeu ou não quis compreender o quanto de terno e angelical ia na alma de sua jovem desposada, que muito cedo despertou de um lindo sonho de môça para entrar na dura, terrível e decepcionante realidade de uma vida conjugal absolutamente incompatível com a delicadeza do seu espírito e de sua sensibilidade de mulher fadada a uma vida tôda cheia de enlêvo e de ternura, de afeto e de carinhos.

E foi dentro dêsse ambiente de amarguras e desilusões que escreveu, entre outros, o lindo sonêto publicado no Almanaque do Açu para 1904, intitulado — **Sonhei...** — e que passo a referir nesta solenidade:

Sonhei que era feliz e era amada.
Que ao lado dos meus pais, tranqüilamente,
Passava a minha vida sorridente,
Sem nunca pela dor ser perturbada.

Nessa doce ilusão sendo embalada,
Áureos castelos levantei na mente.
E por linda visão aurifulgente,
Era ao céu da Ventura arrebatada.

Porém ao despertar do grato sonho,
Ao ver o meu presente tão tristonho,
Tão negro como fôra o meu passado,

Quisera viver sempre adormecida,
Dêste mundo e de todos esquecida,
Ou ao menos, meu Deus, não ter sonhado.

Como vêem, minhas senhoras e meus senhores, trata-se de um poema que, além da beleza do ritmo, da es-

pontaneidade e do doce-amargo misticismo de sua alma, revela de fato um talento de escol e uma acentuada vocação para a poesia e que, se outro fôra o ambiente em que vivera, que maravilhosas páginas de sensibilidade e arte teria deixado, para maior glória do seu nome e mais um motivo de orgulho para as letras potiguares! De um lirismo enternecedor, dentro de uma musicalidade que nos deixa embevecidos e enleiados, a sua alma poética é como se fôra uma flor quase em botão a impregnar do mais suave perfume êsse formoso conjunto de palavras e expressões rimadas que forma o esplendoroso e magnífico jardim da poesia norte-riograndense.

Minhas senhoras e meus senhores:

Muito teria de dizer a respeito da personalidade e do que intelectualmente produziu a Patrona de minha Cadeira, se quase todo o seu acervo literário, em prosa e verso, não tivesse ficado restrito aos periódicos da época, em sua terra natal, que a ação do tempo consumiu, com exceção apenas de alguns fragmentos que a família conseguiu guardar e graças ao que pude alinhar estas breves considerações em tôrno do que foi e de algo do que fêz e publicou Angelina de Macedo em sua curta passagem pela vida.

Há ainda no Almanaque do Açu para 1904, a que acima aludí, produções em prosa, em que se destaca o lindo conto — "Ciúmes do Sol" — no qual, mais uma vez, fica patenteado o talento invejável de Angelina de Macedo que é, sem nenhum favor, ainda hoje, uma das mais altas expressões de inteligência e sensibilidade artística da terra dos verdes carnaubais, aliás a minha terra berço.

Minhas senhoras e meus senhores:

Depois de um longo período de padecimentos físicos e torturas morais, Angelina de Macedo fechou os olhos ao mundo no dia 5 de junho de 1906, cercada do carinho e da ternura de seus pais, em cuja residência falecera, confortada com todos os sacramentos da Igreja, pois era católica fervorosa.

O hebdomadário "A Cidade", fundado e mantido no Açu, por mais de 20 anos, pela tenacidade e inteligência

privilegiada de Palmério Filho, falecido no dia 11 de abril do ano passado, na terra que lhe serviu de berço e da qual nunca se afastara, em sua edição do dia 10 daquele mês e ano, publicou extenso necrológio de Angelina de Macedo, do qual extraimos os seguintes tópicos:

"Na manhã do dia 5 do corrente finalizou os dias de sua utilíssima existência a Exma. Snra. D. Angelina de Amorim Macedo, espôsa do nosso amigo João Francisco Soares de Macedo.

"Agravando-se de há muito os seus incômodos, retirou-se para o sítio Piató, residência de seus estremosos pais, julgando talvez encontrar na amenidade dêsse clima alívio aos seus sofrimentos.

"Baldados foram, porém, todos os esforços empregados com o fim de desputá-la das garras da inexorável Parca.

. . . . . .

"Senhora distinta pelas suas nobres qualidades, ela representou, na sociedade em que viveu, o verdadeiro papel de mulher virtuosa, distinguindo-se, ainda mais, pela sua inteligência e reconhecida vocação poética.

"Espírito superior, embora pouco cultivado, Angelina de Macedo, acreditamos, por seu invejável talento, teria o seu nome ao lado de Auta de Souza, se outros fôssem a cultura de sua inteligência e o meio em que tivessem de agir as aptidões do seu gênio.

"De sua brilhante intelectualidade nos deu provas exuberantes, com as suas produções poéticas publicadas em diversos jornais desta cidade e das quais damos hoje nestas colunas um espécimem, o último desferido por aquêle estro, no seu leito de dor.

"Alma aberta às virtudes cristãs, soube encarar a morte com uma admirável resignação, própria dos espíritos verdadeiramente crentes e afeitos à prática do bem.

. . . . . .

"Falou de ânimo firme até os seus últimos momentos, pedindo para que o seu corpo fôsse dado à sepultura mesmo no chão e homenagem alguma de caráter profano fôsse prestada à sua memória."

Êstes, minhas senhoras e meus senhores, os principais tópicos do necrológio acima referido, publicado no jornal A CIDADE, por ocasião do falecimento de Angelina de Macedo.

Vamos agora ouvir o sonêto **Resignação,** que foi o seu "canto de cisne", feito no leito de dor, que melhor o chamariamos de leito da morte, poucos dias antes de evolar-se às regiões celestes e ao qual o noticiarista fêz referência, publicando-o nas colunas daquele semanário, na edição já mencionada, e que é mais um eloqüente atestado do brilhante talento e da pureza dos sentimentos de fé e religíosidade da Patrona da Cadeira em que ora tenho a honra de empossar-me.

Ei-lo:

Bendita seja a mão que o golpe envia
Sôbre a minha cabeça tão cansada;
Que me adverte ao fim desta jornada
Na floresta da vida, êrma e sombria.

Àqueles que disseram: Volte ao Nada,
A que triste viveu sòmente um dia,
Eu direi: Enganai-vos! A alegria
Espera-me no Além, na Pátria amada.

Não criminem a Morte que me leva
A ver a estrêla que no azul cintila...
À luz que vem do Céu não chamem treva!...

Pouco a pouco a matéria se aniqüila,
Mas a alma imortal aos céus se eleva...
Que venha, pois, a Morte — estou tranqüila.

Nestes quartorze versos de uma comovedora beleza e de uma beatitude comovedora, Angelina de Macedo, que poderíamos chamar de eterna e contemplativa enamora-

da das musas, condensou em tôda plenitude o fulgor de suas esperanças em um mundo melhor, criado por Deus para dar guarida aos eleitos da Fé, àqueles que, por suas virtudes, tornam-se na terra credores das alegrias, dos esplendores e da bem-aventurança do Céu. Vale ressaltar que êste sonêto está no livro de Ezequiel Wanderley — "Poetas do Rio Grande do Norte" — com a fotografia e ligeiros traços biográficos da saudosa beletrista açuense.

E aí está, minhas senhoras e meus senhores, o pouco ou quase nada que pude conseguir do talento e da sensibilidade da alma poética e sonhadora de Angelina de Macedo, Patrona da cadeira nº 18, de que tomo posse nesta solenidade.

Que os bons fados e o espírito formoso e puro de Angelina de Macedo me inspirem e me orientem para que possa corresponder à confiança dos meus pares, no trabalho contínuo e produtivo em prol da grandeza e do desenvolvimento sempre crescente desta Casa, que, em futuro bem próximo, há de constituir em sua gloriosa trajectória mais um motivo de orgulho para a vida cultural do nosso querido Rio Grande do Norte.

Ad sidera semper — Sempre para as alturas!

Um enamorado das Artes

JAIME DOS G. WANDERLEY

Saudação ao poeta Oliveira Júnior, proferida a 2 de setembro de 1959, por ocasião de sua posse na Academia Potiguar de Letras.

Minhas senhoras, meus senhores:

Quando, em 1895, a primavera começava a multiplicar a florada dos ramos e a fazer despontarem os brotos viçosos, enchendo de colorido e seiva, de graça e de perfume, as frondes das matas, branquejando os algodoais das várzeas ubertosas e engrinaldando da pompa verde das franças, as carnaubeiras, para o parto feliz das safras promissoras, nascia, na antiga Vila de Princesa, hoje cidade do Açu, no aconchêgo de um lar modesto e feliz, um pimpolho, que, logo, se tornou o encanto dos seus queridos familiares.

E, sob o desvêlo e carinhos maternos, a criança cresceu e educou-se, de acôrdo com os preceitos da época, moldada na disciplina social e doméstica que presidiam os lares, que povoavam a velha cidade lendária.

Na sua juventude, o menino viveu a vida de todos os jovens da sua idade, promovendo traquinadas comuns à sua condição, mesmo porque no seu espírito "boulevardier", não havia inverno, como diria Shakespeare. Entretanto não lhe saiam do espírito o fascínio e as sugestões que lhe traziam as letras, estrêlas que sempre viviam a luzír no céu azul do seu destino, conduzindo-o à Belém encantada dos seus sonhos, de seduzido pela perfeição do Belo.

Banhou-se na corredeira das enchentes, do grande

rio abojado nas épocas do inverno, bebeu a famosa e tradicional água do Puaçá, alegrou-se ouvindo as melopéias sonoras das graúnas entronizadas no esplendor verde das palmas das carnaubeiras e, quem sabe, às escondidas, tinha também a sua namorada, a fada feiticeira de seu coração, que fazia o encanto de sua vida de ilusões e da esperanças fagueiras.

Freqüentou a escola da professôra Dona França, mestra ilustre de várias gerações, cuja vida apostolar foi um rosário de trabalhos sem tréguas, de desvelos e dedicações à causa do ensino, na terra onde a literatura se alimentava, através da inteligência e da cultura de seus filhos ilustres.

Deixando o curso primário, o môço não esqueceu os livros, fascínio único de sua vida, embora tivesse se dedicado ao comércio, no qual iniciou a sua independência econômica, auxiliando a família na luta pela sobrevivência.

Mas, nas horas de folga, não desprezava um bom livro, que era sempre adquirido nas livrarias locais ou por empérstimo de antigos intelectuais a êle ligados por laços de admiração e estima.

Tempos depois, brotou-lhe no espírito, como uma vertente misteriosa, a veia poética, de onde jorraram-lhe os primeiros versos, frutos do seu talento e de sua privilegiada inteligência.

Não sei bem se fôra o amor a fonte dessa água lustral. Todavia, embora Stefan Zweig tenha afirmado—"Um artista escreve, na maioria das vêzes, aquilo que deixou de viver"—devem ter promanado do fundo do seu coração as rimas que lhe afloraram da alma, sonoras e calmas, cantando, para a vida, os seus prazeres, suas decepções e suas alegrias.

Dessa época começaram a voar de seu espirito de eleito, como aves fugitivas, as esperanças que o situaram, mais tarde, no lugar de destaque que a sorte lhe reservou.

Amou. Quis bem. Apaixonou-se e fêz o coração sangrar de amor e os lábios se pejarem de juras, algumas sentidas, outras mentirosas, mas mesmo traindo o seu sen-

timento, como todos os poetas, não deixou de amar e de sofrer, martirizado pela seta do Deus caçador de ilusões...

Sua vida foi sempre povoada de angústias, de dissabores e de incertezas. Pobre, lutando pela vida, sem outro auxílio senão o de sua inteligência e capacidade de trabalho, esperava um amanhã, cuja aurora lhe custava a chegar.

E com a convicção dos homens de fé e de espírito forte, rezava em silêncio, para a sua alma, o que Omar Khayyan aconselhava, nos seus solilóquios: —"Ignoro se existem, realmente, uma justiça e uma misericórdia. Mas, se existem, não desespero delas. Pois fui sempre um homem sincero".

Fôra, justamente a êsse tempo, quando lhe despertou a vontade de procurar outras terras, porque achava que a sua terra era pequenina para conter o arrôjo condoreiro dos seus vôos. E egresso da cidade do Açu, chegou a Natal, onde o destino lhe aconselhara procurar a vida.

Aqui filiou-se às hostes de Café Filho, o comandante da ala esquerda política, e participou de todos os movimentos que se desenrolaram na época da opressão e dos desmandos governamentais. Acompanhou tôda aquela fase de crimes e de atrocidades, sem retroagir nos seus principios e na sua fé idealista, tomando posição definida na luta, com o destemor e a altivez de um verdadeiro homem de combate.

Mas, sugestionado por sua arte preferida e não esquecendo as letras, entrou para o jornalismo, no qual, em pouco tempo, viu coroado de êxito o seu trabalho, pelo conceito que sempre desfrutou nos jornais que fundou, dirigiu e colaborou, e nos que, secretaria, com muita dignidade e muita honra pessoal.

Êste homem, minhas senhoras e meus senhores, modesto, pobre e humilde, porém digno e nobre de sentimentos como os que mais o forem, é Olegário de Oliveira Júnior, que, neste ensejo se empossa na cadeira nº 18, desta casa de cultura e que tem como patrona a figura

sempre lembrada da poetisa nata e saudosa cultora das nossas rimas — Angelina de Macedo.

Não direi que Olegário de Oliveira Júnlor seja um gênio, um dêsses gênios improvisados que surgem aos montões no cenário literário do nosso Estado, todavia o considero um intelectual digno do renome que conquis tou nos nossos círculos de cultura e de arte.

Não liderou comunas sociais, mas não deixou de ter a sua influência no "metier" político, no qual militava com ardor e dedicação patriótica.

Não chegou a ser deputado, condutor de multidões, mas é jornatista de real merecimento e digno da profissão que exerce. Não conseguiu alcançar postos de comando, nem mesmo de si próprio, porque o seu destino é comandado pelo coração da espôsa desvelada, pela estima dos filhos e pelas cavilações dos netos extremosos, mas é poeta, poeta consciente, sincero e devotado à arte imortal, que o Parnaso lhe deu, como galardão, prêmio ao seu talento de esteta.

E isso, minhas senhoras e meus senhores, deve bastar ao contentamento interior do poeta, que tem o seu nome, hoje, colocado acima das estrêlas.

* * *

Olegário de Oliveira Júnior nasceu no dia 22 de setembro de 1895, na cidade do Açu, abençoado pelo senhor Olegário Olindino de Oliveira, antigo comerciante naquela cidade e figura das mais conceituadas, pelo aprumo e dignidade de suas atitudes, sempre definidas, e por dona Maria Cândida de Oliveira, fino elemento da sociedade açuense, idolatradas criaturas que lhe deram o ser.

Olegário de Oliveira Júnior muito cedo dedicou-se às letras, encaminhando-se na poesia, campo propicio à sua preferência artística e no qual tem colhido as mais promissoras e fartas messes de rimas, criadas e adubadas por sua fecunda imaginação de esteta.

Juntamente com os jornalistas Otávio e Francisco

Amorim e Albertino Macedo, fundou o jornal líterário e humorístico intitulado "O Cavador", isto em Açu, em meados de 1915, tendo o órgão circulado até fins de 1917. Já em 1912 e 1913, a convite do jornalista João Celso Filho, colaborou no "Bric a Brac" e na revista "Paládio", ambas obedecendo a direção daquele ilustre e talentoso coestaduano.

Em 1918, convidado pelo brilhante e saudoso jornalista Palmério Filho, uma das expressões mais vivas e esclarecidas do jornalismo em nosso Estado, que tanto enalteceu as letras e a cultura potiguar, Oliveira Júnior ocupou a secretaria do jornal "A Cidade", tradicional hebdomadário açuense, que circulou mais de vinte anos, pregando a liberdade e defendendo os direitos do povo.

O poeta dedicou-se ainda ao magistério público, tendo sido mestre de algumas gerações, a quem dedicou uma grande parte do seu esfôrço e da sua atividade, mantendo-se, nesse pôsto, como um verdadeiro condutor de inteligência a serviço da terra comum.

* * *

Em 1917, visitei, pela primeira vez, a terra verde dos carnaubais e, entre os parentes e amigos que lá encontrei, fascinou-me, não só por sua afabilidade e maneira fidalga de trato, mas, sobretudo, pelo talento e inteligência, o poeta Oliveira Júnior.

Mantivemos uma estreita amizade, que se prolongou durante o tempo que permaneci naquela cidade e se perpetuou, com a mesma expressiva sinceridade, até hoje.

Certa vez, depois de o poeta recipiendário mostrar-me uma coletânea de versos de sua autoria, tentame para a publicação de um livro, que seria de estréia, dizia-me desconfortado:—"O que mais me molesta na vida é não ter um nome poético. Olegário de Oliveira Júnior, eu acho um tanto prosáico".

Confortei-o, dizendo-lhe que o talento de um poeta, a sua inteligência e virtuosidade artística não se mediam

pela significação do nome... Mas, se êle quisesse um nome poético, poderia extraí-lo de dentro do seu próprio nome, assinando-se, apenas: Oliveira Júnior.

Tomando o meu conselho, passou, então, o poeta a assinar-se, a ser conhecido e louvado pelo nome com o qual atualmente se firma.

* * *

Em 1919, Oliveira Júnior transportava-se para Natal, solteiro, desfrutando um vasto círculo de simpatia e admiração, pela maneira correta com a qual se projetou nos círculos do nosso "society" e com que se fêz credor do conceito que goza na sociedade natalense.

Nesse mesmo ano, juntamente com o jornalista Antônio Alves de Oliveira, um dos mais arrojados e talentosos panfletários da cidade, integrou o corpo redacional do jornal "A Opinião", órgão político de oposição, chefiado por Tavares de Lira, que teve alguns anos de duração, tendo o ilustre imortal colaborado, naquele tempo, na "Revista do Centro Polimático", sob a orientação de Ezequiel Wanderley, na revista "Era Nova", de João Pessoa e em várias outras de Natal e Recife.

Devaneando pela sociedade, sempre estimado e querido, pelo aprumo e compostura dos seus gestos e atitudes, veio, depois de enfeitiçar o coração de muitas jovens, prender-se a uma, que o fechou no círculo de suas atividades amorosas. Casou-se, então, com D. Jacy da Fonseca e Silva, em Ceará-Mirim, em 1920, tendo enviuvado um ano depois, ficando-lhe, como lembrança do seu consórcio, uma filha, senhorita Jací Fonseca de Oliveira, alta funcionária do IPASE, na capital da República.

Em 1924 contraiu segundas núpcias com D. Maria Iracy de Queiroz, prendada dama de nossa sociedade, que lhe completou a felicidade, no prosseguimento da luta pela sobrevivência e pelo amor.

De sua reprise matrimonial, conta com os filhos maiores Dr. Guarací Queiroz de Oliveira, causídico nos auditórios dêste Estado, Olegário de Oliveira Neto, fun-

cionário dos Correios e Telégrafos e Paulo de Oliveira, acadêmico de Direito e funcionário da Prefeitura de Natal.

Fundou, entre os jornais nos quais tomou parte atitiva, "O Arauto", órgão do Colégio Pedro II, de Ceará-Mirim e, ao lado de Sandoval Wanderley, "A Batalha", jornal de combate, que fêz época nesta capital, projetando-se além das nossas fronteiras, autenticando o desassombro de um punhado de idealistas, que não aprendeu a recuar na luta, por mais ingrata e mais árdua que ela seja.

Atualmente, Oliveira Júnior secretaria "O Jornal de Natal", órgão fundado por Café Filho e "A Fôlha da Tarde", dirigida pelo deputado Djalma Maranhão.

Antes, em princípios de 1931, com o advento da Revolução de 1930, a convite de Café Filho e Sandoval Wanderley, veio a ocupar a secretaria da Imprensa Oficial e de "A República", na interventoria do então tenente Aluísio Moura.

Posteriormenfe, na interventoria do Comandante Bertino Dutra, voltou a exercer aquelas funções, até o término do govêrno dêsse ilustre militar, em 31 de julho de 1933, tendo em ambos os períodos demonstrado sua incontestável capacidade de trabalho, zêlo e eficiência no desempenho do encargo que lhe fôra confiado.

* * *

Em 1955, o festejado poeta deu publicidade a seu livro de poemas, subordinado ao título "Frutos do Meu Pomar", que foi recebido pela crítica com honrosas referências e, pelos literatos, com muito agrado.

Oliveira Júnior não se filiou a nenhuma escola. Preferiu o ecletismo poético, buscando, em todos os gêneros, assuntos para fazer realçar a sua arte. Parnasiano, lírico, humorista, panteista e cético, trabalhou com esmêro as lapidações esmerilhadas com inteligência e talento, e venceu. Observemo-lo, parnasiano, no sonêto

SANGUE

Sangue! Vitalidade, extraordinária essência
que fortalece e anima a flor da juventude.
Fonte de inspiração, suporte da existência,
excelso precursor do gôzo e da saúde.

Seiva de onde promana a suprema virtude
de fazer progredir a humana descendência.
Sangue! Musicação de violas e alaúde,
nos contornos do corpo, ao rir da adolescência.

Dos assomos da carne o germe soberano,
morno, rubro. Caudal palpitante na artéria...
Sangue! Fôrça vital do sentimento humano.

De capilares mil embrenha-se nas teias,
protoplasma da vida, a vida da matéria,
cantando, triunfalmente, em giro pelas veias.

* * *

Oliveira Júnior foi sempre um poeta a quem nunca faltou verve, numa resposta pronta ou num comentário malicioso, que trazia à flor do lábio.

Uma gargalhada fácil, comunicativa, demostênica, o acompanhou desde a juventude, caraterizando-lhe o estado dalma comum, impertubável, sem derivações.

Para autenticar a presença de espírito do apreciado vate, narrarei um episódio, por mim testemunhado, no qual Oliveira Júnior denunciou, mais uma vez, os seus invulgares dotes de repentista.

Palestrávamos, uma tarde, na porta da Casa X, na Rua Ulisses Caldas. Éramos eu, Ângelo Chaiber e Oliveira Júnior, a falar sôbre a beleza da música antiga, enaltecendo-lhe a originalidade, a pureza de ritmo, quando Ângelo Chaiber lembrou a imortal valsa "Sonho de Virgem", composição histórica, que fêz parte da orquestração dos salões chiques de antanho, a começar de 1880.

Oliveira Júnior, que bem a conhecia, pois muitas vêzes se embalara nos braços fidalgos de damas amorosas, ao som daquela valsa, num gesto entusiasta, exclamou, quase gritando:

—É linda!... É linda!...

Nesse momento cruzava a porta do estabelecimento onde nós estavamos uma senhorita, dansando, um **cak walk** sôbre sete centímetros de tacões à Luís XV, uma dessas "glamourosas", de plástica violonesca, que logo parou, indagando com ar de melindre:

—Cavalheiro, isto é comigo?

Ao que Oliveira Júnior, sem se perturbar, retrucou, com muito respeito:

—Não, senhorita. É com a valsa...

E continuou a sua apologia sôbre a valsa, como se não tivesse havido interrupção nos conceitos que emitia sôbre a magistral composição caduca.

* * *

Sensual, erótico, volutuoso, o vate regressa de sua filosofia, para se integrar na beleza de novos temas.

Essa é uma prova evidente de sua atração pela perfeição das formas, pelas sugestões dos estilos mais ardentes, nos quais se embrenhou para se libertar do monocordismo da arte, que êle julga monótono.

E procurou o eterno tema: a plástica, os contornos, as curvas agudas e provocadoras que inspiram os corpos das mulheres, mesmo que não sejam amadas, mas que, ao fim do romance, ninguém sabe se êle conseguiu algo, além do desfalecimento final.

Ouçamo-lo lírico, em

LASCÍVIA

Na curvelineação das formas luxuriantes
do teu corpo aromal, de sedutora Venus,
há sensações de gôzo e desejos errantes,
que perturbam a paz dos meus dias serenos.

Protubera no teu corpo a graça dos helenos.
Os teus contornos têm ondulações estuantes,
onde canta a volúpia os mais lascivos trenos
e a indolência sensual de serpentes coleantes.

Em ti palpita o amor e o sensualismo cresce
em mim, na plenitude enorme dos anseios,
pulsando em cada artéria, em murmúrios de prece.

Lambendo o meu olhar, de teu corpo os coleios,
fica maravilhado, estúa e desfalece
sôbre a protuberância erótica dos seios.

* * *

Oliveira Júnior, podemos afirmar, é um poeta de classe, um artista de fibra, conhecedor emérito dos segredos das rimas, do embalo dos ritmos, da cadencia dos emistíquios, que consagram os alexandrinos e da sizura dos decassílabos, que os compõe, subordinando-os á técnica de Malarmé.

O seu verso é perfeito, limpo, sonoro, primorosamente técnico.

Trabalha à maneira de um joalheiro que lapidasse os seus mais custosos diamantes, para enfeitar a coroa dos reis ou o colo fidalgo das damas da nobreza.

Preocupa-o, sobretudo, a técnica do verso, que burila, aperfeiçôa, cristaliza, na espera dos louros que hão de vir, para a consagração, porque é, êle mesmo, quem aconselha:

—Busca a imortalidade,
mesmo não vejas tu teu sonho em realidade,
nem alcancem jamais perfeição sonhada.

* * *

Conta o poeta que, certa vez, olhara-se bem no cristal de um espêlho e notou que sôbre a sua existência caía a noite dos desenganos, enluarando-lhe os cabelos e dan-

do-lhe à pele os bizarros hierogrifos, com que o destino deixa as suas pegadas, para testemunhar os conflitos que se travam entre o tempo e a matéria, no registro impiedoso das idades.

E, então, no recolhimento de sua torturada angústia, como se houvesse ajoelhado, no silêncio intranqüilo do seu aposento, aos pés da imagem de sua própria existência atribulada, escreveu o sonêto, que é a sua última produção poética, transcrevendo-o, depois, no "Parnaso Potiguar", em o "Jornal de Natal", com expressiva dedicatória a dona Iracy Queiroz de Oliveira, amantíssima e desvelada companheira, nas alegrias e tormentos de sua peregrinação entre os mortais e, sem dúvida, musa inspiradora de gratas e confortadoras emoções, nas lides domésticas do lar, que constituiram para a sua grande alegria de viver.

Observemos o poeta, numa verdadeira confissão, na sinceridade mais ajustada de seu sentimento, transpirando através das catorze rimas de um perfeito decassílabo, a convicção de suas altas qualidades morais, em

IN EXTREMIS

Já esmaece, de todo, o ardente sol,
que outrora os sonhos meus iluminou.
Da mocidade o esplêndido arrebol,
entre as nuvens do tempo, se esfumou.

A pira da velhice já queimou
tôdas as ilusões, no seu crisol.
Por entre escolhos caminhando vou,
como um nauta, sem rumo, sem farol.

Resta-me agora, apenas, esperar
a hora final. Sereno aguardarei.
E quando êsse momento, então, chegar,

ao Nada volverei, calmo e feliz,
pelo bem que não sei se pratiquei,
pelo mal, que, estou certo, nunca fiz.

* * *

Minhas senhoras e meus senhores:

Isso deve bastar para que saudemos o ilustre poeta e brilhante jornalista que temos a honra e a alegria de empossar na cadeira nº 18 desta casa de cultura e para que, também, o concitemos a, pelo amor e pelo ideal, procurar, sempre, na estrada luminosa de ascenção, que percorre e que agora o trouxe à imortalidade, situar-se no verdadeiro plano que o destino lhe reservou, dando-lhe, além da coroa, o cetro e o manto real de poeta.

Conclui.

José Martins de Vasconcelos

COSME LEMOS

Discurso de posse proferido em sessão solene de 17 de março de 1960.

Senhor Presidente,
Exmas. Autoridades,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Senhores Acadêmicos:

Não são sòmente os eleitos dos deuses, como o poeta Manuel Bandeira, que querem, a todo custo, a estrêla da manhã.

Todo homem, por mais tímido e simples que seja, fitará uma noite o céu, desejando uma escada miraculosa para atingir as estrêlas.

Será a gôta do "vanitas vanitatum" que o Eclesiastes viu em cada coração humano, ou, talvez, longe de ser vaidade, seja uma legítima herança de sonho que nos veio do astuto sonhador bíblico, que foi o patriarca Jacó. Ou, ainda, uma desesperada fuga para o alto, quando sentimos a terra incendiar-se aos nossos pés e buscamos esquecer a realidade, como os monges de Bysâncio.

E aos que são exclusivamente utilitàristas, aos que julgam futilidades bisantinas as reuniões acadêmicas, aos que negam, no reinado da bomba atômica, o direito dos prazeres espirituais da caça à Beleza pelas manifestações da Arte, poderíamos pedir que nos deixassem sonhar, que nos deixassem fugir, ao menos espiritualmente, da hora atribulada que passa, que nos deixassem esquecer, por alguns instantes, o cogumelo maldito que a ciência lançou sôbre a nossa cabeça e fêz da nossa vida um pesadelo da-

mocliano; que nos deixassem ascender às órbitas das constelações, procurando refúgio nos braços do Cruzeiro, na cintilância do Sargitário, no esplendor do Cisne, na cabeleira de Berenice.

Vaidade, miragem de sonho, ou fuga da realidade, eu vi na Academia Potiguar de Letras a minha estrêla e seguindo u'a "mosca azul de asas de ouro e granada", aqui estou entre vós, meio tímido e meio louco, como o Poleá de Machado de Assis, ou como o velho namorado de Dulcinéa Taboso.

Indiscutìvelmente tem muito do Cavaleiro de Cervantes, um pretendente que entende de chegar à mesa dos imortais e sorver a taça de Hebe, levando como patrimônio, apenas, um punhado de poemas tortos, algumas orações mal proferidas e certas crônicas desmanteladas.

Mas, já que a generosidade da casa abriu-me as suas portas, quero ser entre os meus pares acadêmicos, aquêle membro da família Hamilton, do "A Leste do Eden", de John Steimbeck, que, por nada saber fazer e por ter horror ao trabalho, por viver como se andasse fora do mundo, trazendo nos lábios um sorriso de desânimo e um permanente pedido de desculpas, seus pais o apelidaram de poeta e era amado e protegido por todos da família.

É, portanto, quase como um crente, no Tabernáculo, aguardando o milagre de Pentecostes, de coração para o alto, entre a esperança da graça e o temor de não ser digno, mais confiante no apoio dos meus pares do que na eficiência dos meus dons, que aqui estou para entrar na plenitude dos direitos acadêmicos e fazer a oração obrigatória da posse, focalizando a vida e a obra de Martins de Vasconcelos, patrono da minha cadeira nesta casa.

José Martins de Vasconcelos, a quem Raimundo Nonato chamou "o idealista que não envelheceu"; que Tércio Rosado Maia o viu como "idealista visionário" e em cujo túmulo Câmara Cascudo lembrou que deveria escrever o mesmo epitáfio de Oliveira Lima no Cemitério de Mount Olivel: "Aqui jaz um amigo dos livros", nasceu em Apodí, a 11 de novembro de 1874, vindo ainda em criança para Mossoró, onde viveu a vida intensa de um espí-

rito poliédrico, numa irradiação cromática de artista, de político e de homem de letras, dando côr e vitalidade aos acontecimentos, identificando sua personalidade com a própria alma da terra, coração de poeta e de cavalheiro, cheio do leite da fraternidade humana, sempre disposto a lutar e semelhante ao sândalo ferido, sempre pronto a perdoar o machado que o golpeasse.

Rendendo homenagem a Martins de Vasconcelos, numa crônica muito rica de cultura e de coração, o Dr. Rodrigues Alves transcreve as seguintes anotações da poetisa Maria Silvia de Vasconcelos Câmara, filha do homenageado: "Lamento serem poucas e vagas minhas lembranças sôbre a mocidade e o aprendizado de papai. Sei que, com 11 anos, era o maior traquinas de Mossoró, "malinando" pelas paredes das construções; quebrando panelas nos giraus das comadres e bastante curioso das coisas sobrenaturais. A aterradora ameaça de que iria vender "taboleiro", destino nos meninos que não sabiam ler, fê-lo adquirir uma gramática e um dicionário, para enfrentar de maneira "sui generis" o abecedário misterioso. Não sei quando papai começou a fazer versos, mas, creio, que muito cedo. Suas leituras foram ecléticas e múltiplas. Lia sem cessar poesias, romances, viagens, economia, filosofia, religião, crítica, política, autores de todos os quadrantes e de todos os gêneros. Rapazola, já apreciava Walter Scott e Júlio Verne. Admirava e lia muito as obras de Tolstoi. Herdei sua predileção por Auta de Souza e, já agora, por Câmara Cascudo. Tocava piston, cantava missas, fazia serenatas, representava nos teatros amadores".

O registro mais interessante nas anotações de Maria Sílvia foi a maneira de seu pai iniciar-se nos mistérios do abecedário, socorrendo-se de uma gramática e um dicionário. Com êste fato escancara-se aos nossos olhos todo o cenário da vida de Martins de Vasconcelos.

É o menino sòzinho, sem guia, sem assistência, sem o braço paterno e sem o conselho escolar; rompendo instantaneamente com a infância; fugindo do taboleiro num gesto de personalidade; quebrando com as mãos a porta que lhe fechava o horizonte; lançando-se no oceano da gramática e do dicionário, sem um mergulho, sequer, na

piscina do ABC; tomando o conhecimento de assalto, numa volúpia de abordagem, com a decisão bravia de um corsário do século XVII, ou de um herói negro norte-americano dos nossos dias.

E assim iria aos golpes e aos frios de 73 anos de existência, autodidata nas letras, nas artes e na política, sentando-se no banquete dos sábios através dos livros, bailando com as nove musas de avena e de ocarina como os pastôres árcades; conhecendo a alma e a perfídia dos homens pelos golpes recebidos na própria carne; empunhando uma pena limpa de sátira, de ironia e de maquiavelismo; Sansão, sem cabeleira onipotente, avançando de mãos abertas pelo simples prazer de medir fôrças com a vida; bandeirante e catequista, crente na grandeza do Brasil, com a ardência de um Fernão Dias no sonho das esmeraldas; enchendo de hinários as igrejas do seu sertão, com o fervor de um Anchieta nas praias de Piratininga.

Sôbre Martins de Vasconcelos, o poeta, nada melhor poderia fazer do que a leitura da seguinte crônica que publiquei na poliantéia comemorativa do primeiro aniversário de sua morte:

"O POETA MARTINS DE VASCONCELOS

Há oito anos passados, quando o poeta de "Renovos d'Alma" vivia conosco os dias nervosos da guerra, num ligeiro estudo sôbre a vida cultural de Mossoró, eu chamava Martins de Vasconcelos o Leonardo da Vinci mossoròense. E não havia exagêro na comparação.

Se o meu velho amigo não trazia a coroa de louros dos dezoito títulos que cingia a fronte do autor da "Última Ceia" e da "Mona Lisa", poderíamos, porém, proclamar que em nossa Província, ninguém o excedeu em títulos, nas diversas manifestações da Arte. Êle foi em tôda a sua vida de combatente, um verdadeiro caçador de emoções e um autêntico adorador da Beleza.

Como poeta, músico, contista, jornalista, compositor musical, tipógrafo e mais duas ou três profissões, êsse inquieto espírito de curiosidade sertaneja, foi, durante se-

tenta anos, um esbanjador de vida a serviço da Arte e em cada página de sua obra "fulgura a divina energia da alma", na luminosa expressão de Will Durant.

Martins de Vasconcelos era filho da cidade de Apodí, a terra cujo areal êle amava com a ardência do beduino pelo seu deserto e cuja beleza cantou nas estrofes apaixonadas de um hino. Seu nome deverá nestes dias ser pôsto em uma das praças daquela cidade, para que o poeta continue a viver no coração materno, banhado na luz do luar que tanto o inebriava.

A produção de Martins de Vasconcelos é farta e borbulhante como as fontes que não têm receio de secar. "Saltério da Saudade", o seu primeiro livro, é como bem o definiu Sebastião Fernandes—"instável, sem escola definida, ao sabor das emoções experimentadas" trescalando "um suave perfume de lirismo sadio e nôvo, com tôda a sua gama de notas cristalinas e ternas".

A alma do poeta é, ali, um acorde de soluços, no delírio agudo da saudade, clamando pela espôsa que se fôra:

—"Meu amor, meu amor, onde estás? onde estás?
Que nuvem te escondeu que não voltaste mais?
Desce da via-láctea, há muita luz na esfera;
Minha alma há muito clama, há muito que te espera.
Cada estrêla é um degráu seguro e refulgente
Por onde podes vir à terra impenitente."

Mas, dentro da eclosão da dor que gemia no saltério, havia o lírio da fé embalsamando o soluço. E a alma cristã convida a companheira ausente para a prece:

"Mudez. Santa, te chega a mim, vamos rezar.
Há tanta paz e amor quando se evoca a Deus!
Põe-te ao meu lado, eu quero unir aos votos meus
A límpida expressão do teu divino olhar."

Parecia que aquêle coração teria de levar tôda a existência dolorido e sangrando, voltado para o mundo sobrenatural, no convívio evocativo do seu amor. Ajoelhado nas naves brancas do templo da Arte, de olhos fitos nos íco-

nes e nos vitrais, o poeta esquecera definitivamente a terra e evolava-se em prece ao crisol da dor.

A vida, porém, na sua eterna faina de recomeçar, venceu o sofrimento e chamou o espírito à obediência às leis naturais. O coração do poeta, como as velhas árvores que refolham e reflorecem ao contácto da primavera, pulsa e revive a seiva de nôvo amor e a sua lira desabrocha em "Renovos d'Alma". Vibram, nesses versos, os turbilhões de sentimentos que se despejam na fúria das enchentes represadas:

"Beija-me a bôca... mas... quero escutar beijando
A rósea bôca tua à minha bôca unida.
Deixa esquecer assim a carne renascida
Dum peito que palpita agora renovando".

O poeta entra inebriado no jardim dos românticos e, aspirando a essência da ternura, confunde-se com os rosais na embriaguês do amor. Sua poesia obedece ali a escola lírica e apaixonada do romantismo. Podemos sentir a afinidade do lirismo de Guimarães Júnior, em "Madrugada na Roça":

"Dentro da sombra matínal, os campos
Riem-se ao fresco pranto da alvorada;
Sôbre a planície verde e perfumada
Vôa o bando dos tardos pirilampos".

Com o de Martins de Vasconcelos, na "Primavera":

"Abril findou. As águas vão a menos.
Já pelo céu cintilam, radiosas,
As estrêlas trementes, vaporosas,
E morre o escuro algente dos serenos".

O que podemos verificar em "Renovos d'Alma" é que a espôso amante superava em muito o cinzel do artista e o seu estro é mais exuberância de vida do que manifestação de arte. Ela, entretanto, havia fatalmente de se afirmar e experimentou sua culminância quando o poeta enveredou, seguro, pela estrada parnasiana.

Com o correr dos tempos e à medida que os invernos derramavam-lhe neve sôbre o temperamento, Martins de Vasconcelos avançou seguro para a cidade dos mármores e sob o domínio da forma, cinzelou estátuas vivas de beleza, dignas de um Raimundo Correia ou Luiz Murat, como êste impecável alexandrino que é

SOROR CELESTE

"Nas dobras sepulcrais de austero e negro manto,
Triste como o negror de uma noite hibernal,
Níveo corpo de virgem esconde o divino encanto
Que extasia e converte o mísero mortal.

Mal do burel ressumbra o rosto angelical
De lividêz marmórea a traduzir o espanto,
Tendo na bôca o riso esfíngeo da vestal
E nos olhos a côr doentia do agapanto.

As delicadas mãos cetíneas de alabastro,
São dois cisnes do céu e a cabecinha leve
Presa ao capuz, parece um pequenino astro!

Soror Celeste é assim, linda, meiga, impoluta,
—Mas seu olhar tem fogo e o coração tem neve:
—Queima se fita alguém, gela se alguém lhe escuta!

Na sua "História da Literatura Mundial", falando sôbre Philipe Sidney, John Macy afirmava que êle foi poeta no que escreveu e também na própria vida. Podemos dizer o mesmo de Martins de Vasconcelos. Tinha a boa fé das consciências puras e a ingênua impetuosidade dos temperamentos bons. Distraído, ausente do mundo, pensando em fazer o bem... Poeta, legítimo poeta.

Como contista regional, Martins de Vasconcelos foi, inegàvelmente, um pioneiro do nosso folclore. O sertão vestido de verde ou comburido de sêca; farto de queijadas e matalotagens ou faminto e mumificado no clamor das retiradas, êle o retrata fielmente em "Histórias do Sertão". Os assombros, os mitos e as crendices populares; os sambas, as novenas, as vaqueijadas; os enterros,

as levadas, os cantadores: tôdas as facetas da vida do sertão, êle estuda e expõe com o amor de um personagem pelo seu drama, como se contasse os seus próprios passos e escrevesse com a tinta da alma a história do seu povo.

Em um dêsses contos, êle descreve a visão do feroz Labatut, um dos duendes do sertão visionário e primitivo, o terror das crianças nas noites de ventania:

"Era noite e a cidade dormia em seu conchego sertanejo.

—Cala êsse assobio, menino! Não ouves?!...

—O que?

—Então não ouves o tropel do Labatut? Escuta... êle vem na ventania que se aproxima, rugindo!

—E o que é Labatut, mamãe?

—Fala baixo... queres morrer engolido? Labatut é um bicho pior que o Lobishomem, pior que a Burrinha, pior que a Caipora e mais terrível que o **Cão-coxo!** Êle mora, como dizem os velhos, no **Fim do mundo,** e tôdas as noites percorre as cidades, para saciar a fome, porque vive eternamente esfaimado. Anda a pé: Os pés são redondos, as mãos compridas, os cabelos longos e assanhados, corpo cabeludo, como o do porco espinho, só tem um ôlho na testa como os ciclopes da fábula e os dentes são como as prêsas do elefante!"

E o escritor conta, então, os terrores de menino nas noites de ventania, terminando por fazer um apêlo às mães de família para abolirem a superstição, principalmente quando esta atiça o pavor das crianças, abalando-lhes os nervos para tôda a vida.

Músico e compositor, Martins de Vasconcelos teve destacada atuação na "Fenix Mossoròense", num período agitado de emulação musical, em que as duas bandas duelavam dobrados e marchas, valsas e polcas, com o ardor guerreiro dos torneios de cavalaria, enquanto a cidade se dividia em campo de batalha, cada um defendendo as côres da sua charanga, num verdadeiro incêndio popular,

como são tôdas as campanhas de Mossoró, a cidade gascã de 83, de alma medieval, eternamente acêsa para a luta, capaz de matar e morrer numa disputa de rosas, como as velhas cidades inglêsas dos Yorks e dos Lancasters.

Martins de Vasconcelos trazia nas veias o sangue da sua cidade. Incapaz de manter neutralidade em qualquer assunto, definia-se ao primeiro sôpro de qualquer campanha, fazendo do seu jornal, não uma barricada, mas uma coluna, lutando em marcha aberta, exposto como nenhum outro à fúria dos inimigos e, certas vêzes, lutando contra os correligionários, para amparar o adversário vencido.

Acusado de comunista e injustamente prêso nas exacerbações políticas de 1935, vimo-lo, anos depois, sòzinho e inerme, enfrentando uma turba enfurecida, para defender um integralista imprudente, que havia aparteado um orador.

Era assim Martins de Vasconcelos. Homem político, militante de primeira linha nas hostes revolucionárias, jamais as paixões partidárias suplantaram, na sua alma, os sentimentos de humanismo e as visões do cárcere nunca obscureceram a luz idealista da sua consciência. É que a linha da sua personalidade, como a constância do seu caráter, era o prazer da luta e a glória de esquecê-la.

Durante a guerra, o velho coração do poeta sangrava constantemente, como se trouxesse na sístole e diástole, todos os soluços dos lares feridos pelo cataclismo. No banco do jardim ficava ansioso, ouvindo o noticiário da BBC de Londres.

Odiando o nazismo e responsabilizando Hitler e Mussoline pela fogueira maldita, o **big-ben** para êle era a voz da Humanidade incendiada. Mas, no fim da guerra, quando dois mil aviões bombardeavam diàriamente a Alemanha, e a Itália era sufocada num cinturão de fogo, quebrou-se a ira do poeta e a lira cristã da sua alma pedia clemência e chorava, por ver Colônia destruída, Milão em chamas e Roma ameaçada. Uma noite, no jardim, ouvi-o recitar, como quem rezava para os homens, as estrofes da poesia de Pereira da Silva, sôbre os destroços da primeira guerra mundial:

"Como explicar tão trágico destino
De nossa raça feita vilipêndio
Dos arautos do Pânico e do Incêndio?
Como explicar a estúpida vileza
Das armas contra o gênio da Beleza?
Se é preciso através esta existência,
O holocausto do sangue da inocência.
Das virgens fortes, da velhice exangue,
Que ao menos, dêsse vivo mar de sangue,
Ora tudo afogando em tôda a parte,
Se salve a eterna excelsitude da Arte!
Ó vós Átilas, Césares, Bandidos
Sanguissedentos, Bárbaros zurzidos
Por atávicos gênios sanguinários,
Em que vos fazem mal os campanários,
As agulhas das torres silenciosas,
Os vitrais, as imagens religiosas,
Os solenes silêncios das criaturas,
Nos gestos imortais das esculturas,
Ou nas criações de tanto monumento,
Imperecível como o Pensamento?!"

Era o mesmo menino do Apodí, transido de horror nas noites de ventania, ouvindo, agora, no gemido das cidades despedaçadas, o avançar terrível do Labatut da Guerra.

Era o mesmo coração de menino, que êle conservara imutável e puro através dos anos, gritando para os homens, como o "Pequeno Principe" de Exupery: — "Em um mundo em que a vida se une tanto à vida, em que as flôres amam as flôres no leito dos ventos, em que os cisnes conhecem todos os cisnes, os homens se matam e constroem a sua solidão".

Nos últimos dias da vida, coração quebrado mas de alma leve, o poeta trazia nos lábios e refletia no olhar aquela filosofia de conformação e de bondade do Tio Golfried de Jean Cristofe e de bengala descançando sôbre os ombros, ficava horas esquecidas sôbre a ponte do rio,

olhando o espêlho das águas, como a procurar, no fundo da corrente, os castelos encantados dos seus sonhos de menino.

Enlevado, ausente do mundo, lábios entreabertos, como a murmurar segredos: — Êle que tanto lera Tolstoi e Dostoiewski, certamente, conversava com Karataiev e com Aliocha.

* * *

Martins de Vasconcelos! Tomando hoje esta cadeira, à sombra do teu nome, a minha oração a Deus, neste instante, é para que me conceda, no fim desta vida, apenas, o tudo que te concedeu: A coragem de ser humilde e a felicidade de ser digno.

COSME LEMOS

LUIZ GONZAGA DE SOUZA

Discurso de saudação proferido na Academia Potiguar de Letras em 17 de março de 1960.

Senhor Presidente da Academia Potiguar de Letras.
Digníssimas Autoridades Civis e Militares.
Meus Senhores.
Minhas Senhoras.

Difícil missão a de recepcionar, nesta noite por demais solene, o festejado poeta Cosme Corsino Lemos. Difícil sobretudo para mim que, para o elevado e honroso encargo, não conto com os requisitos indispensáveis. Contudo, privado das luzes que, num eterno clarão, iluminaram os gênios de Vieira, de Nabuco, de Patrocínio e de tantos outros **viris ilustribus**, sobra-me, todavia, a esperança de vir a obter a compreensão e o beneplácito da nobre e culta assistência. E, assim, antecipadamente, agradeço, confessando-me, desde já, também, entristecido, pois não podereis ouvir, de meus lábios, a bela peça oratória com a qual sonhastes. Mas se não posso corresponder aos vossos justos anseios, prometo-vos, pelo menos, ser breve nesta tribuna. E eis o motivo por que, sem mais delongas, passo ao principal objetivo desta homenagem.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Cosme Corsino Lemos nasceu na cidade de Martins

neste Estado. Foram seus pais o Professor Alfredo Lemos e sua espôsa Dona Ana Vidal de Lemos, ambos de tradicionais famílias potiguares. Com os genitores, o menino Cosme aprendeu rudimentos de português e aritmética. Filho de professor! Mas é necessário salientar que o velho não vivia, exclusivamente, do magistério. Em absoluto: êle foi, também, a um só tempo, agricultor e criador. Fazia parte dessa nobreza rural, existente ainda hoje, cheia de sadio patriarcalismo e tôda ela integrada nas poucas e simples atividades da gleba, porém, conservando resquicios daquela dignidade cavaleresca, que obrigava a distância entre o senhor e os servos, respeitando-se, mùtuamente; todavia conservando, com reciprocidade, os sagrados princípios de fraternidade cristã. A espada substituída agora pela cruz de Cristo e o antigo herói encontra-se transformado em sacerdote, em médico e em mestre-escola de filhos, sobrinhos e afilhados.

Após os ensinamentos paternos, aos oito ou nove anos, Cosme Lemos matriculou-se no Grupo Escolar "Almino Afonso", de sua cidade natal, onde logo se distinguiu pela inteligência e pelo grande amor ao estudo. Datam, dêsse tempo, suas primeiras composições poéticas. Um literato precoce. Um menino ávido de conhecimentos, que leu todos os livros da pequena biblioteca do pai, inclusive grossos manuais homeopáticos e amarelecidos almanaques luso-brasileiros.

A família não era rica. Sim; pelo contrário, enfrentava a vida com algumas dificuldades. Homem previdente, no entanto, o Professor Alfredo Lemos, muito cedo, cuidou de empregar os filhos. Cosme foi o primeiro a conseguir uma colocação. Em 1921, quase criança, entrou para os Correios e Telégrafos, na qualidade de mensageiro. Iniciava assim a longa existência de funcionário publico. O modesto emprêgo ofereceu-lhe a oportunidade de conhecer novos lugares. Progrediu. Menino ainda, torna-se telegrafista. Poderia ter ido mais além, mas os fados conspiraram contra o poeta. Jamais, na repartição, logrou exercer cargo compatível com os apreciáveis méritos. Que tal fato não venha a constituir surprêsa, sabendo-se, como se sabe que, naquela repartição digna de melhor sorte, a inteligência sempre tem pago pesado tributo à medriocridade.

O telegrafista Cosme Corsino Lemos aposentou-se em 1956, para o que desistiu da compulsória. Fêz, ao contrário de não pequeno número de servidores. que continúa arrastando os pés ao longo dos corredores do DCT, velhíssimos e atormentados pela dispnéia, mas ainda sonhando com funções gratificadas.

Cosme foi tão sòmente um honrado telegrafista, cujo único prêmio consiste na aposentadoria de que hoje desfruta.

O POLÍTICO

Seria justo considerá-lo um político? Longe de mim a responsabilidade de tal julgamento. Como foi, é e será sempre um poeta, por temperamento e um boêmio por convicção; sabendo, não obstante, dividir a existência entre os vôos espirituais e os elevados deveres do homem trabalhador e honesto. O fato de ter passado pelo campo das lutas eleitorais não deve ser tido como traço forte de seu caráter. Cosme é um emotivo e, dêsse modo, as fôrças políticas só lhe interessaram momentaneamente, na medida em que conseguiram despertar-lhe o entusiasmo. Foi sempre assim: passado o primeiro instante, após uma vitória, quedava-se diante dos livros, como que decepcionado. Além do mais, suas atividades partidárias ocupam breves momentos de sua vida calma e profundamente romântica. Talvez fôsse melhor eu fugisse a êste assunto; mas não o faço, a fim de facilitar uma compreensão mais perfeita do nosso poeta.

E eis alguns fatos. 1930 pode ser visto como um ano fatídico, Iniciara-se, contudo, promissor com a vitória do Dr. Júlio Prestes à Presidência da República. O velho culto e respeitável que foi o Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, aguardava, confiante, a hora de transmitir o leme da Nação ao seu sucessor. De súbito, em outubro, eclode a Revolução Liberal, chefiada pelos políticos derrotados no último pleito. Vitoriosa, dá-se a deposição do Presidente da República. Dêsse modo, rápido, como num passo de mágica, a Revolução Liberal extinguiu a liberdade e o Dr. Getúlio Vargas tornou-se ditador do Brasil. Realmente, tudo não passou de golpe forjado nas sombras,

sem unidade de princípios nem de finalidades. Um brusco assalto ao poder, todo êle inspirado por demagógicos politicos profissionais, que se aproveitaram do sadio idealismo dos tenentes de 22 e 24, para, depois de vitorioso o movimento, traí-los sem mais delongas.

Revolução de Outubro ou Revolução Liberal, o fato é que, apesar dos erros por ela cometidos, conseguiu, no entanto, entusiástico apôio do povo, que se cansara, de há muito, do grande atrazo em que vivia o País; atrazo êsse resultante de métodos antiquados às supremas aspirações brasileiras. Abriram-se, de certo modo, algumas perspectivas no plano administrativo e, com elas, a esperança de melhores dias. Houve, no entanto, torpes vinganças, perverso radicalismo. Governadores e prefeitos foram substituidos por adesistas de última hora. Nada de eleições. Tudo isso por simples decretos. Cosme Lemos, por exemplo, jamais fôra um liberal convicto, muito embora, tenha sido, em nosso Estado, um dos poucos que, antes da revolução, demonstraram, em simples conversas, alguma simpatia pelos liberais; sobretudo por ocasião do revoltante e estúpido assassínio do Dr. João Pessoa, então governador da Paraíba. Inesperadamente, foi nomeado Prefeito de Apodi. Vale salientar que se portou à altura do cargo, agindo com probidade e ponderação, numa época de ódios desenfreados, de crimes estarrecedores. Multiplicavam-se as chacinas. Velhas questões de família, que pareciam esquecidas, voltaram, de súbito, a ferver no caldeirão revolucionário. Política e banditismo, ignorância e miséria! E onde não havia, uma semana antes da vitória, um só liberal, passaram a tremular as bandeiras vermelhas dos vitoriosos. Faziam-se presentes nos prédios, nas estradas, tranformadas em lenços ao pescoço dos vaqueiros e nas compridas saias das matutas. Entusiasmo caboclo idiota e servil com discursos pedantes e bombásticos, entrecortados de hinos de guerra entoados com o estribilho da "Mulher Rendeira". Um verdadeiro delírio coletivo. Uma inacreditável demonstração de cinismo!

Diante do grotesco da situação reinante, o poeta Cosme Lemos resolveu exonerar-se do cargo. Como se vê, seus arrogos políticos são mesmo ocasionais, momentâneos, ao sabor dos fatos.

Assim, em 1946, vamos encontrá-lo deputado constituinte à Assembléia Estadual, discutindo e redigindo projetos e resoluções. Parecia ter encontrado o caminho de suas aptidões. Puro engano, pois ao terminar o período legislativo, o político voltou a ser exclusivamente poeta; deixando de ser reeleito, a fim de cumprir palavra, como se, em política, houvesse algo mais precioso do que a vitória. E, conscientemente, propositalmente, fiel a si próprio, deixou-se mergulhar no ostracismo. Em tudo, um verdadeiro poeta. O nosso querido vate. Único. Inconfundível!

O HOMEM DE LETRAS

Cosme Lemos não cursou universidades, fato que impressiona os que se preocupam com sua obra literária, tôda ela vasada com requintes estéticos e rica de erudição. Um autodidata como tantos outros neste País. Sim, um autodidata, porém, tal fato não teria tanta importância não fôsse o conhecimento do ambiente em que viveu a maior parte de sua existência. Povoações, vilas e pequenas cidades norte-riograndenses desprovidas de ginásios, sem jornais nem bibliotecas. Pequeninos mundos isolados por tortuosas estradas infindáveis, habitados por "coronéis" e vaqueiros, para quem os cantadores representam, ainda hoje, a mais alta expressão de inteligência. Certo que houve e há excessão; todavia incapaz de contrariar a regra geral.

Jamais se filiou a qualquer escola, podendo-se dizer que pertence a tôdas. Quando muito, dir-se-á que é um parnasiano-lírico, influenciado por Bilac, Olegário Mariano e Raul de Leone.

Admirável, sobretudo, é sua fidelidade a êsses pequenos mundos em que viveu tantos anos. Não esquece nunca as serras imensas, as sêcas avassaladoras, o sol destruindo tudo, árvores, animais e homens. Mas também sabe evocar os dias felízes:

"Em Martins,
A bem amada terra dos jardins,
Sob um céu claro e tranqüilo..."

E ao referir-se à terra-berço, as imagens ganham cintilações mágicas de cristais partidos. Não obstante, as composições da mocidade são tìpicamente provincianas. Não podiam deixar de ser, pois, o autor é um produto de si mesmo. Veio crescendo aos poucos, desajustado. Certamente, Moçoró serviu-lhe de Jardim de Acâdemo, onde adquiriu saber e experiência. A bela e progressista cidade salineira era, já na distante década de trinta, uma espécie de capital do Oeste, onde o surto industrial se juntava à importante preocupação literária. Nesse ambiente, não deixa de freqüentar as aulas do Ginásio "Santa Luzia". Logo se deixa dominar por profundo misticismo. Um místico, porém, à maneira de Junqueira Freire, amando as mulheres e as serenatas. Estuda, reza, ama e trabalha.

São dêsse período êstes versos:

"Jesus chegara a casa de Simão
Na aldeia da Betânia e Madalena
—Flor do vício transfeito em açucena—
Vai derramar-lhe o próprio coração".

E ainda:

"A noite vem chegando... E a nostalgia
Domina os corações completamente,
O sino faz-se ouvir chorosamente
No doce badalar da Ave-Maria!"

Ainda se descuida da forma, em particular, no que toca às rimas, porém as imagens são belas. Sòmente muito depois, quando a idade o forçou à meditação, conseguiu, com real brilhantismo, fugir a êsses deslizes. Com a maturldade nasceu o artista. Admiremos um dos seus últimos sonetos:

DIA DE VERÃO

Agôsto. Meio dia. O sol radioso
Envolve a terra em chama flamejante...
Parece o ardor febril de louca amante,
Num beijo ardente de volúpia e gôzo.

Não há mancha no espaço... O céu vaidoso
É uma cópia de luz azul-brilhante!...
Sòmente além, no aceiro do levante,
Vê-se um bando de nuvens em repouso.

A terra estúa. A mata, sem carinhos...
Deserto... Sem a música dos ninhos,
Eleva ao céu talvez uma oração...

E as ondas de calor sobem trementes,
Ouvem-se ao longe flautas estridentes
Das tediosas cigarras de verão.

Versos maravilhosos! Quadro impressionante! Visão quase apocalítica do mais doloroso dos fenômenos climatéricos — a sêca! Praga que persegue e apavora o nordestino; suas misérias tantas vêzes descritas saltam aos nossos olhos com terrível realismo. Mas, por singular capricho da natureza, em meio ao drama dantesco, só o joazeiro resiste, desafiando a inclemência do sol com a fronde admiràvelmente verde. E o poeta canta assim a árvore oásis, cuja presença, nas vastidões estorricadas, atesta a presença de Deus:

ÁRVORE TITÃ

Na flora do nordeste brasileiro,
Com sua rica fronde verdejante,
Dando sombra e carinho ao viajante,
Eis a árvore titã, o joazeiro.

Erguendo aos céus seus braços de gigante,
Desafiando o sol, êsse altaneiro
Rei vegetal entoa triunfante,
Hinos de amor à terra e ao mundo inteiro.

Êle é o titã que canta (digo bem),
Porque, quando nas sêcas, tôda em brasa,
A flora do sertão nada mais tem...

O joazeiro titão, verde a florar,
Transforma-se risonho em linda casa,
Onde as aves, cantando, vão morar!

Ama, como ninguém, a sua terra e a sua gente e sabe traduzir-lhes as alegrias e amargas tristezas:

"Os dias, para nós, só são bonitos,
(Para nós do Nordeste).
Só nos dão alegria e nos transmitem fé,
Quando há músicas nos céus e os céus se vestem
De cúmulos, de nimbos e de cirros...
E as trombas d'água descem sôbre a terra,
Na orquestração imensa da invernia!

E a gazua dos astros violentando tudo,
Escancaradamente vai abrindo... abrindo...
Numa orgia de luz, a porta do infinito!"

Não há dúvida, o poeta progrediu muito. Continúa progredindo. Parece mesmo ter-se distanciado um pouco dos antigos cenários. Como que se universaliza. Sente-se dominado pelo verdadeiro patriotismo; não pelo patriotismo mesquinho e inconseqüente, mas pelo que se refere à grandeza de nossa Pátria em relação aos demais países; em particular, no que toca aos nossos sagrados princípios de soberania:

BARROSO

Onze de junho. Tudo neve e espuma:
O velho Riachúelo foi cenário
Dum combate sangrento, extraordinário,
Travado ao frio da manhã de bruma.

Naquele dio ali teria, em suma,
A esquadra brasileira o seu Calvário,
Se não fôra Barroso, o temerário,
Conter milhares d'almas dentro duma.

Velho marujo, peito de espartano,
Bradou num grito heróico, sobreumano:
"Juro, ao Brasil, cumprir o meu dever!"

Fêz do "Amazonas" colossal escudo,
E a rir da morte, resolvido a tudo,
Lutou como um leão até vencer.

E eis aí um belo sonêto sôbre a maior batalha naval da América do Sul, legítima glória da nossa invencível Marinha de Guerra!

Atualmente, o poeta Cosme Lemos é o que se pode chamar de um boêmio em disponibilidade. Vive para a família, composta da espôsa dedicada e dos filhos obedientes e estudiosos; outrora, no entanto, amava as serenatas e as longas tertúlias em ambientes alegres Mas não parece totalmente divorciado dêsses felizes momentos, pois que os relembra cheio de saudades;

"Sòmente eu não tocava. Não sabia.
Não cantava também. (Jamais pude cantar!)
—Um ministro sem pasta da folia—
E como não cantava e nem vibrava o pinho,
Bebia muito mais que os companheiros.
Houve crise afinal. Crise de vinho!...

Num "Conselho de Guerra", os Conselheiros,
Irrevogàvelmente, inexoràvelmente,
Condenaram o pobre delinqüente
A fazer em verso, a crônica noturna
Ou o conjunto deixar. Nessa noite soturna
Jurei que deixaria a paixão predileta!
Jurei quase a chorar. Sòmente por bravata,
Mas desde então fiz versos, fui poeta,
Para ter um lugar na serenata."

Talvez seja dessa fase o sonêto abaixo, de profundo sentido psicológico:

O ÉBRIO

No tóxico ambiente da taberna,
Entre espirais de fumo, em desalinho,
Impertinentemente, numa eterna
Peroração afásica de vinho...

Ei-lo, o ébrio! Seu olhar vítreo consterna,
Tem no cérebro ardente um remoinho
De pensamentos vagos. Alto se externa,
Sem nexo e sem notar o escarninho.

Gosta dos companheiros. Bebe, bebe,
Bebe mais, mais... Até que não percebe
O que se passa em roda. Inconsciente

Levanta-se afinal... Digno de hospício
Sai rua afora torpe, repelente,
Despersonalizado pelo vício.

O poeta continúa sua caminhada gloriosa para a perfeição. Grande alma entre o sonho e a realidade. À sua passagem, as musas tangem harpas divinas. Desprezou as antigas formas. Trava conhecimento com Neruda, com Lorca e outros gênios da moderna poesia, de modo que sua inspiração toma um forte sentido social. Parece que o artista encontrou, finalmente, o verdadeiro caminho. Passou a preocupar-se com os grandes problemas humanos, contudo, sem desprezar os tradicionais principios que o ensinaram a ser poeta. Daí a beleza quase original de suas produções. Nunca a arte se confundiu tanto com o artista. Como é, na realidade, a mensagem da esperança e da fé existentes nos seus versos.

"As Duas Marias", por exemplo, é um poemeto impregnado de angústia, vasado num ritmo terno de velhas baladas. Não posso fugir ao desejo de recitá-lo:

AS DUAS MARIAS

São minhas clientes
As duas Marias;
São ambas bonitas,
As duas Marias;
Mas são esquisitas
E são diferentes
As duas Marias.

Maria de Bela
É mulher da vida,
Mora em certa viela
Numa casa escondida.
Bem tarde da noite, Maria de Bela,
Em busca da vida, abandona a viela

E a gente da rua só chama Maria
"Mulher de vida fácil." Que ironia!
Fácil a vida, oh! Deus, de Maria de Bela!

Maria José é mulher honesta,
Maria José vai a tôda festa.
Tem marido rico, Maria José.
Maria José a excelentissima,
Mulher digna de tôda reverência,
Presidente de Centros de Assistência.
É a Dona Maria, senhora honestíssima.

Ontem, fui receitar as mulheres da rua
E vi, na viela,
Maria de Bela.
Quase nua, coitada, quase nua!
Mas tão bela, tão bela, Maria da Bela,
Trazendo nos braços, ninando o filhinho!
—Maria de Bela, você tem um filho?
—Foi Jesus, foi meu Deus, quem me deu êste anjinho.
Nos olhos de Maria havia o brilho
Daquela outra Maria de Belém,
Que trouxe à humanidade tanto bem!
—Sete mêses passei, sem viver minha vida,
Sete mêses vivi, sem ser prostituida.
Muita fome sofri, mil lágrimas derramei,
Mas venci, sou feliz, pois meu filho salvei.

Meus olhos choravam, a bôca tremia,
Meus lábios beijaram a mão de Maria.

Em meu consultório, na fria manhã,
Eu hoje examinei a formosa e louçã
Maria José.
E muito contente, de mui boa fé,
Lancei, com efusão, a nova alvissareira:
—Senhora, parabéns, vai ter um filho.
Houve um brilho em seus olhos, mas que brilho!

Brilho de infantecida feiticeira,
Brilho de olhar de fera de Medéia,
Assassinando o próprio fruto das entranhas!

O corpo ondulava em contrações medonhas,
Como se a ação da monstruosa idéia
Metamorfoseasse em serpente essa mulher:
—Seja mãe quem quiser!
Gritou-me alucinada
E, convulsa, aos meu pés, quedou-se desmaiada!

Logo depois, o apêlo em tom queixoso:
—Oh! Salvai-me, doutor, não diga ao meu espôso;
Não quero o encargo da maternidade,
Um abôrto, senhor, por piedade!

Meus olhos queimavam, a bôca tremia,
Meus labios cuspiram a mão de Maria.

Admirável poema! Eu gostaria de declamar outros, mas não o faço, pois me encontro na impossibilidade de selecionar obra tão vasta e de tal quilate. Se estive a declamar outros, não foi o meu desejo, senão o de tornar conhecidos versos maravilhosos e, todavia, totalmente inéditos. E assim, concluo meu modesto trabalho, dirigindo êsse apêlo à Academia Potiguar de Letras: patrocine, o quanto antes, a publicação dos versos de Cosme Lemos, pois isto será a melhor e mais duradoura homenagem a que êle faz jus e a oportunidade de bem servir-se às letras nacionais!

OLAVO BILAC

Antídio de AZEVEDO

As instituições culturais da terra deixaram passar despercebido o primeiro centenário do nascimento de Olavo Bilac.

É deveras lamentável que assim tenha sucedido. O poeta foi uma das mais excepcionais figuras da letras brasileiras, cuja memória bem merece o culto da sua pátria, a que tanto serviu e deu nome.

Outro propósito não tem êste registro, senão o de reparar uma injustiça e avivar na memória da nossa gente as fulgurações do estro privilegiado do famoso aedo, trazendo de público as nossas insulsas considerações.

* * *

Olavo Bilac nasceu, no Rio de Janeiro, aos 16 de dezembro de 1865, sendo seus pais o médico Dr. Brás Martins dos Guimarães Bilac e d. Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. Na mesma "cidade maravilhosa" do seu nascimento, faleceu aos 28 de dezembro de 1918, com 53 anos e 12 dias de idade, quando tanto ainda poderia produzir o seu cérebro monumental, portador de cintilante inspiração, para riqueza da nossa literatura e glória do Brasil.

Como refere Eloy Fontes, no seu livro "A Vida Exuberante de Olavo Bilac", êste concluira os seus preparatórios aos quinze anos, quando ainda não tinha a idade legal para a matrícula na Faculdade de Medicina. Por isso, apoiando-se no prestígio de veterano da guerra, nas

simpatias do Paço e nas amizades do Parlamento, seu pai, o Dr. Guimarães Bilac, conseguiu uma lei pessoal contra as exigências legais. O Imperador assinou, então o seguinte ato:

> "Decreto nº 2.956, de 3 de agôsto de 1880. Autoriza o Govêrno a mandar matricular Olavo dos Guimarães Bilac na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Hei por bem sancionar e mandar que se execute a seguinte resolução da Assembléia Geral:
>
> Art. 1º — O Govêrno é autorizado a mandar admitir à matrícula do 1º ano na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o estudante Olavo dos Guimarães Bilac, a quem fica dispensado o requisito de idade legal".

Foi assim que Bilac, em 1880, aos quinze anos de idade, ao lado dos demais calouros de medicina, de paletó pelo avêsso, com grinalda de fôlhas na testa, em procissão de alegria, empolgou os promotores do trote acadêmico, quando intimado para falar, proferiu um magnifico discurso, que foi bem um verdadeiro panegírico à mulher.

Desde então, o jovem estudante, ao ingressar na adolescência, sob calorosos aplausos de todos os presentes, perdeu o nome de calouro para, com efusivas homenagens, receber o de acadêmico.

* * *

Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 15, que tem como patrono Gonçalves Dias, do qual fêz um dos mais brilhantes elogios acadêmicos de que nos dá notícia a história da literatura brasileira.

Cursou a Faculdade de Medicina até o quarto ano. Abandonou, porém, os estudos e, na Academia de Direito de São Paulo, foi ouvinte do primeiro ano. Depois, entregou-se inteiramente à vida literária e ao jornalismo.

Em 1891, foi nomeado oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio de Janeiro. Mas, por sua atitude revolucionária na fracassada revolta de 1893. no comêço da República, foi obrigado a se esconder em Minas Gerais. Voltando, foi prêso, ficando cinco meses na Fortale-

za de Laje. Em 1898, foi nomeado inspetor escolar do Distrito Federal. Em 1902, acompanhou o Presidente Campos Sales, em sua visita a Buenos-Aires. Em 1906, o Barão do Rio Branco nomeou-o secretário da Conferência Pan-Americana, que se reunia no Rio de Janeiro. Em 1907, foi secretário do Prefeito do Distrito Federal. Finalmente, em 1910, foi delegado da aludida Conferência Pan-Americana, em Buenos-Aires, deixando traços bem vivos da sua ação e do seu patriotismo.

Bilac não se casou, mas teve noivados desfeitos com Maria Selika Moniz da Costa e Amélia de Oliveira, irmã do poeta, seu grande amigo, Alberto de Oliveira. É que o admirável beletrista carioca, afeito à vida livre das boêmias em que vivia, de braços dados com inseparáveis companheiros, temia, naturalmente, não se adaptar ao convívio do lar, na paz e na calma do amor em família.

Se mais tivesse se prolongado a vida do grande poeta, maiores seriam os motivos e mais profundo se tornaria o amor da Nação por seu filho inesquecível. É que êle sucumbiu em plena atividade literária e cívica, quando o seu espírito atilado e empreendedor, ainda em perfeita forma, irradiava as cintilações encandescentes da sua poesia, maravilhando as multidões, que o guindaram aos píncaros da glória e da consagração.

O poeta veio ao mundo com o signo da verdadeira poesia — a poesia clássica — com êsse ritmo maravilhosamente cadenciado, com essa essência divina, que vem, de mansinho, impregnar o nosso espírito, tanto assim que o seu verdadeiro nome — Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac — que lhe deram os seus progenitores, sem nenhuma preocupação neste sentido, forma, no entanto, um alexandrino perfeito. E, se excluirmos do seu nome total a palavra Martins, ficando apenas Olavo Brás dos Guimarães Bilac, teremos, então, um decassílabo, tão perfeito quanto o alexandrino.

* * *

Alguns modernistas querem responsabilizar a glória de Bilac pela pouca repercussão do simbolismo brasileiro, pelo desconhecimento ou incompreensão de poetas

que classificam de muito maiores, como Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, classificando Bilac entre os "mestres do passado", inaproveitáveis para a geração presente.

Efetivamente, foram êstes dois grandes vultos da poesia nacional, que bem podemos equiparar ao nosso inefável Augusto dos Anjos. No entanto, em nosso modesto modo de entender, nenhum dêles superou o vulto de quem nos ocupamos.

Entendem êsses modernistas que a preocupação com a forma, que tanto empolgava Bilac, é prejudicial ao desenvolvimento da imagem ou à expansão do pensamento. Cremos haver nisso mero engano.

Essa preocupação formalística só poderia prejudicar àqueles a quem fugissem os surtos da inspiração que nunca faltaram ao maior dos nossos parnasianos. É por isso que com êle ficaram fiéis a Academia e a Província. Os "buriladores de sonetos com chave de ouro" continuam exercendo o seu predileto amadorismo romântico e artístico, a seu bel prazer, sem preocupações com a crítica deselegante dos seus antagonistas, que, talvez, adaptados à lei do menor esfôrço, fogem aos ditames da arte e do bom gôsto.

* * *

Disse Fernando Costa que "Olavo Bilac nutriu-se dos nossos clássicos, nos grandes cultores da língua, que ilustraram as nossas letras, nos dois séculos últimos e que foram os educadores das modernas gerações; e, sem copiar, sem imitar nenhum, tomando de todos os modelos aquilo que o seu ecletismo soube inteligentemente preferir, e, assimilando o que em todos encontrou de substancial, colheu assim os elementos precisos para com êles, ao sabor do seu critério, do seu temperamento, formar o seu estilo próprio, atual, moderno".

Benjamim de Araújo Lima, por sua vez, frisou, no seu elogio acadêmico, que o poeta "resistiu como ninguém nos domínios da literatura nacional, à sedução produzida sôbre a maioria dos espíritos, pela política enigmática, sibilina, originária da França, e, em cuja concepção entrara,

menos um equívoco estético e deplorável do que a predisposição tradicional dos gualeses para a mistificação e para a **blague,** mas, não obstante as aparências suspeitíssimas, conseguira fazer furo em tôda parte. Sem uma vulgaridade que os deslustre, sem um plebeismo que os desdoure, livres por igual dos lugares comuns de idéia e de forma, tão altos na concepção quanto delicados na fatura, permanecem seus versos, entretanto, ao alcance fácil de tôdas as leituras". E é essa a sua maior glória.

* * *

Bilac pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Augusto de Lima e tantos outros, aquela mesma linhagem que, no advento da República, estabeleceu os rumos da poesia brasileira.

Alberto de Oliveira, segundo refere o escritor Francisco Galvão, no seu livro a "A Academia de Letras na Intimidade", recordou lindos trechos da sua vida, destacando "principalmente a mudança de pendores poéticos quando escreveu a melancolia da "Tarde", refeito do sensualismo antigo. Era uma poesia tôda eivada de amôres impuros, em que mais se adivinhava a angústia de um espírito ao redor das dúvidas humanas, trazendo em si um demônio que ri e um deus que chora".

Ao tempo de estudante de medicina, Bilac fazia côro com um grupo de amigos, como êle sonhadores, cujo exercício noturno predileto era percorrer amplas estradas, até o amanhecer, para uma prova de quem mais alto gritava. O poeta de "Ouvir Estrêlas" superava a todos os seus companheiros e se vangloriava de possuir uma garganta a Stentor.

Era o que mais alto gritava. A sua voz era clara e leve, rápida e vibrante, como uma seta de índio. Êsse exercício êle praticava, horas e horas, na praia de Icaraí, e, do alto de um penedo, insultava o planêta Netuno, desafiando-o em altos brados.

Possuidor de uma memória invejável, era um grande decorador de poesias. Certa vez, na casa da Rua Marciana, onde residia com sua irmã Clara Bilac Gulmarães

decorou, ouvindo uma só vez, um sonêto do poeta José de Souza Monteiro. Tais exercícios do grande vate muito lhe valeram para os seus êxitos de orador, que realmente o fôra.

No discurso em que agradeceu a manifestação que foi levada a efeito, no ano de 1907, quando foi proclamado príncipe dos poetas brasileiros, há um trecho que ocupou colunas do "Jornal do Comércio", por êle pronunciado de um só folêgo. Isso lembrou Alberto de Oliveira, em um trem de Petrópolis, ao descer a serra, tantas vêzes pelo poeta percorrida e cantada em versos maravilhosos.

Guilherme de Almeida, grande poeta moderno, um dos mais lidos no Brasil, também companheiro de Bilac, consultado, certa vez, sôbre se acreditava na decadência da poesia, respondeu:

"Mas quem acreditará em semelhante absurdo? A poesia há de viver eternamente. O sentimentalismo dos homens no século trepidante em que vivemos, ao contrário do que se pensa, há de existir sempre.

"Vivemos numa terra de poetas. Cumprimos um dever melancólico. Apenas, como temos progredido, o poeta de hoje não escreve em alfurjas e não gosta de viver em águas furtadas: ama o confôrto e aprecia o seu apartamento bem arrumado.

"Os poetas, como os operários, viram que deviam viver outra vida, com mais tranqüilidade. Nada de gravatas sujas, de ternos roídos e de joelheiras nas calças. Nada mais de boêmias em cafés sórdidos, como fazia a geração de Álvares de Azevedo".

Efetivamente, Bilac, companheiro de Guilherme de Almeida e pioneiro dos novos rumos do pensamento brasileiro, era um homem elegante, que, como aquêle seu companheiro e como o nosso Segundo Wanderley, nunca acreditou na decadência ou na morte das musas — nos arautos fatais do pessimismo — como muito bem disse o saudoso conterrâneo:

"Enquanto houver uma mulher que sinta,
Enquanto houver um coração que ame!"

A poesia de Bilac, se bem que romântica, foi, nos primeiros tempos, obedecendo, naturalmente, aos arrancos da sua mocidade, de um sensualismo tropical. É o que sentimos através dos seus célebres e tão comentados "Tercetos":

—"Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fôsse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

—"Espera ao menos que desperte a aurora!"

. . . . . .

Sôbre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! Deixa que amanheça!

E ela abria-me os braços. E eu ficava.

. . . . . .

E já manhã, quando ela me pedia
Que do seu claro corpo me afastasse,
Eu, com o olhos em lágrimas, dizia:

—"Não pode ser! Não vês que o dia nasce?
A aurora, em fogo e sangue, as nuvens corta...
Que diria de ti quem me encontrasse?

. . . . . .

Sôbre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava!
Espera um pouco! Deixa que anoiteça!

—E ela abria-me os braços. E eu ficava".

Mas, o tempo foi passando e com êle aquela paixão erótica, que, começando com os trópicos nas veias, naquele sensualismo irreverente, embora que não haja a registrar nenhum caso passional que deslustre a sua vida na sociedade, terminou escrevendo sonetos magistrais, repassados de doçura e de misticismo.

De braço com sua arte, palmilhou outros caminhos, por meios mais simples e mais puros, encantando-se com

os amôres da aranha e da abelha, a tortura de Prometeu, a surdez de Beethoven, a cegueira de Milton, a amargura de Camões e "o orgulho de ser grande na desgraça" do insuperàvel vate português.

Os seus maravilhosos sonetos de amor já não traziam aquelas ardências e volúpias de antigamente, como nos "Tercetos", capazes de fazer corar de pejo as donzelas mais pudicas. Há até quem creia no seu remorso, quando, no sonêto "Prece", assim se expressa:

> "Durma de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
> O meu remorso. . . . . ."

Ao que diz Gregório da Fonseca, Bilac influiu poderosamente nos destinos do Brasil, fazendo-se cavalheiro andante na defesa do País. Suas memoráveis conferências patrocinadas pela Liga da Defesa Nacional, calaram fundamente no espírito do povo e acordaram a Nação do marasmo em que jazia.

De início, o sorteio Militar, então regulado por lei nova, era visto com maus olhos. "Deve-se ao poeta máximo da raça a glória de levar à caserna a juventude das escolas superiores, considerando que ela fôsse, como o é, na realidade, um filtro purificador. E o Exército que aí está, cônscio dos seus deveres, disciplinado, forte, veio das suas palavras. Bilac, como um sacerdote, incitava a mocidade a correr para a farda, como uma necessidade indeclinável de salvar o Brasil do perigo da descrença, do chauvinismo, do desânimo". E o Exército Nacional reconhece sobremodo e muito bem a sua ação benfazeja neste sentido. Daí a admiração das fôrças armadas pelo incomparável cultor das musas, a ponto de ser apôsto o seu retrato nas sedes das corporações militares.

* * *

Consultado, certa vez, o Conde de Afonso Celso sôbre se Bilac teria sido o maior poeta da raça, êle respondeu de imediato:

—"Tomando-se a expressão raça na amplitude de raça latina, por exemplo, a resposta é restritiva, ao lem-

brarmos Dante, Camões, Victor Hugo e outros. No sentido de nossa pátria, considero Bilac um dos nossos maiores poetas, mas ao nível de Gonçalves Dias, Castro Alves, Raimundo Correia, para só falar em alguns mortos."

Vemos assim, o nível em que devemos colocar o poeta em aprêço, com as próprias palavras de Afonso Celso, cuja autoridade no assunto nenhuma outra pode superar.

O que não se pode é tomar de Bilac o nome de um dos maiores poetas da língua. A êle se deve, em verdade, novos horizontes para a poesia nacional, como muito bem disse Guilherme de Almeida. Ninguém mais do que êle teve glória e nem foi tão amigo da forma, como vemos na sua

PROFISSÃO DE FÉ

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que êle, em ouro, o alto relêvo
Faz de uma flor.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!

Assim, com êsse mesmo afago e amor ao ritmo, dentro dos rigores da métrica, que é a música do verso e da sonoridade da rima, que perfuma a sensibilidade da nossa alma, êle manifestava o seu pensamento sublime, em alexandrinos e decassílabos perfeitíssimos. Uma prova da pureza dos seus alexandrinos, nós temos, bem frisante, no sonêto

VIRGENS MORTAS

Quando uma virgem morre, uma estrêla aparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento;
E a alma da que morreu, de momento a momento,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

Ó vós, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece,
Cuidado! — o que dizeis, como um rumor de prece,
Vai sussurrar no céu, levado pelo vento...

Namorados, que andais com a bôca transbordando
De beijos, perturbando o campo sossegado
E o casto coração das flôres inflamando,

—Piedade! elas vêem tudo entre as moitas escuras...
Piedade! êsse impudor ofende ao olhar gelado
Das que viveram sós, das que morreram puras!

Outra prova, muito patente, de como burilava o decassílabo sincero e escorreito, veremos no sonêto

REMORSO

Às vêzes, uma dor me desespera...
Nestas ânsias e dúvidas em que ando,
Cismo e padeço, neste outono, quando
Calculo o que perdi na primavera.

Versos e amôres sufoquei calando,
Sem os gozar numa explosão sincera...
Ah! mais cem vidas! com que ardor quisera
Mais viver, mais pensar e amar cantando!

Sinto o que esperdicei na juventude;
Choro, neste comêço de velhice,
Mártir da hipocrisia ou da virtude,

Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que sofrer não pude,
E por pudor os versos que não disse!

Mas, não era sòmente no alexandrino ou no decassílabo que o poeta expandia o seu pensamento com absoluta perfeição da arte de Camões. Não. Êle, também, o fazia, da mesma maneira, na trova ligeira e fluente, em setessílabos, como vemos em

CANÇÃO

Dá-me as pétalas de rosa
Dessa bôca pequenina:
Vem com teu riso, formosa!
Vem com teu beijo, divina!

Transforma num paraíso
O inferno do meu desejo...
Formosa, vem com teu riso!
Divina, vem com teu beijo!

Oh! tu que tornas radiosa
Minha alma que a dor domina,
Só com teu riso, formosa,
Só com teu beijo, divina!

Tenho frio, e não diviso
Luz na treva em que me vejo:
Dá-me o clarão do teu riso!
Dá-me o fogo do teu beijo!

E, o inolvidável vate brasileiro não era perito apenas nas quadras amorosas. Também o era nas satíricas, humorísticas ou galhofeiras. A roda boêmia não admitia deserções de nenhum daqueles que compunham o seu grupo, sob pena de ser classificado de "ignóbil". Luís Murat, que na intimidade era chamado de Lulu, resolveu desertar, abjurando a seita dos "amigos do copo", recolhendo-se ao seio da família, declarando que não iria mais a ceias alegres e nem beberia mais, nem mesmo às refeições. Foi quando Bilac glosou o caso na quadra divulgada em tôdas as mesas:

Lulu, não fôste a ceias?
Nem bebes às refeições?
—Quando as caixas estão cheias
É que vazam os ladrões...

Bilac não era apenas exímio poeta. Também fôra um grande bebedor de vinhos. Tinha paixão pelo antigo e tão conhecido Vinho Velho do Pôrto, do fabricante Rocha Leão. Em Paris encontrou um vinho delicioso, sôbre o qual, escrevendo a um colega, no Rio de Janeiro, mandou-lhe a seguinte redondilha:

Cabral se a Paris viesse,
Bebendo vinho tão puro,
Exclamaria: — "Parece
Vinho do Pôrto... Seguro!"

O poeta tinha quase mania de escrever aos amigos e companheiros, de qualquer parte onde estivesse. Encontrando-se em Paris, em 1911, que êle visitava já pela décima vez, mandou um cartão-postal ao seu colega Emílio de Menezes, com a fotografia da estátua de Victor Hugo, visìvelmente inclinada, sôbre a qual escreveu, com letra bem clara, esta estrofe:

O semideus está torto,
Nu, caído e sem vigor:
É bebedeira do morto?
Ou foi porre do escultor?

O príncipe dos poetas cultivava, com especial carinho, a amizade dos companheiros de boêmia. Costumava gracejar com êles com elevação e doçura para que não os molestasse. Coelho Neto, de sobrancelhas e bigodes agressivos, tinha certo aspecto de gato. No dia de seus anos, quando tôda a turma compareceu à sua residência para cumprimentá-lo, Bilac escreveu em uma página em branco de um almanaque que estava à mesa de trabalho do aniversariante, deixando-o aberto sôbre o móvel, a seguinte trova:

Sintam todos a alegria
Que o meu coração abrasa,
Pois faz anos naste dia
O Gato, dono da casa.

* * *

Olavo Bilac poderia ter ocupado muitos cargos de evidência ou mandatos eletivos, se não fôra a sua ojeriza à política e aos políticos, a ponto de pretender ridicularizá-los.

Contou-nos o saudoso dr. Juvenal Lamartine que, quando deputado, no Rio de Janeiro, privou da intimidade do consagrado poeta, admirando o seu estro e os seus arroubos de inspiração.

Disse-nos que, certa vez, o poeta se encontrava com seu colega Alberto de Oliveira, oportunidade em que êste o advertira de que êle precisava casar, pois, estava envelhecendo.

—Não. Tenho muito mêdo de casar e ter filhas, retrucou Bilac.

—Ah! já sei, disse Alberto de Oliveira, o colega tem mêdo de ter filhas e depois vê-las perdidas na orgia dos cabarés.

Bilac, solteirão galhardo, poeta, orador fluente, frequentador das "boites" elegantes, preferido das mulheres bonitas, retorquiu:

—Não! Muito pior: tenho mêdo de ter filhas e vê-las casadas com deputados federais.

* * *

Bilac foi, também, jornalista e cronista de fina verve. Colaborou na "Gazêta de Notícias", ao tempo de Ferreira de Araújo, ao lado de Pedro Rabelo, Guimarães Passos e Coelho Neto. O poeta era o encarregado da crônica dominical, que tanta fama proporcionou ao jornal, nos meios literários da época.

Colaborou ainda em "O País". Conta-se que, ao ingressar nesse jornal, fôra prevenido por João Lage, seu diretor, de que iria ter um poeta pela frente, que era o Emílio de Menezes. Bilac, porém, não se impressionou com a advertência, iniciando logo um movimento literário nas colunas do famoso diário, de parceria com Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e o próprio Emílio de Menezes,

que lhe admirava os vôos condoreiros, no campo das musas e os surtos formidáveis, em suas crônicas e sueltos.

Chegaram mesmo à intimidade e ao companheirismo, nas noitadas boêmias, quando, com outros que engrossavam o grupo, ziguezagueavam pelas calçadas desertas, de braços dados, cantando e declamando, puxados por Emílio de Menezes, a quem chamavam de "madrinha da tropa".

Conta-nos o escritor Raimundo de Menezes que, em 10 de abril de 1904, Olavo Bilac embarcava para mais uma viagem à Europa. A turma bilaquiana, comandada por Emílio de Menezes, amanhecera assanhada a caminho do cais. Não faltou ninguém ao bota-fora, que se transformou em data festiva, qual feriado nacional, para o grupo boêmio.

Os jornais, em destacadas notas, registraram o acontecimento. O poeta Oscar Lopes, sob o pseudônimo de Bento Magriço, anunciara o fato, num sonêto, pela "Gazeta de Notícias" daquela manhã:

OLAVO BILAC PARTE PARA A EUROPA

Hoje, quando tombar a noite sôbre o Rio,
Quando a sombra descer, envolvendo a cidade,
O chôro se ouvirá de uma grande saudade,
Através do negror do ar leve, fino e frio.

Hão de as flôres tremer, cheias de calefrio;
Lágrimas correrão de muitos olhos e há de
Tôda estrêla no céu fulgir com suavidade,
Como pranto em rosário, ardendo fio a fio...

É que Olavo fugindo ao Rio de Janeiro,
Escutando o rumor das maretas constantes,
Vendo as vagas em ronda, ei-lo esquece, ligeiro,

Sua terra e seu povo... E a bordo entre viajantes,
Pensa em Paris, enquanto o céu manda, certeiro,
Uma chuva sem fim de estrêlas fulgurantes...

* * *

Unidos, tanto na alegria como na tristeza, tendo como lema "um por todos e todos por um", reunidos no ancoradouro, despediam-se do poeta amigo, com barulhentas efusões, entre lágrimas e beijos.

Cada um dos poetas presentes se despedia do colega, com um trova interessante, que, na impossibilidade de citá-las tôdas, aqui queremos trazer-vos apenas a de Emílio de Menezes:

Nada de casos suspeitos
Com pessoas dessa laia...
Apresenta os meus respeitos
Ao velho Afonso de Maia.

Como sabemos, Afonso de Maia era um poeta português com quem Bilac teria de se encontrar em Lisboa.

O navio, a distância, esperava pelo passageiro retardatário, prêso nos braços dos companheiros de boêmias, que não cansavam nas recomendações, em quadras excelentes.

Enfim, logrou chegar a bordo e partiu para o Velho Mundo. Ao chegar em Lisboa, comprou ramalhetes de flôres e foi depositá-las ao pé da estátua de Eça de Queiroz. Pediu licença ao guarda para transpor o gradil e, dentro dêste, grande foi a surprêsa do policial, ao observar, boquiaberto, aquêle homem que nada tinha de maluco, beijar, respeitosamente, o monumento do grande escritor.

O retôrno de Bilac, conforme escreve Martins Fontes, foi motivo de muita alegria e de um jantar no "Restaurante Sul-Americano", quando quase não o deixaram comer, com as constantes perguntas sôbre o que apreciara na viagem. Bilac respondia a todos, dando notícias detalhadas sôbre cada pergunta.

* * *

Muitas festas foram promovidas ao poeta, por ocasião da sua glorificacão, quando eleito "Príncipe dos Poetas Brasileiros". Emilio de Menezes, de quem Bilac havia sido companheiro inseparável de tôdas as horas, o mesmo a quem João Lage prevenira, ao entrar para a

redadão do jornal "O País" de que iria ter um poeta pela frente, reconheceu-lhe a superioridade, quando o saudou com êste sonêto notável:

Como é bom elogiar, quando nasce o elogio
De um entusiasmo assim, de uma emoção sincera!
Corre, sôbre o papel, a tinta, como um rio
A correr no caudal que o declive acelera!

Os vocábulos vêm, espontâneos, a fio,
Como os sorrisos sãos que um são deleite gera!
Rebenta o aplauso em nós, vigoroso e sadio,
Como rebenta a flor em plena primavera!

Eis porque sou feliz, em ser glorificado
Fora da inveja hostil, do suspeito perverso,
O prosador querido, o poeta muito amado!

Da arte, no sangue real, tens o teu estro imerso,
Porém, não basta, Mestre! um simples principado
—A quem é rei na prosa e imperador no verso!

Coelho Neto, que então se encontrava na Europa, enviou um cartão-postal a Emílio de Menezes, parabenizando-o por êsse sonêto, tão expressivo, dedicado ao poeta glorificado.

Fomos, na mocidade, forte admirador da poesia de Bilac, que líamos com emoção e sentíamos os seus eflúvias contagiantes penetrando o recôndito da nossa alma, como aquêle perfume suave das flôres orvalhadas, que desabrocham nas madrugadas sertanejas.

É por isso que aqui estamos para, numa evocação de carinho e de respeito à memória do vate idolatrado, cujo primeiro centenário há pouco decorreu, verter a lágrima da nossa saudade imorredoura.

Natal, dezembro, 1965.

Meu Destino

Cosme LEMOS

Quando eu era criança, a minha mãe querida,
Perguntou-me, um dia, interessada:
—O que desejas ser na tua vida?
O que te agrada?
—Eu quero ser soldado, respondi, garboso.
Quero ter farda azul-vermelha, bem bonita.
Mas, refleti um pouco,
(Eu não sou corajoso,
Para que fazer fita?)
—Olhe, mamãe, eu quero ser palhaço.
—Palhaço?! Estás louco?
Levares a vida à-toa, ouvindo a multidão,
A gargalhar de ti a cada passo?
Não, meu filho, não!

E o tempo passa. A minha mãe, velhinha,
Subiu aos céus, feliz, de alma serena,
Por ver seu filho não pisar na arena,
Livre do circo, da atração mesquinha.

Tu não viste o palhaço, em ação indireta,
E partiste, feliz, oh! minha mãe amada,
Sem ouvires do mundo a cruel gargalhada,
Porque todos chamavam o teu filho poeta.

Êle, o Destino, deu-me duas almas,
Dois gênios que se odeiam e se dão as costas,
Dois rostos que traduzem sensações opostas,
Um em busca de Deus, outro em busca de palmas.

Minha alma de homem puro, amando a castidade,
Aflita e torturada a se sentir perdida

Nos caminhos da fé, sem ver a Divindade,
Que na infância floriu e guiou minha vida,
Deu-me um rosto de angústia e de mágoa secreta,
Uma alheia ilusão de ausência do Mundo,
Num pedír de perdão, de quem se sente imundo,
De quem se sabe fauno e anseia ser asceta.
Um rosto que faz versos em segrêdo,
Como um mouro a pecar, hirto de medo,
Contra as leis e a doutrina do Profeta.
E êste rosto que reza e que sonha indeciso,
Que às vêzes causa dó e às vêzes causa riso,
Deu-me o apelido e as honras de poeta.

Mas, eu sei, que em mim, o estro não existe,
O que vive comigo é o palhaço triste.

A minha outra alma, é uma alma boêmia
De Tirso e de tambor em assobios
Com Mênades de Baco. Irmã gêmea
De Dionisius e de sátiros vadios.
Alma pagã, librada entre a beleza e o vício,
Entre o filtro do amor e o fél do sacrifício.
Alma que me chegou em noite de seresta,
Para cantar comigo e gargalhar em festa,
Alma que rodopia e que faz versos
Inocentes alguns, outros perversos.
Versos bem coloridos, versos brancos,
Versos audazes como saltimbancos;
Versos de enganos e de desenganos,
Que explodem fagulhas de braseiros;
Versos que trazem rostos de ciganos,
De trovadores e de aventureiros.

É a alma de palhaço alegre e inquieta
Ébria de vinho a me chamar poeta.
E eu, entre uma alma e outra a vida passo.
Cumpri o meu destino — sou palhaço.

PSICOLOGIA DA DOR E APOLOGIA DA LÁGRIMA

MARCOS FALCÃO

Ao dr. Francisco Rodrigues Alves

A terra é a pátria da dor,
Alguém já disse
Esta profunda e lúcida verdade!...
Começa e finda a vida em sofrimento,
Seja para quem fôr!
A dor nos segue da mais tenra idade
Aos derradeiros passos da velhice...
A dor é sempre o prólogo da vida,
E a morte é sempre o epílogo da dor!

Por isso que êste mundo
Não passa de um teatro turbulento,
Onde o sorriso se associa ao pranto!
Deus fê-lo um eden do mais puro encanto,
E o demônio tornou-o um antro imundo,
Onde há menos risada que lamento.

Só duas portas há neste teatro:
Aquela em que, ao nascer, todos entramos,
E a da morte pela qual saímos...
Mas no seu palco todos representam
O papel que lhes deu a própria sorte...
A dor é a porteira impávida e indormida,
A dor é que nos abre a porta para a vida,
A dor é que nos fecha a porta para a morte!...

Quem tal monstro gerou?
—Foi a cuncupiscência,
No seu concubinato com o pecado...
E tem, por conseqüência,
O mundo, o povo todo desgraçado!

Deus, por isso, exigiu
Um holocausto em sua expiação,
E a lágrima é a sua hóstia cristalina,
Que satisfaz, que eleva e que ilumina
A mesma dor em transfiguração.

Destarte muitos riem simplesmente,
Por não poder chorar,
E outros há que choram realmente,
Por não poder sorrir,
Nem sequer disfarçar
O travo ou amargor
Que lhes dera a provar!
Na própria taça — a dor.

Mas no palco da vida,
Sem nenhuma exceção,
Todos são obrigados,
A sofrer, a chorar, queiram ou não...
Por tal fatalidade imposta à vida,
Na qual entramos já chorando então,
E chorando a deixamos na saída...

Jesus, o psicólogo divino,
Jamais, em tempo algum, ignorou
Que todo o ser humano é desgraçado...
Batido pela dor, fadado ao sofrimento...
Pois que tudo sabia...
Que sempre em tudo e em qualquer momento,
A dor que é o nosso algoz, frio e malvado,
Ferido só nos tem com tirania!

Se o Cristo asseverou:
—"Que bem-aventurados os que choram,
Porque serão, um dia, consolados";
Não foi porque julgasse
Que pudesse existir alguém que não chorasse,
Pois bem sabia a todos torturados.

Mas disse-o, ùnicamente,
Para nos ensinar
A sofrer e a chorar,
Resignadamente!...

Porquanto é meritório o sofrimento!...
O pranto purifica,
E a lágrima redime
Àquele que pecar ou que ao pecado induz...
É a sangria da dor nessa oblação sublime,
Que alcança-nos perdão!
Mas só quando vertida em arrependimento,
E resignação
Com a vontade de Deus, pregada por Jesus!

Assim, o pranto reconquista o céu,
Pois cristaliza em si a própria dor,
Que se fizera luz...
E a lágrima que a alma nos branqueja,
É o sangue da dor que a pálpebra goteja
Dos braços de uma cruz!

Não sei se sempre ria o Salvador,
Sei, porém, que chorou no palco desta vida:
—Chorou Lázaro morto,
E a ingratidão dos seus,
Chorou Jerusalém, a cidade deicida,
E a ruína fatal dos réprobos judeus!
Chorou também Jesus!...
E as gotas do seu pranto
São pérolas de luz
Do coração de um Deus!

A quem chegou numa Manhã de Sol

JOSUÉ SILVA

Linda Manhã de Sol!
O céu tão claro e tão bonito
parecia ter sido lavado
pelas mãos misteriosas do Infinito!

Assim chegaste, meu amor,
trazendo na graça de porcelana rosada
em tuas faces feiticeiras,
tôda fragância evolada,
de um jasmineiro em flor...

Os meus olhos cantaram de alegria
pelo garbo solene, augusto,
de tua desejada presença.
Vestias linda blusa branca
traçada em rendas da Renascença,
onde harmonicamente se percebia,
numa expansividade tão franca,
a perfeição majestosa do teu busto!...

Uma saia em padrão de escol,
discretamente bem rodada,
completava tua elegância,
nesta linda Manhã de Sol!...

Bem curta fôra tua demora.
Logo mais, garbosa tu partias,
na cadência musical de teus passos.
Desaparecias...
E os meus olhos cheios de ti,
dolorosamente ficaram
na distância, compungidos,
carpindo amarga desilusão
de nunca poder possuir-te
a não ser na devoção
eterna dos meus sentidos!...

Aracaju, 1965.

ASSU

ANTÍDIO DE AZEVEDO

Parece uma princesa que adormece
Ao doce e ameno som dos madrigais,
Ouvindo o farfalhar, num tom de prece,
Dos leques a cantar, dos carnaubais.

Feliz o que penetra os seus umbrais
E do seu povo um galardão merece.
Assu tem, no valor dos ancestrais,
Grandes filhos, dos quais se desvanece.

Possui o seu condão de tal magia,
Embalando, em seu berço, a poesia,
Qual num mágico acorde de saltério.

Traz da origem o dom dos Wanderley,
São poetas natos da famosa grei,
Ao lado de Renato e de Palmério.

Dr. João da Costa Machado

Dr. João da Costa Machado

A morte, sempre ferina nos seus desígnios golpeou profundamente a sociedade e as letras norte-riograndenses, com o prematuro traspasse ocorrido a 7 de novembro de 1965, daquele que em vida se chamou Dr. João da Costa Machado.

O saudoso ocupante que foi da cadeira nº 24 da Academia Potiguar de Letras, nasceu no município de Lajes, dêste Estado, a 27 de maio de 1912, sendo filho legítimo do sr. Luiz Machado da Costa e de dona Jacinta Maria da Silveira, que lhe sobrevivem.

Fêz o curso secundário no Ateneu Norte-Riograndense, concluindo-o no ano de 1929. Matriculando-se na Faculdade de Medicina do Recife, recebeu o grau de médico em 1935, depois de um curso brilhante, conquistando o prêmio "Raul Leite", por ter sido o primeiro da turma.

Em 1939 fêz o curso de Psiquiatria Clínica e Higiene Mental, no Departamento Nacional de Saúde e, em 1948, os cursos de Semiologia Psiquiátrica e Hematologia e Citalogia Clínica, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte.

Em 1962 participou do VI Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, em Belo Horizonte; IV Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Higine Mental, no Recife, em 1956 e do Congresso Nordestino de Genealogia e Obstretícia (Presidente de Honra), realizado em Natal, em 1963.

Escreveu e publicou, em plaquetas e revistas científicas, numerosos e notáveis e trabalhos de sua especialidade profissional, dentre os quais "A Assistência a Psicopatas no Rio Grande do Norte", "O Problema Médico-Social de Perturbações Mentais", "Sôbre UM caso de Esquizofrenia", "Doido, Maluco e Normal", "Distúrbios Mentais

na Criança", "Alcoolismo não é Doença, é Sintoma de Doença", "Alcoolismo e Espiritismo", "Discurso sôbre Heitor Carrilho", "Gilberto Freire, Pioneiro da Ação Psiquiátrica no Nordeste", "Amplitude da Higiene Mental". "Assistência Psiquiátrica e Servico Social Escolar", "Higiene Física e Mental no Matrimônio" e "Notas Médicas".

Foi fundador e presidiu, por mais de uma vez, a Sociedade de Assistência a Psicopatas, em nosso Estado. Sócio-fundador, também presidiu a Sociedade de Medicina do Rio Grande do Norte. Representou o seu Estado na Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. Exerceu as funções de Professor de Química Texicológica do Curso de Farmácia da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal e de Professor de Patologia Geral do Curso de Educador Sanitário do Departamento de Saúde Pública do Rio Grande do Norte.

Era Professor de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Natal, tendo sido um dos fundadores da respectiva Escola, da qual foi Vice-Diretor e Diretor, por duas vêzes, tendo falecido nessa qualidade. Era, ainda, chefe da Clínica Psiquiatrica do Instituto Infantil Varela Santiago, do Hospital das Clínicas, membro do Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da Comissão Organizadora do Congresso Pan-Americano de Higiene Mental e sócio-fundador da Associação Brasileira das Escolas Médicas de Belo Horizonte.

Apesar de ainda môço, o Dr. João da Costa Machado desempenhou cargos de real importância na sua especialidade, merecendo sempre títulos honrosos, sendo proclamado, por seus colegas, não só dêste como de outros Estados, mestres de renome nacional, como um dos expoentes da Psiquiatria no Brasil.

Casado, em primeiras núpcias, com a senhora Alba Ferreira Machado, deixou, dêsse casal, dois filhos: os acadêmicos Moab da Costa Machado e João da Costa Machado Júnior. De suas segundas núpcias com a senhora Jacy Guerra da Costa Machado, que lhe sobrevive, deixou os seguintes filhos: Alfredo da Costa Machado, Eduardo da Costa Machado, Luiz Guerra da Costa Machado, Juçara Guerra da Costa Machado e João Maria da Costa Machado.

Vítima de insidiosa moléstia, viveu os seus últimos dias cercado de inúmeros amigos, em sua residência, na Rua Assu, 419, numa impressionante resignação, atestante da calma e grandeza de um espírito que tanto trabalhou pelo bem da humanidade.

O seu enterramento foi um espetáculo de comovente aprêço e solidariedade humana, em que tiveram palavras de último adeus o seu colega dr. Mariano Coelho, representando a Faculdade de Medicina, o dr. Boanerges Soares, em nome da Academia Potiguar de Letras, o dr. Romulo C. Wanderley, pela Sociedade de Assistência a Psicopatas, o dr. Claudionor de Andrade, representando a Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Rio Grande do Norte, o desembargador Silvino Bezerra Neto, que lhe deu o último adeus de amigo e ainda o seu aluno de medicina Joaquim Elói Ferreira da Silva, em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte, pelo Conselho Regional de Medicina e pelo Hospital Colônia.

A Academia Potiguar de Letras, sentindo-se honrada em ter possuído em seu quadro acadêmico a figura culta e amiga do dr. João da Costa Machado, deixa aqui uma lágrima de profunda saudade.

Discurso proferido pelo Dr. Mariano Coelho, por delegação da Douta Congregação de Professôres da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Norte.

Desferiram-se as últimas notas da sinfonia de uma grande vida.

Paradoxalmente, curta e breve, no conceito restrito da longevidade; breve e curta no sentido etário; deploràvelmente interrompida, no fastígio imponente da sua maior grandeza.

Sinfonia inacabada, interrompida no **molto vivace** da empolgante partitura das suas realizações maiores.

* * *

Quanto, em tão pouco tempo, recebeu e quanto receberia ainda a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Norte, do Professor Dr. João da Costa Machado!

Zeloso, correto, dedicado, inteligente, infatigável, imprimiu à direção do novel estabelecimento de ensino médico, um sentido invulgar de respeito, dignidade e eficiência.

Sua bondade inata, sua polidez espontânea e singela se uniam maravilhosamente, sem o mínino conflito com a energia e o espírito de justiça peculiares ao dirigente hábil, sagaz e respeitado.

Seu modesto companheiro que fui, em agôsto de 1962, ao conclave de Belo Horizonte para a fundação da Associação Brasileira de Escolas Médicas, presenciei-lhe a atuação digna, criteriosa e interessada, que o indicaria ulteriormente, como membro de uma das comissões técnicas do importante sodalício que congrega e orienta as atividades didáticas do ensino médico no Brasil, em estreita colaboração e intercâmbio com as instituições congêneres das Três Américas.

Profundamente integrado no conhecimento das modernas diretrizes que norteiam a formação profissional, o Diretor eminente conduzia, com acêrto e segurança, a nossa Faculdade de Medicina.

Pranteando o seu desaparecimento prematuro, quando muito mais receberíamos ainda do seu talento, da sua dedicação e da sua experiência, resta-nos, apenas, o patrimônio do seu grande exemplo.

E, João Machado foi sempre exemplar, — exemplar e irrepreensível,—em todos os setores e sob todos os aspectos da sua vida.

Filho, irmão, espôso, pai, amigo, cidadão e profissional, — a retidão, o afeto, a dedicação e a integridade —

foram as constantes da sua aprimorada formação moral, a serviço da sua inconfundível personalidade.

Médico dos mais eminentes da sua geração, dedicou-se com amor e determinação à Psiquiatria filiado à escola de Ulisses Pernambucano. Encontraría no campo da sua árdua e benemérita especialidade o motivo maior para a realização dos assinalados serviços que prestou a nossa terra, como Delegado do Serviço Nacional de Assistência aos Psicopatas, como Diretor do Hospital de Alienados, como médico do Ambulatório de Higiene Mental, como clínico dos mais proficientes e humanitários.

Sua realização mais empolgante foi, sem dúvida, o nosso Hospital Colônia. Sim, porque foi Machado o artífice maior, o pioneiro da idéia que se concretizaria na edificação do modelar nosocômio, destinado aos doentes mentais.

Ouvi do Prof. Adauto Botelho, em solenidade pública, na qual receberia o diploma de cidadão potiguar, a declaração formal de que deviamos a feitura dêste hospital especializado, à insistência habilidosa, à pertinácia do esfôrço, a determinação convincente do Dr. João Machado junto às autoridades sanitárias do País.

Se pretendessemos conceder uma alma à estrutura arquitetônica daquele edifício, — como a sua expressão nobre e imponderável, — seria essa alma, um fragmento, uma centelha do cintilante espírito do nosso pranteado amigo!

* * *

Certa vez, em memorável homenagem que, irmanadas, prestavam, ao Dr. João Machado, a classe médica e a classe dos advogados do nosso Estado, — após os eloqüentes discursos dos dois ilustres oradores, escolhidos para a interpretação dos sentimentos que determinaram aquela expressiva reunião, — fui, intempestivamente aclamado para saudar, também, o homenageado eminente e querido. Atinei, prontamente, que seria oportuno falar em nome de uma classe, — não de profissionais, mas de enfermos — os doentes mentais. E, salientei que pretendia representar, mas precisamente os loucos indigentes, aquê-

les que não gozavam do privilégio, do eufemismo de serem denominados nervosos ou desajustados; aquêles que eram vulgar e impiedosamente indicados como doidos. Interpretava, pois, de um modo geral, os doentes mentais de tôdas as categorias econômicas, beneficiados todos e atendidos indistintamente pela ciência e pela bondade do Dr. Machado, dentro da máxima que manda:

"Cuidarlos como niños,"
"Amarlos como hermanos,"
"Tratar-los como enfermos,"
"Respetarlos como ancianos."

Quantos assistimos os últimos dias de existência do Dr. Machado, na pertinaz e irremediável enfermidade que o vitimou—surpreendidos e encantados ficamos, em face da serenidade imperturbável, da resignação profundamente cristã, ante a perspetiva inelutável da morte, incutida no seu espírito, até pela sua condição de médico inteligente e culto.

Machado foi grande na morte, como o fôra em vida!

Parecia, mesmo, que aquelas resignação e serenidade — extraordinárias e invulgares — tinham o poder mágico de atingir, contagiar, convencer e encorajar sua extremosa espôsa, seus amorosos filhos, parentes, colegas e amigos, todos que o cercavam afetuosamente, nos dias derradeiros de uma existência preciosíssima, de uma vida tão bem vivida, abnegadamente orientada em prol da família, da profissão, da ciência e da sociedade.

* * *

Prof. Dr. João da Costa Machado:

Por delegação da Douta Congregação de Professôres da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Norte, —augusto cenáculo que a sua presença tanto honrou, engrandeceu e prestigiou, — reúno, neste instante em que aqui me encontro, ao dever de amigo fraternal, a missão, — simultâneamente honrosa e pungente — de proferir o

nosso derradeiro adeus, ao Mestre, ao colega, ao companheiro e amigo morto, que viverá perenemente na nossa saudade, na nossa veneração, por sua honradez, por suas excelsas virtudes. pelo seu grande exemplo de dignidade profissional e amor ao trabalho em prol da humanidade.

Aqui ficam, pois, as nossas homenagens, as lágrimas vertidas dos nossos olhos e, mais ainda, dos nossos corações.

Nota — Deixamos de publicar na íntegra, o discurso do representante da Academia Potiguar de Letras — Dr. Boanerges Soares, por ter sido o mesmo pronunciado de improviso.

Dom MARCOLINO DANTAS

O clero, a sociedade e as letras norte-riograndenses foram feridos, na tarde de 8 de abril último, com o falecimento, ocorrido às 16 horas e 55 minutos, no Pavilhão Santa Isabel, do Hospital das Clínicas, nesta Capital, de Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, primeiro Arcebispo da Arquidiocese de Natal e ocupante da Cadeira nº 1 da Acadenia Potiguar de Letras, da qual foi um dos mais autênticos fundadores.

A Igreja está de luto porque perdera o seu pastor tão digno quão eficiente. A Academia Potiguar de Letras também está, pois, a morte lhe roubara um dos seus mais queridos membros e inspirado poeta. Os católicos e os seus amigos, habituados, ao longo de três décadas, a ver no prezado antístite aquela figura exuberante de bondade, choram a perda inrreparável do convívio com seu espírito fino, fértil e afetivo.

Dom Marcolino não foi apenas o sacerdote e o mentor apostólico da sua gente, porque foi, sobretudo, o homem compreensivo de uma dupla missão — tanto presidia os atos litúrgicos da sua Igreja, como também, enquanto permitiu a sua saúde, se fazia presente à vida de todos, com os seus conselhos, com a sua amizade, com o seu riso franco e confortador.

A fatalidade que se escondia na cegueira que lhe sobreveio, já no ocaso da vida, há tempo o fizera se recolher ao casarão da Rua Santo Antônio, que era o Pa-

lácio São Joaquim, sua residência episcopal, afastando-o do seu convívio benfasejo aquêles que o não visitavam. Foi êle o bahiano de nascimento, digno por todos os títulos, que, estimado por todos os natalenses, cedo se tornou natalense pelo coração.

Um acidente imprevisto ocorrido no paço episcopal vitimou o querido ministro de Cristo aos setenta e nove anos, após dez semanas de hospitalização e de sofrimentos físicos, contra o desejo que alimentava de sucumbir de repente, sonho, aliás, muito comum nos poetas.

* * *

As homenagens que foram tributadas à memória imorredoura de Dom Marcolino Dantas, dizem bem alto do conceito e da estima em que era tido pelos podêres espiritual e temporal, pelo clero, pelas entidades culturais e sociais da terra, que encerraram as suas atividades e decretaram luto por três dias.

Logo que se divulgou a notícia do seu trespasse, verdadeira romaria se dirigira ao Pavilhão Santa Isabel, do Hospital das Clínicas, em visita ao corpo do grande sacerdote, que ali permanecera até 21 horas, quando fôra transportado, com vultoso acompanhamento, para a Catedral Metropolitana.

Ali fôra o seu corpo velado por incalculávei multidão, até às dez horas do dia seguinte, quando foi sepultado, com precedência de cerimônias litúrgicas e missa de réquiem, celebrada por Dom Nivaldo Monte, frente ao altar do Senhor dos Passos, diante da consternação do povo.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte homenageou a memória do virtuoso prelado,

em sessão solene, realizada a 12 de maio último, dia em que Dom Marcolino completaria, se vivo fôsse, 37 anos de sócio honorário da entidade cultural, discursando o escritor comendador Luís da Câmara Cascudo.

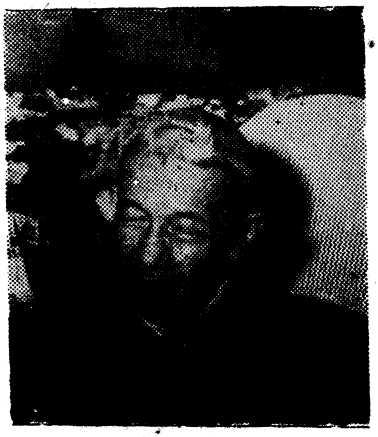
A Academia Potiguar de Letras, por sua vez, também em sessão solene, realizada a 30 de junho passado, procedeu o panegírico do eminente ministro católico integrante do seu quadro social, através do acadêmico Marcos Falcão.

* * *

Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas nascera em Inhambuque, na Bahia, a 22 de janeiro de 1888, sendo seus pais o Sr. Marcolino de Souza Dantas e a Senhora Maria Elisa Esmeraldo Dantas. Ordenou-se a 30 de outubro de 1910, no Seminário de Santa Teresa, em Salvador, do qual fôra professor. Foi o quarto Bispo e primeiro Arcebispo de Natal, tendo criado no Estado as Dioceses de Moçoró e Caicó. Edificou o Seminário de São Pedro, o Colégio de Nossa Senhora das Neves e o Dispensário Sinfrônio Barreto".

* * *

A Academia Potiguar de Letras, que tanto se sentiu honrada por ter em seu quadro aquela figura máxima e culta de poeta e amigo dos mais distintos, deixa cair a sua lágrima de dor sôbre a campa que guarda os restos mortais de um santo.



Dom Marcolino Dantas

Arcebispo de Natal

Cadeira nº 18

Olegário de OLIVEIRA JÚNIOR, empossado em 3 de setembro de 1959. Patrono — ANGELINA MACEDO.

Cadeira nº 19

Dr. JOÃO MEDEIROS Filho, empossado em 7 de janeiro de 1960. Patrono — Dr. HEMETÉRIO FERNANDES de Melo.

Cadeira nº 20

Dr. JOSÉ GOMES da Costa, empossado em 18 de fevereiro de 1960. Patrono — Dr. Manuel BENÍCIO de Melo FILHO.

Cadeira nº 21

COSME Corsino LEMOS, empossado em 17 de março de 1960. Patrono — José MARTINS DE VASCONCELOS.

Cadeira nº 22

FRANCISCO Augusto Caldas de AMORIM, empossado em 10 de julho de 1962, substituindo, por eleição, o acadêmico Dr. LUÍS ANTÔNIO Ferreira Souto dos Santos Lima, falecido em 10 de abril de 1961. Patrono — ALÍPIO BANDEIRA.

Cadeira nº 23

Dr. ANTÔNIO SOARES de Araújo Filho, empossado em 22 de outubro de 1961. Patrono — Dr. AUGUSTO LEOPOLDO Raposo da Câmara.

QUADRO DOS ACADÊMICOS NÃO EMPOSSADOS

Dr. Abelardo Calafange — Patrono - Dr. Raul Fernandes.

Des. Wilson Dantas, eleito em substituição ao Dr. Antônio Freire, que renunciou a cadeira. Patrono - Afonso Bezerra.

Dr. Djalma Aranha Marinho — Patrono - Dr. Orlando Dantas.

Djalma Maranhão — Patrono - Não escolhido.

Dr. Hélio Dantas — Patrono - Dr. José Gonçalves de Medeiros.

Dr. Israel Nazareno de Souza — Patrono - Dr. João Manoel de Carvalho Santos.

João Alfredo Pegado Cortês — Patrono - Dr. Alberto de Albuquerque Maranhão.

Dr. Claudionor Teológio de Andrade, substituindo, por eleição, o Dr. João da Costa Machado, falecido em 7 de novembro de 1965. Patrono - Dr. João Chaves.

Dr. João Vicente da Costa — Patrono - Tobias Monteiro.

Prof. José Saturnino de Paiva — Patrono - Prof. João Tibúrcio da Cunha Pinheiro.

Dr. Kerginaldo Cavalcanti — Patrono - Não escolhido.

Dr. Manuel Avelino — Patrono - Dr. Rodolfo Garcia.

Dr. Manuel Varela de Albuquerque — Patrono - Dr. Felipe de Brito Guerra.

Maria do Céu Pereira Fernandes — Patrono - Ulisses Telemaco.

Prof. Mário Cavalcanti — Patrono - Dr. Antônio José de Melo e Souza.

Dom Nivaldo Monte — Patrono - Mons. Severiano.

Otoniel Menezes de Melo — Patrono - Antônio Damasceno Bezerra.

QUADRO DOS PATRONOS AINDA NÃO ESCOLHIDOS

Dr. Adalberto Peregrino — André Rocha —
Dr. Braz de Melo — Dr. Ferro Cardoso —
Dr. Joaquim Inácio de Carvalho Filho

ACADEMIA POTIGUAR DE LETRAS

QUADRO DOS ACADÊMICOS EMPOSSADOS

Cadeira nº 1

Dom MARCOLINO Esmeraldo de Souza DANTAS, empossado em 4 de dezembro de 1956. Falecido em 9 de abril de 1967. Patrono — Dom JOSÉ TOMAZ Gomes da Silva. Vaga.

Cadeira nº 2

MARCOS FALCÃO, empossado em 10 de janeiro de 1957. Patrono — ADRIEL LOPES Cardoso.

Cadeira nº 3

Dr. BOANERGES Januário SOARES de Araújo, emposado em 11 de abril de 1957. Patrono — PEDRO SOARES de Araújo.

Cadeira nº 4

Monsenhor José ALVES Ferreira LANDIM, empossado em 25 de abril de 1957. Patrono — Cônego PEDRO PAULINO.

Cadeira nº 5

Dr. JAIME DOS G. WANDERLEY, empossado em 14 de junho de 1957. Patrono — JUVENAL ANTUNES de Oliveira.

Cadeira nº 6

ANTÔNIO ALVES de Oliveira, empossado em 23 de junho de 1957. Patrono — PEDRO AVELINO.

Cadeira nº 7

Dr. JOSÉ BEZERRA GOMES, empossado em 17 de agôsto de 1957. Patrono — ANGIONE COSTA.

Cadeira nº 8

Monsenhor EYMARD L'E. MONTEIRO, empossado em 2 de setembro de 1957. Patrono — Cônego ESTÊVÃO José DANTAS.

Cadeira nº 9

LUÍS PATRIOTA, empossado em 25 de novembro de 1957. Patrono — JORGE FERNANDES de Oliveira.

Cadeira nº 10

HONÓRIO RIBEIRO DANTAS, empossado em 22 de abril de 1964, substituindo, por eleição, o Mons. PAULO HERÔNCIO de Melo, empossado em 4 de fevereiro de 1958 e falecido em 1º de setembro de 1963. Patrono — Monsenhor JOSÉ DE CALAZANS Pinheiro.

Cadeira nº 11

SANDOVAL WANDERLEY, empossado em 20 de fevereiro de 1958. Patrono — EZEQUIEL WANDERLEY.

Cadeira nº 12

Prof. LUÍS Correia SOARES de Araújo, empossado em 21 de março de 1958. Patrono — Dr. HEITOR CARRILHO.

Cadeira nº 13

Antônio ANTIDIO DE AZEVEDO, empossado em 15 de abril de 1958. Patrono — VIVALDO PEREIRA de Araújo.

Cadeira nº 14

LUIZ GONZAGA de Souza, empossado em 16 de agôsto de 1958. Patrono — Dr. MOISÉS SOARES de Araújo

Cadeira nº 15

Prof. ULISSES Celestino de GÓIS, empossado em 28 de agôsto de 1958. Patrono — Monsenhor ALFREDO PEGADO Cortês.

Cadeira nº 16

Dr. JOSUÉ Tabira da SILVA, empossado em 9 de setembro de 1958. Patrono — PEDRO LOPES Cardoso Júnior.

Cadeira nº 17

SANTA de Brito GUERRA, empossada em 5 de abril de 1959. Patrono — ANA LIMA Pimentel.

INDICE

	Pág.
Um esteio da nossa Academia — Redação. . . .	5
Academia Potiguar de Letras — Marcos Falcão. .	7
Moisés Soares — Luiz Gonzaga de Souza	10
Monsenhor Pegado — Ulisses do Góis	30
Ulisses de Góis — Marcos Falcão	41
Pedro Lopes Júnior — Josué Silva . . , ...	49
Ad Sidera Semper — Jaime dos G. Wanderley . .	67
Ana Lima, poetisa de três sonhos — Santa Guerra	78
Saudação a Santa Guerra — Manoel Varela . . .	91
Angelina de Macedo — Oliveira Júnior	95
Um enamorado das Artes — Jaime dos G. Wanderley	102
José Martins de Vasconcelos — Cosme Lemos . .	114
Cosme Lemos — Luiz Gonzaga de Souza . . , .	125
Olavo Bilac — Antídio de Azevedo	137
Meu Destino — Cosme Lemos	153
Psicologia da dor e apologia da lágrima - Marcos Falcão	155
A quem chegou numa manhã de sol — Josué Silva	158
Assu — Antídio de Azevedo	160
Dr. João da Costa Machado	161
Dom Marcolino . , ...	168

ACADEMIA POTIGUAR DE LETRAS

QUADRO DOS ACADÊMICOS EMPOSSADOS

Cadeira nº 1

Dom MARCOLINO Esmeraldo de Souza DANTAS, empossado em 4 de dezembro de 1956. Falecido em 9 de abril de 1967. Patrono — Dom JOSÉ TOMAZ Gomes da Silva. Vaga.

Cadeira nº 2

MARCOS FALCÃO, empossado em 10 de janeiro de 1957. Patrono — ADRIEL LOPES Cardoso.

Cadeira nº 3

Dr. BOANERGES Januário SOARES de Araújo, emposado em 11 de abril de 1957. Patrono — PEDRO SOARES de Araújo.

Cadeira nº 4

Monsenhor José ALVES Ferreira LANDIM, empossado em 25 de abril de 1957. Patrono — Cônego PEDRO PAULINO.

Cadeira nº 5

Dr. JAIME DOS G. WANDERLEY, empossado em 14 de junho de 1957. Patrono — JUVENAL ANTUNES de Oliveira.

Cadeira nº 6

ANTÔNIO ALVES de Oliveira, empossado em 23 de junho de 1957. Patrono — PEDRO AVELINO.

Cadeira nº 7

Dr. JOSÉ BEZERRA GOMES, empossado em 17 de agôsto de 1957. Patrono — ANGIONE COSTA.

Cadeira nº 8

Monsenhor EYMARD L'E. MONTEIRO, empossado em 2 de setembro de 1957. Patrono — Cônego ESTÊVÃO José DANTAS.

Cadeira nº 9

LUÍS PATRIOTA, empossado em 25 de novembro de 1957. Patrono — JORGE FERNANDES de Oliveira.

Cadeira nº 10

HONÓRIO RIBEIRO DANTAS, empossado em 22 de abril de 1964, substituindo, por eleição, o Mons. PAULO HERÔNCIO de Melo, empossado em 4 de fevereiro de 1958 e falecido em 1º de setembro de 1963. Patrono — Monsenhor JOSÉ DE CALAZANS Pinheiro.

Cadeira nº 11

SANDOVAL WANDERLEY, empossado em 20 de fevereiro de 1958. Patrono — EZEQUIEL WANDERLEY.

Cadeira nº 12

Prof. LUÍS Correia SOARES de Araújo, empossado em 21 de março de 1958. Patrono — Dr. HEITOR CARRILHO.

Cadeira nº 13

Antônio ANTIDIO DE AZEVEDO, empossado em 15 de abril de 1958. Patrono — VIVALDO PEREIRA de Araújo.

Cadeira nº 14

LUIZ GONZAGA de Souza, empossado em 16 de agôsto de 1958. Patrono — Dr. MOISÉS SOARES de Araújo

Cadeira nº 15

Prof. ULISSES Celestino de GÓIS, empossado em 28 de agôsto de 1958. Patrono — Monsenhor ALFREDO PEGADO Cortês.

Cadeira nº 16

Dr. JOSUÉ Tabira da SILVA, empossado em 9 de setembro de 1958. Patrono — PEDRO LOPES Cardoso Júnior.

Cadeira nº 17

SANTA de Brito GUERRA, empossada em 5 de abril de 1959. Patrono — ANA LIMA Pimentel.

Cadeira nº 18

Olegário de OLIVEIRA JÚNIOR, empossado em 3 de setembro de 1959. Patrono — ANGELINA MACEDO.

Cadeira nº 19

Dr. JOÃO MEDEIROS Filho, empossado em 7 de janeiro de 1960. Patrono — Dr. HEMETÉRIO FERNANDES de Melo.

Cadeira nº 20

Dr. JOSÉ GOMES da Costa, empossado em 18 de fevereiro de 1960. Patrono — Dr. Manuel BENÍCIO de Melo FILHO.

Cadeira nº 21

COSME Corsino LEMOS, empossado em 17 de março de 1960. Patrono — José MARTINS DE VASCONCELOS.

Cadeira nº 22

FRANCISCO Augusto Caldas de AMORIM, empossado em 10 de julho de 1962, substituindo, por eleição, o acadêmico Dr. LUÍS ANTÔNIO Ferreira Souto dos Santos Lima, falecido em 10 de abril de 1961. Patrono — ALÍPIO BANDEIRA.

Cadeira nº 23

Dr. ANTÔNIO SOARES de Araújo Filho, empossado em 22 de outubro de 1961. Patrono — Dr. AUGUSTO LEOPOLDO Raposo da Câmara.

QUADRO DOS ACADÊMICOS NÃO EMPOSSADOS

Dr. Abelardo Calafange — Patrono - Dr. Raul Fernandes.

Des. Wilson Dantas, eleito em substituição ao Dr. Antônio Freire, que renunciou a cadeira. Patrono - Afonso Bezerra.

Dr. Djalma Aranha Marinho — Patrono - Dr. Orlando Dantas.

Djalma Maranhão — Patrono - Não escolhido.

Dr. Hélio Dantas — Patrono - Dr. José Gonçalves de Medeiros.

Dr. Israel Nazareno de Souza — Patrono - Dr. João Manoel de Carvalho Santos.

João Alfredo Pegado Cortês — Patrono - Dr. Alberto de Albuquerque Maranhão.

Dr. Claudionor Teológio de Andrade, substituindo, por eleição, o Dr. João da Costa Machado, falecido em 7 de novembro de 1965. Patrono - Dr. João Chaves.

Dr. João Vicente da Costa — Patrono - Tobias Monteiro.

Prof. José Saturnino de Paiva — Patrono - Prof. João Tibúrcio da Cunha Pinheiro.

Dr. Kerginaldo Cavalcanti — Patrono - Não escolhido.

Dr. Manuel Avelino — Patrono - Dr. Rodolfo Garcia.

Dr. Manuel Varela de Albuquerque — Patrono - Dr. Felipe de Brito Guerra.

Maria do Céu Pereira Fernandes — Patrono - Ulisses Telemaco.

Prof. Mário Cavalcanti — Patrono - Dr. Antônio José de Melo e Souza.

Dom Nivaldo Monte — Patrono - Mons. Severiano.

Otoniel Menezes de Melo — Patrono - Antônio Damasceno Bezerra.

QUADRO DOS PATRONOS AINDA NÃO ESCOLHIDOS

Dr. Adalberto Peregrino — André Rocha —
Dr. Braz de Melo — Dr. Ferro Cardoso —
Dr. Joaquim Inácio de Carvalho Filho

INDICE

	Pág.
Um esteio da nossa Academia — Redação. . . .	5
Academia Potiguar de Letras — Marcos Falcão. .	7
Moisés Soares — Luiz Gonzaga de Souza	10
Monsenhor Pegado — Ulisses do Góis	30
Ulisses de Góis — Marcos Falcão	41
Pedro Lopes Júnior — Josué Silva . . , ...	49
Ad Sidera Semper — Jaime dos G. Wanderley . .	67
Ana Lima, poetisa de três sonhos — Santa Guerra	78
Saudação a Santa Guerra — Manoel Varela . . .	91
Angelina de Macedo — Oliveira Júnior	95
Um enamorado das Artes — Jaime dos G. Wanderley	102
José Martins de Vasconcelos — Cosme Lemos . .	114
Cosme Lemos — Luiz Gonzaga de Souza . . . , .	125
Olavo Bilac — Antídio de Azevedo	137
Meu Destino — Cosme Lemos	153
Psicologia da dor e apologia da lágrima - Marcos Falcão	155
A quem chegou numa manhã de sol — Josué Silva	158
Assu — Antídio de Azevedo	160
Dr. João da Costa Machado	161
Dom Marcolino . , ...	168